



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DAVID DINIZ SWINGLER

**TABU LINGUÍSTICO: MAPEAMENTO DAS ATITUDES RELACIONADAS A
PALAVRÕES E À INFLUÊNCIA QUE OS FATORES SOCIAIS,
CONVERSACIONAIS, EMOCIONAIS E DE IDENTIDADE EXERCEM NO SEU USO
COTIDIANO**

JOÃO PESSOA – PB

2016

DAVID DINIZ SWINGLER

**TABU LINGUÍSTICO: MAPEAMENTO DAS ATITUDES RELACIONADAS A
PALAVRÕES E À INFLUÊNCIA QUE OS FATORES SOCIAIS,
CONVERSACIONAIS, EMOCIONAIS E DE IDENTIDADE EXERCEM NO SEU USO
COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na área de concentração *Teoria e Análise Linguística* e linha de Pesquisa *Diversidade e Mudança Linguística* para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

JOÃO PESSOA – PB

2016

S978t Swinger, David Diniz.
Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a
palavrões e à influência que os fatores sociais,
conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu
uso cotidiano / David Diniz Swinger.- João Pessoa, 2016.
165f. : il.
Orientador: Rubens Marques de Lucena
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Diversidade e mudança linguística.
3. Tabu linguístico. 4. Palavrões. 5. Atitudes linguísticas.
6. Teoria da acomodação.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

**TABU LINGUÍSTICO: MAPEAMENTO DAS ATITUDES RELACIONADAS A
PALAVRÕES E À INFLUÊNCIA QUE OS FATORES SOCIAIS,
CONVERSACIONAIS, EMOCIONAIS E DE IDENTIDADE EXERCEM NO SEU USO
COTIDIANO**

David Diniz Swinger

Dissertação aprovada em _____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
(Orientador)

Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos (UFPB)
Membro avaliador

Prof^a. Dr^a. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)
Membro avaliador

João Pessoa
2016

À minha querida esposa, Fabiana e aos
nossos três filhos, Samuel, Yasmin e
Nicholas.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, a DEUS, pelo dom da vida, por minha saúde e por me proporcionar tantas oportunidades de crescimento e aprendizado; por Sua presença em minha vida, mesmo quando eu menos mereço; por conceder-me paciência, energia e motivação para continuar nessa caminhada; a quem sou eternamente grato.

A UFPB, pelo ensino gratuito de qualidade e a CAPES, pela bolsa de estudos, que não somente viabilizou esse sonho, mas que também me motivou a concluir o que eu havia começado.

Ao professor Dr. Rubens Marques de Lucena, meu orientador, por acreditar em mim e por sua constante presença e orientação durante essa experiência tantas vezes estressante. Obrigado por sua motivação, flexibilidade e paciência extrema.

Aos frequentadores da Praça da Alegria, que destinaram parte de seu precioso tempo para participarem desta pesquisa. Certamente, nada disso seria possível sem vocês.

À minha querida esposa, Fabiana Petrucci Swinger por sua preciosa ajuda nos momentos mais críticos. Seu auxílio foi fundamental para a realização deste trabalho.

Aos meus filhos Samuel, Yasmin e Nicholas que, juntamente com minha esposa, são a melhor parte da minha vida; obrigado pelo amor, sacrifício e tolerância durante os momentos mais estressantes.

Aos meus sogros – meus segundos pais – pelo apoio incondicional.

Aos familiares, amigos e alunos que sempre me incentivaram e apoiaram nessa jornada.

Aos professores Dr. Denilson Pereira de Matos e Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa, pelo incentivo e contribuições realizadas a esse trabalho durante o exame de qualificação.

A Coordenadora professora Dra. Lucienne C. Espíndola, bem como aos funcionários da secretaria do PROLING pela competência no suporte de nossas necessidades acadêmicas.

E finalmente a todos os colegas e professores da pós-graduação pelo convívio e aprendizado.

“Some words are expensive. They can get you into arguments and fights. They can cost you your job. On the other hand, some can help to bring you success and money.”

Peter Garret

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E ESQUEMAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	15
1 OBJETO DE ESTUDO.....	22
1.1 A PERSPECTIVA NEUROPSICOSSOCIAL DOS PALAVRÕES.....	22
1.2 O LÉXICO TABU: CONSTRUÇÃO DE UMA LINGUAGEM FORTE E EMOCIONAL.....	23
1.2.1 Contexto e intenção.....	24
1.2.2 Denotação e conotação.....	25
1.2.3 Condicionamento psicossociocultural.....	27
1.2.3.1 Noções pragmáticas.....	28
1.2.3.2 A censura.....	29
1.3 PESQUISA REALIZADA POR FÄGERSTEN (2012)	30
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA.....	33
2.2 ATITUDE LINGUÍSTICA.....	36
2.3 TEORIA DA ACOMODAÇÃO.....	39
2.3.1 Convergência e divergência.....	40
2.3.2 Acomodação linguística e acomodação psicológica.....	41
2.3.3 Interface entre a Sociolinguística e a Psicologia Social.....	42
2.3.4 Teorias sociopsicológicas na TA.....	43
3 METODOLOGIA.....	46
3.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	46
3.1.1 Descrição do local da coleta de dados.....	46
3.1.2 Participantes.....	47
3.1.3 Procedimentos.....	47
3.1.4 Instrumentos.....	48
3.1.4.1 Questionário.....	49
3.1.4.2 Observação não-participante.....	49
3.1.4.3 Entrevista semiestruturada.....	50

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO.....	51
4.1 OBSERVAÇÃO DE USO ESPONTÂNEO DE PALAVRÕES.....	51
4.2 PALAVRA OFENSIVA VERSUS PALAVRÃO.....	53
4.2.1 Conceito de palavrão.....	53
4.2.2 Diferença entre <i>palavras ofensivas</i> e <i>palavrões</i>	57
4.2.3 Lista de palavrões: adições e exclusões.....	62
4.3 GRAU DE OFENSIVIDADE DE PALAVRAS.....	65
4.3.1 Intenção do locutor.....	67
4.3.2 Identidade e nível de intimidade entre os interlocutores	70
4.3.3 Contexto formal e informal.....	75
4.4 FREQUÊNCIA DE USO VERSUS GRAU DE OFENSIVIDADE.....	77
4.5 INFLUÊNCIA DOS FATORES SOCIAIS, CONVERSACIONAIS, EMOCIONAIS E DE IDENTIDADE.....	80
4.6 ANÁLISE SOB A ÓTICA DA ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE A – Perfil dos informantes do questionário	
APÊNDICE B – Perfil dos informantes da entrevista	
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
APÊNDICE D – Questionário	
APÊNDICE E – Formulário da observação não-participante	
APÊNDICE F – Roteiro da entrevista	
APÊNDICE G – Transcrição completa das entrevistas	
APÊNDICE H – Grau de ofensividade das palavras da lista (resultados individuais)	
APÊNDICE I – Frequência do uso das palavras da lista (resultados individuais)	
APÊNDICE J – Objetivos e estados emocionais, Tipos de conversa, Fatores que influenciam o uso de palavrões, Locais que influenciam o uso de palavrões, Interlocutores que influenciam o uso de palavrões (resultados individuais)	
ANEXO - Certidão de aprovação do Comitê de Ética	

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E ESQUEMAS

GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultados da tarefa 3 sobre as palavras da lista serem palavrões ou não.....	54
Gráfico 2: Resultado da questão quatro sobre se existe diferença entre palavras ofensivas e palavrões.....	58
Gráfico 3: Resultado da tarefa 5 sobre o status das palavras da lista como palavrões.....	62
Gráfico 4: Resultado da tarefa 6 sobre o acréscimo de palavrões à lista.....	64
Gráfico 5: Média do grau de ofensividade das palavras na lista de palavrões...	66
Gráfico 6: Conceito geral sobre a ofensividade das palavras na lista de palavrões.....	67
Gráfico 7: Frequência geral do uso de palavrões dos informantes.....	77
Gráfico 8: Frequência do uso de palavras específicas da lista.....	78
Gráfico 9: Esforço consciente dos informantes do questionário para não falar palavrões.....	81
Gráfico 10: Conceito sobre a existência de momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões.....	82
Gráfico 11: Médias dos objetivos e estados emocionais que influenciam (ou não) o uso de palavrões.....	85
Gráfico 12: Médias dos tipos de conversas que influenciam (ou não) o uso de palavrões.....	86
Gráfico 13: Médias dos fatores que influenciam (ou não) o uso de palavrões....	87
Gráfico 14: Médias relacionadas a influência de certos locais no uso de palavrões.....	89
Gráfico 15: Médias relacionadas à influência que certos interlocutores exercem no uso de palavrões.....	91
Gráfico 16: Importância da identidade no uso de palavrões.....	92

TABELAS

Tabela 1: Dados conversacionais sobre as observações do uso espontâneo de palavrões.....	52
Tabela 2: Comparação entre o grau de ofensividade e a frequência de uso das palavras da lista.....	79

ESQUEMAS

Esquema 1: Engrenagem linguísticopsicossocial na Acomodação Linguística (Chacon, 2012, p. 75).....	95
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

TA – Teoria da Acomodação

NPS – *Neuro-Psycho-Social Theory*

❖ **Q-INF/xx** – Informante do questionário

➤ **E-INF/xx** – Informante da entrevista

PESQ: - Fala do pesquisador (Entrevistas)

INF: - Fala do informante (Entrevistas)

RESUMO

O uso de palavrões não é algo novo no comportamento linguístico humano. Na verdade, acredita-se que eles são tão antigos quanto a própria linguagem. Estudos mostram que esse tipo de linguagem produz um forte impacto emocional que pode gerar tanto efeitos positivos, quanto negativos. Apesar de sua ubíqua presença na fala dos brasileiros, poucos estudos linguísticos foram produzidos sobre o assunto no Brasil. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo mapear as atitudes dos estudantes universitários frequentadores da Praça da Alegria relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano. De acordo com a literatura existente sobre atitudes linguísticas, não é incomum que constatemos uma lacuna no que diz respeito às atitudes professadas pelos indivíduos sobre certas línguas ou aspectos da linguagem, e o seu uso propriamente dito (comportamento linguístico). Estudos mostram que essa incoerência resulta da influência de fatores externos tais como contexto, tipo de interlocutor, local, etc., bem como fatores internos tais como crenças, emoções, intenções, etc. Assim sendo, a fim de melhor entender a relação entre atitudes sobre palavrões e o seu uso em interações sociais do dia-a-dia, realizamos essa investigação sociolinguística. O presente estudo é predominantemente qualitativo e foi fundamentado principalmente no aporte teórico da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação. O corpus utilizado foi composto de dados coletados entre 29 estudantes universitários em uma área de lazer conhecida como *Praça da Alegria*, situada na *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB), por meio de três métodos: questionário, observação não-participante e entrevista semiestruturada. Posteriormente, foram analisados os dados relacionados aos conceitos referentes as atitudes linguísticas e a Teoria da Acomodação, que por fim foram triangulados no intuito de garantir resultados mais precisos e confiáveis. Como resultado dessa pesquisa, foi constatado que: 1) a noção do significado do termo *palavrão*, de fato, varia de pessoa para pessoa, não obstante, existe, de modo geral, uma diferença entre a noção dos termos *palavrão* e *palavra ofensiva*; 2) o grau de ofensividade de uma palavra é sujeito à opinião do indivíduo; 3) quanto mais ofensiva uma palavra, menos usada ela é; e 4) os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade, de fato, influenciam consideravelmente na decisão do indivíduo de usar (ou não) esse tipo de linguajar.

Palavras-chaves: Tabu linguístico; Palavrões; Atitudes linguísticas; Teoria da acomodação.

ABSTRACT

There is nothing new about the use of swearwords in human language. In fact, it is believed that swearing is as old as language itself. Studies about swearing, as well as personal experience, show us that this type of language produces a emotional impact that can have both positive and negative effects. Despite its ubiquitous presence in the speech of Brazilians, few linguistic studies have been produced on the subject. Therefore, the present work aims at mapping out the attitudes of college students that frequent *Praça da Alegria* in regards to swearwords and the influence that social, conversational, emotional, as well as identity factors have in their day-to-day use. According to the existing literature on language attitudes, it is not unusual to encounter gaps or inconsistencies in relation to the language attitudes professed by individuals and what they actually do when they speak (language behavior). Studies show that this contradiction result from the influence of external factors such as context, interlocutor type, place, etc., as well as internal factors such as beliefs, emotions, intentions, etc. Thus, in order to understand the relation between attitudes held about swearwords and swearing in day-to-day social interaction, we have conducted this sociolinguistic research. The present study is of a qualitative nature and is based primarily on an Interactional Sociolinguistic and Ethnography of Communication framework. The corpus used is comprised of data collected from 29 college students at the *Universidade Federal da Paraíba* (the Federal University of Paraíba) in a recreational area known as *Praça da Alegria*, using three methods: questionnaires, direct (non-participant) observation and semi-structured interviews. After that, the data was analysed in accordance to the concepts found in Language Attitude theory, as well as Accommodation Theory; and then triangulated in order to guarantee more precise and reliable results. As a result, it was found that: 1) the idea of the meaning of the term *swearword*, in fact, varied from person to person, nevertheless, there was, in general, a difference between the meaning of the terms *swearword* and *offensive word*; 2) the degree of offensiveness of a word is subject to individual opinion; 3) the more offensive a word was considered to be, the less frequently it was said to get used; and 4) social, conversational, emotional and identity factors, in fact, influenced considerably the individuals decision to use or not use this type of language.

Keywords: Linguistic taboo; Swearing; Language attitudes; Accommodation Theory.

INTRODUÇÃO

O que é um palavrão? De acordo com o *Dicionário Aurélio*, o termo *palavrão* é uma *palavra obscena ou grosseira*. Ao pesquisar mais detalhadamente sobre o significado dessas palavras, constatamos que a palavra *obscena* se refere ao que é *torpe, lascivo e/ou contrário à decência ou ao pudor*. Já o significado de *grosseiro*, por sua vez, se refere ao que é *indelicado, incivil, indecoroso ou destituído de finura*. Apesar dos palavrões possuírem uma natureza muitas vezes considerada ‘ofensiva’, estudos de campo sobre a frequência de seu uso diário nos mostram que eles ocorrem numa frequência similar ao de pronomes de primeira pessoa do plural, fazendo do seu uso, uma prática comum da fala (JAY, 2009a; 1981). Na verdade, estima-se que dentre 15,000 – 16,000 palavras proferidas por um falante típico, 60-90 delas são palavrões (ver JAY, 2009b).

Em um estudo realizado por Souto Maior (2010), foram distribuídos mais de 3.500 questionários por todas as regiões do Brasil (e até mesmo em Portugal), entre indivíduos pertencentes a todas as esferas sociais com o intuito de coletar informações sobre palavrões e termos afins na língua portuguesa, pois segundo Souto Maior (2010, p. 13), o uso de palavrões é algo universal: “O mundo inteiro diz palavrão – homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas.” Nos dados coletados, os informantes expressaram suas opiniões sobre esse tipo de linguajar, fornecendo até mesmo uma definição sobre o assunto em questão. Os seguintes trechos são exemplos de algumas dessas definições (SOUTO MAIOR, 2010, p. 145-148):

Considero que o chamado *palavrão* é uma palavra igual a todas as demais, que por uma circunstância qualquer tornou-se maldita ‘no fundo, uma palavra vítima de um preconceito’. (JORGE AMADO – romancista)

Vocábulo que exprime ação, qualificação ou exclamação, com intenção de chocar, excitar ou ofender; agressão verbal; apelido dos órgãos e atos sexuais. (OLÍMPIO BONALD NETO – poeta)

Uma palavra ou expressão de baixo calão. Às vezes, fere. Noutras ocasiões, agrada. Depende da conotação e às vezes da entonação. (VERÍSSIMO DE MELO – etnógrafo)

É uma palavra como outra qualquer, em torno da qual foi criado um tabu. A palavra passou a ser proibida em certos ambientes porque alguns resolveram considerá-la *palavrão* [...]. (LUIZ LUNA – escritor)

É uma palavra de forte sentido. (ALDILENE FERREIRA DE SOUZA – doméstica)

É um fenômeno linguístico do submundo sociocultural. No palavrão existe, naquele que o profere, uma espécie de descarga emocional. Provoca ele uma sensação auditiva e uma emoção verbal que representam um certo alívio psicológico em situações críticas e desagradáveis. (HILDEBRANDO DE MELO – sacerdote, professor)

O *palavrão* é, acima de tudo, um mito criado pela sociedade de consumo acerca de umas poucas palavras usadas nos momentos de raiva e desespero. (SÉRGIO ROBERTO SERRÃO REINIGER – estudante)

É sabido que o uso de palavrões não é algo novo no comportamento linguístico humano. Na verdade, acredita-se que eles são tão antigos quanto a própria linguagem (VINGERHOETS, et al., 2013). Historicamente, o uso desse tipo de linguajar tem ocupado um lugar muito sombrio dentro das culturas e sociedades. Registros antigos como *A Bíblia Sagrada* apontam para o fato de que, em certas épocas, pronunciar certas palavras ou expressões constituía uma violação da lei. Em alguns casos, essa transgressão era punida com a morte (PINKER, 2007; ALLAN & BURRIDGE, 2006; JAY, 1992).

Embora os tempos tenham mudado, muitos países ainda estabelecem leis para proteger os seus cidadãos dos ‘efeitos nocivos’ da linguagem obscena. Na verdade, para muitas pessoas o uso de palavrões constitui um ato de violência verbal (STAPLETON, 2010). Nos Estados Unidos, por exemplo, a *Federal Communication Commission* (FCC) é a organização responsável por regular o discurso na mídia (PINKER, 2007; WAJNRYB, 2005; BATTISTELLA, 2005). Outras organizações, tais como *No Cussing Club* (nos Estados Unidos) e *The League Against Swearing* (na Holanda) posicionam-se fortemente contra o uso de profanidade (VINGERHOETS et al., 2013). Sobre a censura do palavrão no Brasil, Souto Maior (2010, p. 15) cita o Juiz Eliézer Rosa: “[O palavrão] pode ser enquadrado no Código Penal e na Lei das contravenções Penais. [Ele] escrito pode ser considerado crime; o dito na rua pode ser considerado contravenção. Tudo depende das circunstâncias de cada hipótese.” Esse ponto de vista, entretanto, tem criado muita controvérsia ao longo dos anos devido a questões políticas acerca da interpretação e aplicação das leis com relação à liberdade de expressão de um indivíduo (PINKER, 2007; BATTISTELLA, 2005). Aqueles que apoiam esse tipo de

lei, o fazem baseados na crença de que a linguagem ofensiva possui a habilidade de machucar aqueles que são expostos a ela, em especial as crianças.¹

Apesar do palavrão ser definido como obsceno, grosseiro, ofensivo ou agressivo, há quem defenda o seu uso. Stapleton (2010), Pinker (2007) e Jay (1999) explicam, por exemplo, que indivíduos frequentemente usam palavrões devido ao fato que eles fornecem uma intensidade para a fala que as palavras comuns não conseguem alcançar. Seguindo a mesma linha de pensamento, Wiecha (2009, p. 6 *apud* COLLET, 2011, p. 2) afirmou: “[...] a etiqueta sobre os palavrões não bane o uso deles, existem inclusive situações nas quais dizê-los pode ter um ‘resultado social positivo’”. Compreendemos com tais afirmações que o ponto de vista sobre a identidade social do palavrão é muito mais complexo do que apenas o sentido denotativo ou conotativo das palavras usadas.

Por mais de cem anos, estudiosos vêm tentando entender o fenômeno do palavrão. Em um dos primeiros estudos sobre o uso de linguagem suja e ofensiva, Patrick (1901) deparou-se com duas questões básicas. Primeiramente, ele queria entender por que falamos palavrões e segundo, por que usamos determinadas palavras ao fazê-lo. Desde então, o uso de palavrões tem sido estudado por pesquisadores interessados dos mais variados campos da ciência. Psicólogos, por exemplo, têm tido um interesse especial nos seus aspectos psicossocioculturais (PINKER, 2007; JAY, 1992), bem como sobre seu efeito sobre a dor (STEPHENS, ATKINS, & KINGSTON, 2009). Especialistas da área das neurociências têm registrado sua distinta presença em pacientes que sofrem de danos cerebrais ou doenças neurológicas como a síndrome Gilles de la Tourette e Alzheimer (VINGERHOETS et al., 2013; VAN LANCKER & CUMMINGS, 1999). Linguistas, por sua vez, têm estudado, entre muitos outros aspectos, suas funções pragmáticas nas interações sociais (FÄGERSTEN, 2012; DALY et al., 2004).

Apesar do interesse na pesquisa sobre o uso de palavrões por parte de alguns, muito pouco foi efetivamente produzido quando comparado aos muitos volumes de pesquisa sobre outros temas de interesse (FÄGERSTEN, 2012). Segundo Wajnryb (2005), isso talvez aconteça devido à crença que alguns pesquisadores têm de que a linguagem tabu é inapropriada e indigna da pesquisa

¹ Jay (2009b) aponta para o “harm thesis” como uma importante fonte de debate jurídico sobre a questão do uso de palavrões em público. Essa tese assume que as declarações ofensivas podem prejudicar as pessoas da mesma forma que uma agressão física.

científica. Uma atitude assim pode acarretar consequências negativas, pois, segundo Jay (1981), o estudo sobre o uso de linguagem obscena poderia nos oferecer um maior conhecimento sobre as emoções, e forças sociais por trás da linguagem, assim como outros processos linguísticos e psicológicos.

Estudos sociolinguísticos, cujo objeto de estudo é a língua falada em seu contexto social e a influência dos fatores sociais sobre ela, nos mostram que as motivações para o uso de tal linguajar podem ser as mais diversas. Em seu livro, Fägersten (2012) propôs que, para uma linguagem ser considerada vulgar, suja, má etc., ela precisa estar inserida em um contexto social em que o falante, ouvinte, ambiente e assunto em questão entre outros fatores – especialmente a reação dos participantes – sejam levados em consideração. Do mesmo modo, Jay (2009a) afirma que existe uma série de situações em que o uso de palavrões poderá promover harmonia e coesão social como nos casos em que eles são usados em piadas, sarcasmo, gírias, conversas de cunho sexual, entre outros.

Em seu argumento em defesa da produção de mais estudos sobre o assunto em questão, Fägersten (2012) cita outros estudiosos para enfatizar o fato de que a maioria das pesquisas relacionadas ao uso de palavrões não faz jus a sua real interpretação e intenção:

While the data elicited from such studies do indeed acknowledge the significant aspect of abuse in swear word usage, Winters and Duck (2001) warn that possible, non-aversive and relational functions of swearing “are missed by studies that use only vignettes or word lists to investigate swearing and profanity and that do not study the uses in real social situations” (p. 9-10).²

Tendo em vista a escassez de pesquisas sociolinguísticas sobre os palavrões e o seu uso no Brasil, a presente pesquisa pretende contribuir para este campo de investigação, criando, assim, uma base para que futuras pesquisas possam ser elaboradas e executadas, com o objetivo de desmistificar inúmeras incompreensões sobre o assunto em questão.

De modo geral, o presente trabalho tem como objetivo principal mapear as atitudes relacionadas a palavrões e o seu uso cotidiano, visando identificar, mais

² Embora os dados coletados em estudos desse tipo de fato reconheçam o significativo aspecto abusivo do uso de palavrões, Winters e Duck (2001) advertem que algumas outras funções relacionais e não aversivas do seu uso “não aparecem nos estudos que apenas usam vinhetas ou listas de palavras para investigar o uso de palavrões e obscenidades e que não estudam o seu uso em situações sociais reais (minha tradução).”

especificamente: 1) se existe um consenso entre os indivíduos acerca do conceito de *palavrão*, bem como o grau de ofensividade de certas palavras consideradas *palavrões*; 2) se existe uma correlação entre o grau de ofensividade dos *palavrões* e sua frequência de uso; 3) se certos fatores sociais, emocionais e conversacionais influenciam mais que outros no uso de *palavrões*; e finalmente, 4) como a identidade dos indivíduos (interlocutores) influencia o uso desse tipo de linguagem.

A partir do que foi apresentado, listamos as seguintes questões norteadoras:

1) Existe uma diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*?; 2) Existe um consenso entre as pessoas dessa mesma comunidade da fala acerca do grau de ofensividade das palavras consideradas *palavrões*?; 3) O grau de ofensividade das palavras influencia a frequência do seu uso?; 4) Quais fatores sociais, emocionais e conversacionais influenciam mais no uso de *palavrões*?; e 5) Como a identidade dos indivíduos influencia o uso de *palavrões*?

No tocante à primeira questão (Existe uma diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*?), foi levantada a hipótese de que os informantes não chegarão a um consenso sobre a diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*. De acordo com Fägersten (2012), diversos estudos mostram que as pessoas, de modo geral, não concordam sobre quais palavras são consideradas *palavrões*. O próprio Limbrick (1991, p. 79) observou que “[...] swearing resists concrete definition.”³ Essa confusão pode ser derivada do fato de que existe uma grande diversidade de rótulos que podem (ou não) estar associados à definição de *palavrões*, tais como: linguagem chula, linguagem obscena, linguagem ofensiva, palavras de baixo calão, xingamentos, linguagem vulgar, blasfêmia, profanidade, sacrilégio etc (FÄGERSTEN, 2012). Esse fato é agravado quando lembramos que qualquer palavra pode ser considerada um *palavrão*, desde que ela seja investida de peso emocional por uma comunidade da fala (MONTAGU, 1967 *apud* FÄGERSTEN, 2012).

Com relação à segunda questão norteadora (Existe um consenso entre os indivíduos dessa mesma comunidade da fala acerca do grau de ofensividade das palavras consideradas *palavrões*?), acreditamos que encontraremos uma inconsistência entre as respostas dos informantes no que diz respeito ao grau de ofensividade. Esta hipótese baseia-se nos resultados de um estudo realizado por

³ O uso de *palavrões* não permite uma definição concreta (minha tradução).

Fägersten (2012) com estudantes universitários na Universidade da Florida nos Estados Unidos, onde foi constatado que apesar dos informantes pertencerem a mesma comunidade da fala, o grau de ofensividade de cada palavrão foi classificado diferentemente.

Sobre a terceira questão norteadora (O grau de ofensividade das palavras influencia a frequência do seu uso?), esperamos que ela corrobore com o estudo de Fägersten (2012), em que foi constatado que as palavras consideradas mais ofensivas, foram também as mais usadas. Devido a esse resultado inesperado e aparentemente contraditório (pois pela lógica imaginamos que as palavras mais ofensivas sejam as menos usadas), a pesquisadora nomeou esse fenômeno de *Swearing Paradox*⁴.

No que diz respeito à influência dos fatores sociais, conversacionais e emocionais sobre o uso de palavrões, acreditamos que algumas variáveis serão mais influentes do que outras. Na pesquisa de Fägersten (2012), foi constatado que alguns homens evitam usar palavrões na presença de pessoas do sexo oposto, enquanto variáveis conversacionais e sociais, como tópico da conversa e lugar, não influenciaram de forma significativa seu uso. Por sua vez, Jay & Janschewitz (2008) apontam para pesquisas que mostram que o lugar possui uma forte influência na decisão de usar palavrões. De acordo com esses estudos, as pessoas estão mais dispostas a usar esse tipo de linguajar em ambientes mais informais do que nos formais. A partir desses resultados e de outros, foi elaborada a hipótese de que as variáveis mais influentes serão os fatores relacionados a questões interpessoais (distância social, status social, idade, sexo, etc.).

Com relação à quinta questão norteadora (Como a identidade dos indivíduos influencia o uso de palavrões?), a literatura sobre palavrões mostra que seu uso está fortemente relacionado às questões de identidade (FÄGERSTEN, 2012; STAPLETON, 2010; ALLAN & BURRIDGE, 2006; BATTISTELLA, 2005; JAY, 1999). Segundo estes estudos, a linguagem de cada indivíduo é um reflexo da sua criação e experiências pessoais. O nosso uso de palavrões pode (ou não) expor nossas crenças, ansiedades, sentimentos e atitudes subjacentes, bem como retratar a forma como nos vemos, em contraste com outras pessoas. Por exemplo, no estudo de Fägersten (2012), o uso de palavrões ocorreu de forma mais frequente entre

⁴ Paradoxo do Palavrão (minha tradução)

interlocutores com variáveis sociais semelhantes, tais como idade, status social, gênero e etnia. Outrossim, uma pesquisa realizada por Daly et al. (2004) salientou que quando usado entre amigos ou pessoas do mesmo grupo social (nesse caso específico, uma equipe de trabalhadores de uma fábrica de sabão), os palavrões podem ser vistos como um indicador de afiliação e/ou solidariedade endogrupal. Em vista dos dados apresentados, acreditamos que os nossos informantes demonstrarão que a identidade do interlocutor, bem como sua própria identidade, de fato, influenciam o seu uso de palavrões.

A presente dissertação foi estruturada em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo, ou seja, as atitudes relacionadas a palavrões e o seu uso cotidiano, por meio de uma breve revisão da literatura existente sobre o assunto em pauta. Em seguida, no capítulo dois, intitulado Fundamentação Teórica, são discutidas as teorias principais que fundamentaram essa pesquisa, a saber, as teorias sociolinguísticas (focando mais especificamente nas áreas da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação), a Atitude Linguística e a Teoria da Acomodação da Comunicação, respectivamente. O capítulo três, por sua vez, versa sobre a metodologia empregada com relação aos passos percorridos na realização da presente pesquisa. São apresentados dados relacionados ao local, participantes, procedimentos e instrumentos utilizados na coleta e análise dos dados. No capítulo quatro, apresentamos, por meio de gráficos, tabelas e trechos de fala, os resultados obtidos com os informantes. Esses dados são acompanhados por uma análise feita pelo pesquisador sob a ótica das teorias já mencionadas no capítulo dois. Por fim, apresentamos as conclusões alcançadas nessa pesquisa, bem como algumas considerações adicionais que acreditamos serem relevantes para futuros estudos nessa área.

1 OBJETO DE ESTUDO

Neste primeiro capítulo, apresentaremos um esboço geral sobre o objeto de estudo deste trabalho, ou seja, as atitudes relacionadas a palavrões e o seu uso cotidiano. Para tanto, dividimos o capítulo em três seções principais.

Na primeira seção, é apresentada a literatura proveniente de pesquisas que versam sobre palavrões e seu uso a partir de uma perspectiva neuropsicossocial (JAY, 2000).

Em seguida, apresentamos uma breve revisão sobre alguns pontos de vista teóricos relacionados à aquisição da linguagem materna e cognição, com o intuito de explicar o processo em que os indivíduos adquirem e desenvolvem as suas atitudes e o “*know how*” dessa linguagem forte e emocional.

E finalmente, apresentamos um resumo da pesquisa feita por Fägersten (2012) sobre os aspectos sociais do uso de palavrões em conversações, principalmente por sua relevância como base teórica e metodológica para o presente trabalho.

1.1 A PERSPECTIVA NEUROPSICOSSOCIAL DOS PALAVRÕES

A teoria Neuro-Psycho-Social (NPS), proposta por Jay (2000), busca descrever o processo em que os indivíduos adquirem e desenvolvem a capacidade de usar palavrões. Segundo a teoria, esse processo é o produto de três sistemas interdependentes: os sistemas neurológico, psicológico e sociocultural. Assim, cada sistema depende do outro para o próprio desenvolvimento: o sistema psicológico depende de um cérebro (o sistema neurológico), que, por sua vez, não pode desenvolver-se sem que exista uma interação entre os indivíduos dentro de um contexto sociocultural. Já o sistema sociocultural, é irrelevante sem a existência dos sistemas psicológico e neurológico, e assim por diante.

Em primeiro lugar, o sistema neurológico é o responsável pelo controle do uso da linguagem obscena, consistindo em dois sistemas neurais interligados: (a) o córtex cerebral e; (b) as estruturas subcorticais (o sistema límbico, a amígdala, e os gânglios basais). O córtex cerebral é responsável pela produção e compreensão do discurso, enquanto as estruturas subcorticais regulam as reações emocionais. Juntos, eles regulam as expressões verbais dos falantes para que elas ocorram em

diferentes níveis de consciência e controlabilidade. De acordo com a teoria NPS, os palavrões se desenvolvem nesses dois níveis, sendo que, em um deles, os palavrões são monitorados e controlados de forma consciente (discurso proposicional), enquanto no outro nível, eles são um reflexo automático e de difícil controle (discurso não-proposicional). Essa divisão é conhecida como lateralização.

O sistema psicológico, por sua vez, se desenvolve quando o sistema neurológico recebe *input* linguístico significativo através de interações com interlocutores dentro de um contexto sociocultural. Esse processo segue um curso de tempo de maturação que dependerá significativamente da experiência do indivíduo nesses contextos, bem como os traços de sua própria personalidade: “Psychological development includes variables that directly affect cursing, such as temperment, personality traits, religiosity, social rewards, and punishments” (JAY, 2000, p.20).⁵

Por último, o sistema sociocultural é responsável pelas informações sobre o uso de palavrões e suas restrições sociais:

Sociocultural knowledge regarding swearing, rudeness, or impoliteness is acquired as the product of living in a culture and contacting different communities of practice which reward, punish, or are indifferent to offensive speech (JAY & JANSCHWITZ, 2008, p.274).⁶

Nesse sistema, os fatores sociais e culturais, tais como noções sobre contexto, religião, tabu, poder e status, identidade, proibições, formalidades, etc., fornecem dados valiosos que são responsáveis pelo condicionamento psicológico, bem como o comportamento social, de cada membro de uma comunidade. Dessa forma, a criança aprende em quais condições o uso de linguagem tabu pode ser aceitável ou não, dependendo dos custos e benefícios de cada situação.

1.2 O LÉXICO TABU: CONSTRUÇÃO DE UMA LINGUAGEM FORTE E EMOCIONAL

Nessa seção, são examinadas a importância do contexto e as intenções do locutor na fase da aquisição de linguagem obscena. É discutido, também, como o

⁵ O desenvolvimento psicológico [do indivíduo] inclui variáveis que afetam diretamente o uso de linguagem obscena, tais como temperamento, traços de personalidade, religiosidade, e recompensas sociais e punições (minha tradução).

⁶ O conhecimento sociocultural sobre o uso de palavrões, grosseria, ou indelicadeza é adquirido como produto da vivência em uma determinada cultura e o contato com diferentes comunidades de prática que recompensam, punem ou são indiferentes ao discurso ofensivo (minha tradução).

uso de metáforas e significados conotativos, juntamente com a censura sociocultural, dão vivacidade e força emocional às palavras tipicamente relacionadas a temas tabus.

1.2.1 Contexto e intenção

O sentido (signo) de uma palavra, de acordo com Saussure, é o resultado de sua imagem-acústica (significante) e o seu conceito associado (significado) (SAUSSURE, 2012 [1916]). Desde Saussure, muitos outros teóricos têm descrito o conceito de representação linguística como consistindo de duas partes, uma delas sendo o símbolo, e a outra, uma referência no mundo perceptual (TOMASELLO, 1999). O problema com essas definições sobre o significado de uma palavra é que elas ignoram completamente a importância do contexto.

Tomasello (1999) salienta que, no processo de aprendizagem de uma língua, o sentido de uma palavra ou expressão dependerá do contexto sociocultural em que ela for aprendida e utilizada. Essa abordagem sócio-cognitiva (ou sócio-pragmática) no campo da aquisição da linguagem insiste que a linguagem é adquirida e interpretada através de interações significativas com outros indivíduos *in situ*, onde as intenções dos falantes são percebidas. Em outras palavras, o significado de uma palavra ou expressão depende (entre outras coisas) de um entendimento comum por parte dos interlocutores sobre os símbolos e seus respectivos referentes, a percepção das intenções do falante, bem como o contexto em que o enunciado é feito.

Segundo Hymes (1974), todos esses componentes comunicativos são adquiridos dentro, do que ele chama, de “matriz social”:

Within the social matrix in which it acquires a system of grammar a child acquires also a system of its use, regarding persons, places, purposes, other modes of communication, etc. – all the components of communicative events, together with attitudes and beliefs regarding them (p. 75).⁷

Consideramos que a aquisição de linguagem tabu não é uma exceção.

⁷ Dentro da matriz social na qual se adquire o sistema gramatical, uma criança adquire também um sistema de seu uso com relação a pessoas, lugares, objetivos, outros modos de comunicação, etc. – todos os componentes de eventos comunicativos, juntamente com atitudes e crenças relacionadas a eles (minha tradução).

1.2.2 Denotação e conotação

Segundo Tomasello (1999), nas primeiras fases da aquisição da linguagem a criança descobre que existem muitas formas diferentes de expressar um conceito ou uma ideia:

[...] durante as primeiras fases da aquisição da linguagem a criança descobre que existem muitos modos diferentes de olhar para a mesma situação; a criança aprende que o adulto está escolhendo um modo, em contraposição a outros modos diferentes, de simbolizar a cena referencial – e aprende a fazer a mesma coisa. Às vezes posso pedir por um objeto com algum termo genérico, mas às vezes é preferível uma situação que leve em conta aspectos mais específicos da situação particular (p. 167).

Quando ouvimos uma palavra isolada, a primeira impressão mental que temos normalmente é a do seu significado semântico ou denotativo (ex. *macaco* = um mamífero da ordem dos primatas, de corpo peludo e cujo habitat são as florestas). No entanto, o sentido denotativo de uma palavra pode ser usado para facilitar a compreensão de uma ideia ou para criar um efeito emocional no ouvinte, transferindo assim, as qualidades do denotatum (*source/vehicle domain*) para outro referente (*target domain*) a título de comparação ou de correspondência e mistura (CROFT & CRUSE, 2004) como demonstrado na frase: “Vá tomar no cu, seu macaco!” (xingamento racista). O resultado dessa transferência se refere ao sentido conotativo de uma palavra como explicado a seguir:

In general, words have not just a denotation but a connotation: an emotional coloring distinct from what the word literally refers to [...]. The difference between a taboo word and its genteel synonyms, such as shit and feces, cunt and vagina, or fucking and making love, is an example of the distinction (PINKER, 2007, p.3).⁸

Em relação à linguagem obscena, as metáforas e símiles são frequentemente responsáveis por transformar o que seriam lexemas inofensivos, em expressões disfêmicas. Por exemplo, Jay (1992) nota que antes da invasão normanda da área geográfica atualmente conhecida como Grã-Bretanha, palavras como *shit* (merda) e *fuck* (foda/foder) eram usadas para denotar *fezes* e *penetração/penetrar*, sem

⁸ As palavras, de modo geral, não são apenas dotadas de sentidos denotativos, mas também de conotativos: um sentido emocional e distinto do seu sentido literal [...]. A diferença entre uma palavra tabu e o seu sinônimo, tais como merda e fezes, boceta e vagina, ou foder e fazer sexo, é um exemplo dessa distinção (minha tradução).

carregar um sentido conotativo disfêmico como carrega hoje em dia. De acordo com Tomasello (1999), essa transformação torna-se possível, pois:

As construções metafóricas indicam a liberdade e flexibilidade desse processo, já que podemos dizer que *A vida é uma praia* ou *A corça está mercadejando seus dotes*. Em todos os casos, pois, o uso de um determinado símbolo linguístico implica a escolha de uma determinada perspectiva ou ponto de vista sobre a entidade ou evento, e, em muitos casos, uma função num contexto (TOMASELLO, 1999, p.166).

Consideremos as palavras *diarreia* e *merda* como exemplos. A representação mental que a palavra *diarreia* evoca é tão desagradável (ou até mais) quanto à ideia impressa na mente de alguém pela palavra *merda*. Então, por que a palavra *merda* é utilizada como expletivo (ex. “*Que merda!*”), enquanto *diarreia* (ex. “*Que diarreia!*”) não é? Segundo Pinker (2007, p. 357), este processo de seleção linguística é construído socialmente de forma arbitrária dentro da comunidade da fala: “People treat an unpleasant word as taboo to the extent that everyone else treats it as taboo, so the status of the words may be at the mercy of the boom-and-bust epidemiology that sets the fate of words and names in general.”⁹

Uma vez que as noções de significado simbólico e de ofensa são adquiridas socialmente, a comunidade em que o indivíduo vive é quem decidirá se uma palavra será considerada tabu ou não. É interessante mencionar que a maioria das palavras tabus se originam dos mesmos tópicos gerais como religião, partes do corpo, práticas sexuais, fluidos e secreções corporais, etnia, minorias, doenças e morte (VINGERHOETS et al., 2013; PINKER, 2007; ALLAN & BURRIDGE, 2006; WAJNRYB, 2005; JAY, 1992). Isso acontece, em geral, devido ao fato de que a maioria das culturas e sociedades ao redor do mundo consideram os mesmos tópicos como geradores de emoções negativas. Atividades sexuais ilícitas e forçadas, blasfêmias contra a deidade, fluidos e secreções corporais que transmitem doenças consideradas repugnantes, e assim por diante, carregam um peso social e psicológico considerado, pela maioria das pessoas, demasiadamente desagradável, desrespeitoso e/ou inaceitável para serem mencionados em público. Novamente, ponderando sobre o assunto, Pinker (2007, p.369) afirmou:

⁹ As pessoas consideram uma palavra desagradável como um tabu até que todos estejam fazendo o mesmo, portanto o status de uma palavra pode estar à mercê do processo imprevisível que define o destino das palavras e dos nomes em geral (minha tradução).

I suspect that our sense of offense comes from the nature of speech recognition and from what it means to understand the connotation of a word. If you're an English speaker, you can't hear the words *nigger* or *cunt* or *fucker* without calling to mind what they mean to an implicit community of speakers, including the emotions that cling to them.¹⁰

Jay (1981) aponta que, em muitos casos, o uso conotativo dos palavrões aumenta o seu poder de chocar o ouvinte mais do que se fossem usados de forma denotativa. Por exemplo, a palavra *bosta*, quando usada com o seu significado literal de excremento (ex. “*Acho que pisei numa bosta*”), terá um menor impacto no ouvinte do que quando utilizado com o intuito de insultar e degradar (ex. “*Você é um bosta!*”). Porém, quando uma palavra ou expressão atinge o status de tabu em uma comunidade da fala, vê-la ou ouvi-la é o suficiente para fazer um indivíduo sentir-se incomodado. Nesse momento, a palavra obscena em questão não precisa mais ser usada no seu sentido figurado a fim de criar um impacto emocional (PINKER, 2007). Isto é, palavras consideradas palavrões não necessitam apresentar qualquer analogia óbvia entre o *vehicle domain* e *target domain*, mas podem simplesmente ser usadas por suas funções pragmáticas (demonstrar raiva, frustração e/ou ofender alguém etc.). Um exemplo relevante acerca disto vem de pesquisas que mostram crianças pequenas (idades entre 2-3 anos) usando palavrões de forma consistente e convencionalmente adequada com seus contextos e usos, sem compreender plenamente o significado de tais palavras (ver JAY, 1992).

1.2.3 Condicionamento psicossociocultural

Ninguém nasce falando palavrão. Adquirimos a linguagem obscena através dos falantes da comunidade em que somos criados; e na comunidade onde interagimos socialmente e linguisticamente:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2003, p.282-283).

¹⁰ Suspeito que o nosso senso de ofensa provenha da natureza do reconhecimento da fala e do que significa entender a conotação de uma palavra. Se você é um falante da língua inglesa, você não conseguirá ouvir as palavras *nigger* ou *cunt* ou *fucker* sem vir a sua mente o que elas significam para uma comunidade implícita de falantes, incluindo as emoções que estão atreladas a elas (minha tradução).

1.2.3.1 Noções pragmáticas

A forma que um indivíduo aprende palavrões, xingamentos, etc. e suas funções pragmáticas é um processo complicado de se entender e investigar. Alguns pesquisadores acreditam que o seu uso esteja talvez relacionado ao choro (VINGERHOETS et al., 2013; PINKER, 2007; WAJNRYB, 2005). De fato, os palavrões possuem funções intra- e interpessoais semelhantes tanto para crianças, quanto para adultos, tais como expressar sentimentos de forte emoção em momentos de dor, desconforto, tristeza extrema, medo, frustração, entre outros. Por outro lado, o choro é completamente instintivo (é uma das primeiras coisas que os humanos fazem ao nascer, não precisando que alguém os ensine), o uso de palavrões não é.

O aprendizado sobre palavrões é iniciado cedo no desenvolvimento da linguagem infantil (VAN LANCKER & CUMMINGS, 1999). De acordo com Jay (1992), as crianças aprendem a usar palavrões aproximadamente entre a idade de um ano e a puberdade. Isso acontece naturalmente enquanto elas entram em contato com indivíduos que usam esse tipo de linguajar (CEZARIO & MARTELOTTA, 2010; TOMASELLO, 1999). É sugerido que esse processo começa quando elas observam as práticas linguísticas dos pais. Desse momento em diante, o contato com irmãos, familiares, colegas de escola e outros adultos também fará uma contribuição linguística significativa (JAY, 1992).

Ao ouvirem certas palavras e expressões ofensivas sendo usadas em uma variedade de contextos, as crianças desenvolvem noções significativas de pragmática. Uma criança poderá, por exemplo, ouvir um dos pais pronunciar o palavrão escatológico, “*Bosta!*”, após derrubar um copo no chão, machucar o dedo do pé numa cadeira ou depois de atender um telefonema frustrante. Em outra situação, ela poderá ouvir a saudação, “*Diga aí, seu bosta!*”, enquanto um dos pais cumprimenta um amigo íntimo em um supermercado. Em cada um dos casos, as palavras contextualizadas (acompanhadas por fatores prosódicos e não verbais) assumem um significado pragmático distinto que, por sua vez, serve como modelos para os jovens aprendizes.

No entanto, embora as crianças percebam que certas palavras podem ser usadas para demonstrar raiva, frustração, insultar ou até mesmo provocar o riso, elas não sabem instintivamente quais palavras e expressões são consideradas

tabus ou proibidas. Em outras palavras, apesar do conhecimento funcional adquirido deste tipo de experiência, o poder emocional ou *shock value* que acompanha esse tipo de linguagem não pode ser completamente sentido ou entendido enquanto não tenha sido desafiado pela resistência sociocultural; um tipo de condicionamento prescritivo normalmente referido como censura.

1.2.3.2 A censura

A censura, de acordo com Allan & Burrige (2006, p. 13), é definida como “[...] the suppression or prohibition of speech or writing that is condemned as subversive of the common good.”¹¹ Em essência, a finalidade da censura seria de proteger os indivíduos de influências que possam prejudicá-los, quer fisicamente, psicologicamente ou moralmente.¹²

A censura da linguagem começa geralmente em casa (JAY, 1992). Curiosamente, esse é o mesmo local onde os palavrões são inicialmente ouvidos e aprendidos. Allan & Burrige (2006) apontam, por exemplo, que não é natural que as crianças achem fluídos corporais (uma fonte comum dos léxicos tabus) repulsivos, e que a sensação de nojo é um comportamento adquirido através dos pais durante o período em elas estão aprendendo usar o banheiro e em outras ocasiões similares. É durante esse período que as crianças ouvem os adultos pronunciarem expressões do tipo, “Eca! Isso é nojento!” etc. Ao ouvirem e absorverem esse tipo de informação, elas desenvolvem noções de nojo e repulsa juntamente com a capacidade de construir enunciados significativos a esse respeito. Ao fazê-lo, pais e outros responsáveis (ex. cuidadores, professores) poderão reagir de formas diferentes que, a longo prazo, fornecerão a carga emocional que torna algumas palavras mais poderosas e cheias de tensão do que outras: “They may laugh at the child or smile, rewarding the word, or become angry and physically or verbally punish

¹¹ [...] a supressão ou proibição da fala ou da escrita que é condenada como subversiva do bem comum (minha tradução).

¹² Battistella (2005) lista as formas em que as pessoas acreditam que o uso de palavrões pode ser prejudicial. São elas: produz impressões indesejáveis na mente das crianças; fomenta desrespeito para com a autoridade, podendo resultar em insegurança pública; interrompe processos civis; leva a uma atmosfera na qual a sexualidade é inapropriadamente enfatizada; fere e perturba a paz; cria um ambiente mais aceitável para a intolerância e; força os indivíduos a pensar nos conceitos ofensivos subjacentes aos palavrões.

the child. The reactions provide the emotional background that make some words more powerful and tension-filled than others” (JAY, 1992, p.19-20).¹³

Além da censura parental inicial experimentada em casa, a ideia de tabu é mais reforçada (e a sua capacidade de chocar intensificada) quando instituições educacionais, religiosas e governamentais ensinam e impõem regras com a intenção de reprimir essa chamada “doença social”.¹⁴ O receio em torno de certas palavras e expressões se intensifica quando as crianças são chamadas à atenção por seus professores e/ou punidas por usarem palavrões na escola e/ou quando são ensinadas na igreja sobre o pecado da blasfêmia e o uso de linguagem obscena. Além disso, essas inibições são reforçadas quando a mídia social expõe casos onde a violação das leis concernentes às condutas sociais resultou em ações legais contra os seus infratores.¹⁵ No entanto, o estigma produzido como efeito de tal censura parece possuir dois lados. Enquanto a noção de tabu é formada, essas palavras também produzem um efeito estimulante nos sentidos e na imaginação do falante (ALLAN & BURRIDGE, 2006). Como resultado disso, ao invés de deter o seu uso, a censura as torna tentadoras (BATTISTELLA, 2005), estimulando os falantes a usá-las no intuito de obter certas reações de seus interlocutores.

1.3 PESQUISA REALIZADA POR FÄGERSTEN (2012)

Para finalizar esse capítulo, apresentamos um estudo realizado nos Estados Unidos por Fägersten (2012) sobre os aspectos sociais do uso de palavrões em conversações.

Em sua pesquisa, foram coletados dados entre alunos de graduação da Universidade da Flórida através de questionários, entrevistas e da observação não participante, com o intuito de comparar as atitudes professadas pelos informantes e o comportamento deles.

¹³ Eles podem achar engraçado e sorrir para a criança, premiando-a pelo que disse, ou tornar-se irritado, punindo a criança verbalmente ou fisicamente. As reações fornecem o fundo emocional que torna algumas palavras mais poderosas e cheias de tensão do que outras (minha tradução).

¹⁴ Wajnryb (2005, p. 11) cita a colaboradora da revista britânica *Daily Mirror*, Melanie Phillips, como tendo condenado o uso de palavrões como “a doença da sociedade” pois, demonstra “uma ausência de autocontrole” e age como um catalisador para a erosão dos valores morais e consideração pelo próximo.

¹⁵ O caso da jovem mulher brasileira, Patricia Moreira, que virou notícia quando foi pega em vídeo chamando o goleiro do time do Santos de “Macaco”. Ela e mais três outras pessoas foram indiciadas legalmente pelo ocorrido.

O corpus do estudo constituiu em um total de 528 usos espontâneos de palavrões registrados em diversos contextos de uso, bem como outros dados sobre questões sociais, contextuais e de identidade coletados através de 60 questionários e 11 entrevistas entre os membros da comunidade universitária em questão.

Foram constatados através dos dados analisados os seguintes resultados:

- Os homens que participaram da pesquisa falaram palavrões com maior frequência do que as mulheres; inclusive, foram constatados entre eles, mais casos de *self-echo swearing* (múltiplas ocorrências de uso no mesmo enunciado).
- Ambos, homens e mulheres, usaram (geralmente) os mesmos palavrões com uma frequência semelhante.
- Foram usados mais palavrões nas interações com indivíduos do mesmo sexo e menos palavrões nas interações com indivíduos do sexo oposto.
- Os palavrões foram usados com maior frequência como um ato de solidariedade entre amigos (uma questão de identidade e distanciamento social).
- Quando contextualizadas, a classificação de ofensividade das palavras dependia mais da forma em que elas eram usadas, do que de quem as usou.
- Quando contextualizado, o uso denotativo dos palavrões foi classificado como mais ofensivo do que o seu uso conotativo.
- Existe evidência de que o contexto social e significado semântico dos palavrões influenciaram de modo significativo o grau de ofensividade percebido pelos informantes.
- Os palavrões classificados como mais ofensivos foram aqueles que os informantes classificaram como os mais utilizados.
- O grau de ofensividade de cada palavrão foi classificado de forma extremamente diferente, apesar dos informantes pertencerem a mesma comunidade de fala.
- O uso de palavrões ocorreu de forma mais frequente entre interlocutores com variáveis sociais semelhantes, tais como: idade, status social, gênero e etnia (questões de identidade endogrupal).
- Variáveis como tópico da conversa e lugar não influenciaram de forma significativa o uso de palavrões.

- Os palavrões quando usados entre amigos ou pessoas do mesmo grupo social, demonstram afiliação e/ou solidariedade endogrupal.
- A maioria dos informantes dos questionários e das entrevistas consideraram o seu próprio uso de palavrões aceitável, porém inaceitável para certos grupos de pessoas específicos, tais como: idosos, crianças e mulheres.
- Alguns dos homens admitiram que evitam usar palavrões na presença de pessoas do sexo oposto e que consideram esse tipo de comportamento inadmissível na presença de mulheres.
- O uso de palavrões, além de demonstrar solidariedade endogrupal entre os interlocutores, poderá também ser utilizado para divergir com o interlocutor como um indicador de identidade exogrupal.
- A maioria dos informantes consideraram esse tipo de linguajar um marcador aceitável de sua própria identidade social.

A seção que se segue tratará do embasamento teórico que fundamenta essa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de compreender melhor o presente trabalho, faz-se necessário um embasamento teórico acerca das teorias e concepções que fundamentam essa pesquisa.

Segundo Lyons (1981), a relação entre os tabus sociais e o comportamento linguístico é algo que se enquadra no âmbito da sociolinguística. Dito isto e devido à natureza qualitativa desse estudo, iniciaremos esse capítulo apresentando uma visão geral da área de estudos sociolinguísticos, focando mais especificamente nas áreas da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação.

Em seguida, serão abordadas as atitudes linguísticas (área de estudo primordial dessa pesquisa) que visam analisar e explicar a complexa correlação entre as atitudes sobre a linguagem e comportamento linguístico (KAUFMANN, 2011).

Por fim, ao compreendermos que existe uma certa inconsistência entre as atitudes expressas pelos indivíduos e o real comportamento deles (KAUFMANN, 2011), abordaremos a Teoria da Acomodação – teoria sociolinguística formulada no âmbito da Psicologia Social (LEITE, 2011) que busca determinar como os falantes acomodam-se linguisticamente aos seus interlocutores, bem como busca explicar a razão pela qual eles modificam sua fala em determinadas situações.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma área da linguística que estuda os aspectos da relação entre a língua e sociedade. Segundo Bright (1974), o objetivo da Sociolinguística deveria ser o de “[...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (p. 56).

É relevante mencionar que os estudos sociolinguísticos ganharam força e se firmaram como uma ciência na década de 1960 com as pesquisas empíricas do linguista americano William Labov, partindo do princípio de que a variação e a mudança são inerentes à língua e que por esse motivo elas devem ser sempre levadas em conta na análise linguística (CEZÁRIO & VOTRE, 2010). Dessa forma, a

linguagem é vista como um instrumento de comunicação heterogêneo e variável, devendo ser analisada dentro de contextos sociais, levando em consideração não apenas os seus aspectos fonológicos, lexicais, semânticos e estruturais, mas também a influência que os fatores sociais têm sobre ela (por exemplo: sexo, idade, escolaridade, relacionamento entre os interlocutores, tópico da conversa, intenção do falante, reação do ouvinte, entre outros). Desde então, pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas, principalmente da sociologia, psicologia e antropologia, têm demonstrado interesse pelo estudo desse segmento da linguística, contribuindo sobremaneira para avanços no estudo da linguagem em contextos sociais.

De acordo com Ducrot & Schaeffer (1972 [1995]), os estudos sociolinguísticos podem ser analisados sob a ótica de três tipos de abordagens distintas, porém interligadas, conhecidas como: a Sociolinguística Variacionista, a Sociolinguística Interacional, e a Etnografia da Comunicação. Entretanto, como foi mencionado no início desse capítulo, devido à natureza qualitativa do presente estudo, essa seção focalizará mais nas áreas da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação.

A Sociolinguística Interacional surgiu como uma vertente da Sociolinguística, através das observações e dos estudos do antropólogo/linguista, John J. Gumperz. Ela concentra-se nas investigações sobre o uso da linguagem e o contexto no qual essa interação se desenvolve. Com isso, observa-se como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de um determinado ambiente social. De acordo com Ducrot & Schaeffer (1972 [1995]), observações dessa natureza são essenciais nos estudos da fala, pois preocupam-se em integrar as dimensões pragmática e interacional na análise dos fatos da variação social.

Nessa linha de pesquisa, os elementos não-verbais e paralinguísticos são considerados indispensáveis. De acordo com Ouriques (2009), os 'novos elementos', tais como características expressivas, paralinguísticas e cinéticas, são parte do comportamento da fala e precisam ser levados em consideração nas análises dessas interações verbais. Segundo Gumperz (2002 *apud* Ouriques, 2009), esses fatores, conhecidos como *pistas de contextualização*, oferecem esclarecimentos relacionados ao sentido e a real intenção das enunciações, como um todo. Segundo ele, essas 'pistas' são divididas em quatro tipos: pistas linguísticas (alternância de código, dialeto ou de estilo); pistas paralinguísticas (valor

das pausas, tempo da fala, hesitações etc.); pistas prosódicas (entonação, acento, tom etc.); e pistas não-verbais (direcionamento do olhar, distância entre interlocutores, postura, gestos etc.). Dessa forma, a Sociolinguística Interacional analisa o discurso dos falantes, somado a elementos paralinguísticos e não-verbais no intuito de formular uma análise mais precisa sobre o verdadeiro sentido da fala no ato comunicativo.

Segundo Ducrot & Schaeffer (1972 [1995]), os estudos sociolinguísticos podem ser realizados também, através de uma perspectiva antropológica conhecida como Etnografia da Comunicação. Desenvolvida pelo antropólogo/linguista Dell Hymes, a Etnografia da Comunicação, estuda e analisa o ato social da fala com o pressuposto de que a interação verbal reflete a ‘competência comunicativa’ dos falantes de uma comunidade, ou seja, o grupo ou conjunto de regras estabelecidos socialmente e que permitem o uso apropriado da competência gramatical (DUCROT & SCHAEFFER, 1972 [1995]). Esse conceito leva em conta que o uso adequado de uma língua, depende tanto do conhecimento sobre seus aspectos linguísticos, quanto dos aspectos culturais e contextuais. Em outras palavras, o domínio de uma língua exige que o falante tenha um conhecimento pleno não apenas no que diz respeito aos seus aspectos estruturais, mas como essas estruturas se organizam em diferentes contextos e situações sociais dentro de uma cultura específica. Dessa forma, compreendemos que:

A etnografia da comunicação tem base tanto linguística quanto antropológica, assumindo a comunicação como um meio de se fazer sentido do mundo, sendo ela parte integrante da cultura. Nela, a língua é vista como estando simultaneamente constrangida pela cultura, bem como a revelando e sustentando (SOUZA LEÃO & BENÍCIO DE MELLO, 2007, p. 2).

As pesquisas na área da Etnografia da Comunicação são qualitativas por natureza e tradicionalmente realizadas através de diferentes formas de observação e interação, como afirma Saville-Troike (2003, p. 4):

Doing ethnography in another culture involves first and foremost fieldwork, including observing, asking questions, participating in group activities, and testing the validity of one's perceptions against the intuitions of natives. Research design must allow an openness to categories and modes of

thought and behavior which may not have been anticipated by the investigator.¹⁶

Assim, o pesquisador pode triangular os dados coletados por meio da observação não participante (incluindo qualquer aspecto da interação considerado relevante) com dados mais explícitos coletados através das entrevistas etnográficas realizadas com os indivíduos observados, bem como com outros membros da comunidade. Dessa forma, o pesquisador estará mais apto a tirar suas próprias conclusões sobre a relação entre a fala dos membros de uma comunidade e suas crenças e costumes.

2.2 ATITUDE LINGUÍSTICA

Definido principalmente por Wallace Lambert, o estudo das atitudes sobre a linguagem começou nos anos 1960 (FRANCÊS JUNIOR, 2014). Antes desse período, estudos dessa natureza não eram considerados relevantes, pois a abordagem behaviorista considerava a linguagem um comportamento, e não uma atividade cognitiva ou mental (SCHIFFMAN, 1997 *apud* OVANDO, 2013).

De acordo com Quasthoff (1987, p. 786 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 122), uma atitude é “[...] um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada.” Ayzen (1988, p. 4 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 122) por sua vez, afirma que “uma atitude é uma disposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa, instituição ou evento.” Por meio dessas duas definições podemos concluir pelo menos dois conceitos importantes, como afirma Kaufmann (2011, p. 122): primeiro, “atitudes [são] vistas como disposições mentais [que] são arraigadas na mente do indivíduo”; e segundo, “atitudes não podem ser consideradas completamente isoladas de fenômenos no âmbito de grupos, por exemplo, normas sociais.”

A linguagem, segundo Garrett (2010), influencia nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos cotidianos. Essa influência acontece em todos os

¹⁶ Realizar pesquisas etnográficas em outra cultura envolve principalmente trabalho de campo, incluindo observação, entrevistas, observação participante e testar a validade de suas percepções contra as intuições dos nativos. O projeto da pesquisa deve permitir uma abertura para categorias e modos de pensamento e comportamento possivelmente inesperados para o investigador (minha tradução).

níveis, por exemplo, no nível da nossa pronúncia, palavras, gramática, pontuação, dialetos, etc. Na verdade, fazemos julgamentos e somos julgados diariamente no que diz respeito à nossa maneira de nos comunicar. Nosso entendimento sobre a linguagem poderá influenciar a maneira como tratamos outras pessoas, bem como a nossa percepção individual de quem realmente somos. Atitudes assim, sejam elas positivas ou negativas, muitas vezes resultam em estereótipos sociais: produto de crenças socioculturais passadas de geração em geração (BOURHIS, 1997). Os estereótipos negativos por sua vez, podem resultar em uma estigmatização de certos usos da linguagem, como é o caso, por exemplo, dos palavrões e das palavras ofensivas.

Vimos na introdução deste trabalho que o uso de palavrões poderá resultar em graves consequências para os seus falantes. Diante desse fato, os interlocutores tendem a ter um comportamento mais cuidadoso no que diz respeito ao uso desse tipo de linguajar em suas interações sociais. Sabemos que a nossa atitude com relação a certos tipos de linguagem, bem como a forma que julgamos a identidade e os atitudes de nosso ouvinte, poderá influenciar a nossa fala. Em síntese, se sabemos (ou acreditamos) que nosso ouvinte costuma usar palavrões, podemos decidir usar esse tipo de linguagem a fim de convergirmos melhor com ele. Por outro lado, se acreditamos que o nosso ouvinte não se sente confortável ao ouvir palavrões, provavelmente evitaremos o seu uso, dependendo de nossos objetivos (ver a próxima seção sobre a Teoria da Acomodação). Reconhecemos, assim, que o que acreditamos saber sobre as atitudes do nosso ouvinte com relação ao uso de palavrões, influenciará sobremaneira a nossa decisão de usá-los (ou não) em nossas interações sociais.

Segundo Kristiansen (1997), as atitudes linguísticas são entidades psicológicas complexas que envolvem conhecimento e sentimento, bem como comportamento. Em outras palavras, atitudes são entidades 'reais' que não podem ser observadas diretamente (GARRETT, 2010). Essa complexidade inerente, de acordo com Lasagabaster (2004, p. 401 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 125), torna-se aparente através da lacuna existente no que diz respeito ao que as pessoas dizem que fazem, e o que elas realmente fazem: "Apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem o comportamento social [...] parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que elas fazem (seu comportamento de fato)."

A fim de justificar essa incoerência, Vandermeeren (2005, p. 1321 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 127) aponta que existem outros fatores (além de crenças, normas sociais etc.) que podem influenciar essa relação atitude-comportamento: “A força da relação entre atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais. Consequentemente, uma mesma atitude pode levar a manifestações que parecem inconsistentes umas com as outras devido ao impacto da mudança de variáveis contextuais.”

No que diz respeito à investigação das atitudes linguísticas, Kaufmann (2011) distingue dois métodos de levantamento de dados: implícitos (indiretos) ou explícitos (diretos). Geralmente, os métodos explícitos tentam verificar diretamente a atitude do informante sobre uma questão específica por meio de tarefas onde os colaboradores, por exemplo, deveriam se posicionar numa *likert scale*¹⁷ com relação a uma afirmação específica. O problema com esse método reside no fato de que as pessoas podem abster-se de falar a verdade facilmente, especialmente com relação a questões mais delicadas (como as questões relacionadas a tabus sociais). Por outro lado, os métodos implícitos (ou indiretos) envolvem “a prática de técnicas mais sutis (até mesmo enganadoras) do que as perguntas diretas” (GARRETT, 2005, p. 1252 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 131). Provavelmente o método indireto mais famoso na área da Sociolinguística é a *Matched Guise Technique* desenvolvida por Lambert e descrito a seguir por Vandermeeren (2005, p. 1322 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 131):

A *Matched Guise Technique* levanta as atitudes para com diferentes línguas ou variedades de uma língua usando como estímulo duas (ou mais) leituras de um texto idêntico gravado por uma pessoa bi ou multilíngue. Os informantes escutam a gravação e, depois disso, têm que qualificar os falantes das duas versões usando um *Semantica Differential* com pares de adjetivos como *simpático-antipático* ou *inteligente-não inteligente*.

Kaufmann (2011, p. 131-132) complementa essa descrição acrescentando que:

Como o falante e, consequentemente, sua voz são os mesmos em todas as leituras, as diferenças na avaliação deveriam refletir as atitudes dos informantes para com as diferentes línguas/variedades. Neste sentido, o

¹⁷ Uma escala normalmente com 5 ou 7 pontos bipolares verbalizados de *concordo fortemente* até *discordo fortemente* (KAUFMANN, 2011, p. 130).

método é indireto, porque os informantes acham que avaliam as pessoas, mas, na verdade, avaliam as línguas/variedade que escutam.

Mesmo com esse tipo de refinamento, as pesquisas na sociolinguística poucas vezes chegam ao nível da Sociopsicologia, na qual se trabalha com um grande número de testes para poder definir detalhadamente a formação de atitudes e o vínculo entre atitudes e comportamento.

2.3 TEORIA DA ACOMODAÇÃO (TA)

De acordo com Garrett (2010), quando falamos, fazemos escolhas. Como as escolhas linguísticas envolvem processos mentais, bem como fatores contextuais, os estudos sobre a linguagem em contextos sociais de interação têm interessado especialistas e pesquisadores dos diversos ramos das ciências sociais, tais como das áreas da Sociolinguística e Psicologia Social, respectivamente.

A partir dessa perspectiva, o uso da língua pode ser visto não apenas como um comportamento linguístico, mas, também, como um comportamento sociopsicológico onde as mudanças no discurso são feitas (de forma consciente ou inconsciente) perante uma multiplicidade de fatores culturais, sociais e linguísticos. Portanto, essas duas áreas de estudo têm demonstrado um interesse especial na observação e documentação dessas mudanças com o intuito de compreender melhor a influência dos processos sociopsicológicos nas situações de interação comunicativa. Para Garrett (2010, p. 105), essa visão híbrida de investigação é indispensável em estudos sobre as atitudes linguísticas: “The study of language attitudes needs to take account of these (shifts), since the psycho-social processes that attitude research deals with are also those that inform choices that we make in interaction.”¹⁸

A primeira teorização, desenvolvida pelo psicólogo social, Howard Giles, foi baseada em questões sociopsicológicas e nomeada de *Teoria da Acomodação da Fala* (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991). A questão central dessa teoria girava em torno do fato de que durante as interações comunicativas os indivíduos costumam modificar seus padrões de fala (ex. sotaque, dialeto, velocidade de fala, pausas, etc.) com o intuito de atingir determinados resultados (GILES et al., 2011). Ao longo dos anos, novas observações foram gradualmente acrescentadas à essa

¹⁸ O estudo de atitudes linguísticas precisa considerar essas (mudanças), pois os processos psicossociais que são envolvidos em pesquisas de atitudes são, também, aqueles que informam as escolhas que fazemos nas interações. (minha tradução).

teoria e ela foi renomeada de *Teoria da Acomodação da Comunicação* (TA), reconhecendo que não apenas as características da fala desempenham um papel importante no processo dos ajustes comunicativos, mas também, outros comportamentos comunicativos como, por exemplo, os fatores não-verbais (GILES et al., 2011). Em versões mais recentes da TA, a relevância dos fatores sociais tem sido discutida devido a sua influência na decisão do falante de convergir ou divergir com o seu ouvinte como explica Gallois & Callan (1991, p. 253-254):

Recent versions of CAT also address the influence of social settings on speaker and listener behavior in cross-ethnic interactions. Gallois et al. (1988) proposed that situational variables add to a person's initial orientation toward a conversational partner in influencing the addressee focus taken, and thus the strategies used and the evaluations made. They considered two main aspects of situations. The first is situational norms, in particular, formality. The second consideration is the extent to which a situation is threatening.¹⁹

2.3.1 Convergência e divergência

As duas estratégias básicas da TA são *convergência* e *divergência*, respectivamente. De uma forma geral, a convergência se refere à estratégia utilizada pelo falante na tentativa de reduzir as dessemelhanças linguísticas e comunicativas entre ele e o interlocutor. Em oposição, a divergência é caracterizada pelo aumento dessas dessemelhanças (GARRETT, 2010; GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991). Além dessas duas estratégias principais mencionadas, existe uma outra chamada de *manutenção*. Ela ocorre quando o falante nem converge, nem diverge no seu padrão de discurso em suas interações (GARRETT, 2010).

Na sua formulação original, Giles propôs que os falantes convergem com o objetivo de ganhar aprovação social ou divergem com o intuito de dissociar-se, criando assim um distanciamento social. Um exemplo disso pode ser visto quando, por exemplo, o suspeito de um crime adapta seus traços fonológicos, prosódicos e/ou léxicos aos do interrogador, acreditando que assim aumentará a sua confiabilidade (um tipo de aprovação social). Todavia, se por algum motivo ele

¹⁹ Versões recentes da TA também abordam a influência que os ambientes sociais exercem no comportamento do falante e ouvinte em interações inter-étnicas. Gallois et al. (1988) propôs que as variáveis situacionais exercem influência na orientação inicial de um indivíduo em direção a um parceiro de conversação ao influenciar a forma que ele vê o seu ouvinte, as estratégias usadas e as avaliações feitas. Ele considera dois aspectos situacionais principais. O primeiro seria normas situacionais, em particular, a formalidade. A segunda consideração seria a medida que a situação se torna ameaçadora.

acreditar que seus traços comunicativos diferentes e distintos poderão trazer-lhe algum tipo de benefício, ele poderá manter ou acentuar esses traços de identidade, distanciando-se socialmente do seu interlocutor.

Estratégias desse tipo podem ocorrer de diversas formas e com múltiplos objetivos. Por exemplo, o falante poderá adaptar a sua fala trocando o seu idioma por outro. Isso chama-se de *code-switching*. Além do mais, é possível convergir ou divergir em diversos níveis fonológicos (sotaques, pronúncias, etc.), léxicos (formais ou informais, etc.), prosódicos (tom de voz, ritmo de fala, etc.), extralinguísticos (gestos, postura, expressões faciais, etc.), e comportamentais (agressividade, senso de humor, etc.). É importante ressaltar que quando conversamos, utilizamos muitos desses componentes simultaneamente, porém não necessariamente com o mesmo objetivo. Isso quer dizer que as pessoas podem convergir e divergir em diferentes aspectos ao mesmo tempo, enquanto ainda focada em um único objetivo social (estratégia chamada de *mixed accommodations*).

2.3.2 Acomodação linguística e acomodação psicológica

A distinção entre acomodação linguística e acomodação psicológica surgiu da observação do comportamento objetivo na comunicação, que em muitos casos, se opõe a motivação psicológica. Em outras palavras, a manifestação concreta da convergência linguística nem sempre significa que o emissor da mensagem deseja, de fato, aproximar-se socialmente do receptor. O mesmo pode ser dito sobre divergência linguística. Para exemplificar bem esse comportamento, é válido citar Garrett (2010) ao explicar que homens e mulheres com interesses românticos poderão divergir linguisticamente com o objetivo de atrair o sexo oposto:

An example of psychological accommodation is provided by Giles, Coupland and Coupland (1991:33): males and females with romantic interests in each other might diverge to prototypically strong and soft communicative patterns respectively in many communities where traditional sex role ideologies abound. But the romantic motivations suggest this is better interpreted as complementarity, or psychological convergence, rather than labelling it only as divergence on the basis of the descriptive communication features.²⁰

²⁰ Um exemplo de acomodação psicológica é dado por Giles, Coupland & Coupland (1991, p. 33): homens e mulheres com interesses românticos podem divergir linguisticamente para padrões comunicativos prototipicamente fortes e suaves respectivamente em muitas comunidades onde ideologias tradicionais sobre gênero são abundantes. Mas, as motivações românticas sugerem que uma interpretação melhor nesse caso seria de complementaridade, ou de convergência psicológica, ou invés de rotulá-lo apenas como divergência na base das características descritivas comunicativas. (minha tradução).

Um outro exemplo de relevância é o estudo sobre abuso verbal (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991) e o uso de palavrões (FÄGERSTEN, 2012). Na pesquisa realizada por Fägersten, por exemplo, os interlocutores eram frequentemente ouvidos convergindo linguisticamente através do uso de palavrões²¹ apesar de muitas vezes essas ocorrências de convergência concreta serem resultantes de aborrecimentos ou outras divergências sociais ou ideológicas. Em outras palavras, foi constatado que muitas pessoas que usaram palavrões em suas interações sociais não tiveram a intenção de aproximar-se socialmente do receptor, mas sim, de provocar um distanciamento social.

2.3.3 Interface entre a Sociolinguística e a Psicologia Social

Na sociolinguística, a língua é vista e compreendida como uma instituição social onde os contextos situacionais, culturais e históricos dos seus usuários estão inevitavelmente ligados à realidade do seu uso como meio de comunicação (CEZARIO & VOTRE, 2010). Já que um de seus principais objetivos seria estudar e entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística em uso na sociedade, é importante lembrar que a TA foi formulada no âmbito da Psicologia Social (LEITE, 2011). Portanto, a fim de compreender a sua complexidade é necessário familiarizar-se com as teorias sociopsicológicas que compõem a sua base, bem como o seu papel na interface com a sociolinguística.

A fim de explicar a necessidade de estudos desse tipo na análise e descrição da linguagem em interações sociais Leite (2011, p. 1019-1020) afirma:

No que se refere aos estudos que lidam com atitudes linguísticas, estreita relação entre a Psicologia e a Sociolinguística ocupa a pauta de atividades investigativas desde a década de setenta. Quanto à Sociolinguística, os estudos revelam que a variação da linguagem não deve ser completamente explicada considerando-se apenas fatores sociais e situacionais: é preciso, também, que se considerem as normas, valores e padrões de prestígio em uma comunidade linguística. Já os estudos desenvolvidos no âmbito da Psicologia Social trazem informações importantes que podem ajudar o linguista a melhor compreender o comportamento linguístico de seus informantes. Sendo assim, a inter-relação entre essas duas áreas do saber e o conhecimento produzido pelos pesquisadores filiados a cada uma delas

²¹ De acordo com Fägersten (2012, p.119-120) e Garrett (2012, p.117), esse tipo de convergência lexical é conhecida como *mirroring* e *echoing* e consiste na repetição idêntica ou parecida das palavras usadas por um falante no enunciado adjacente do seu interlocutor.

constituem-se em um eixo importante e fecundo de estudos que podem orientar as pesquisas linguísticas.

2.3.4 Teorias sociopsicológicas na TA

As principais teorias sociopsicológicas envolvidas na composição teórica da TA são: Teoria da Identidade Social, *Similarity-Attraction*, *Social Exchange Process*, *Casual Distribution*, e *Intergroup Distinctiveness*. Cada uma dessas teorias acrescenta mais conhecimento no que se refere à influência dos processos sociopsicológicos na relação entre atitudes linguísticas e o comportamento linguístico em interações comunicativas.

Uma das teorias sociopsicológicas que busca explicar as mudanças linguísticas e comunicativas nas interações sociais é chamada Teoria da Identidade Social. Tajfel (1974) definiu a Identidade Social como o conhecimento que cada indivíduo tem de pertencer a uma determinada sociedade e grupos sociais cuja filiação implicará características e valores específicos. Ele sugere que quando os membros de um grupo interagem com membros de um outro grupo, eles fazem comparações entre si baseados nas características que lhe são importantes. Essas características podem ser habilidades, qualidades pessoais, bens materiais, etc. A avaliação interpessoal faz com que os membros de um determinado grupo valorizem, ou até mesmo, criem determinadas características que, na sua percepção pessoal, serão vistas de forma positiva por membros de outros grupos. Essa percepção contribui para a elevação da autoestima, criando, assim, uma identidade social positiva (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991). Segundo Gallois, Ogay & Giles (2005), o nosso padrão de fala é uma das maneiras de que sinalizamos essa distinção.

A teoria de *Similarity-Attraction*, por sua vez, busca explicar uma das razões que leva o interlocutor a convergir. Para West & Turner (2010) isso acontece quando os participantes se sentem atraídos um pelo outro. De forma semelhante, Byrne (1969 *apud* BULL, 2002, p. 60) descreve que, “The more similar our attitudes and beliefs are to those of others, the more likely it is for them to be attracted to us.”²²

²² Quanto mais semelhantes forem as nossas atitudes e crenças com as dos outros, será mais provável que eles se sintam atraídos por nós. (Minha tradução)

Essa convergência pode ser considerada como aprovação social (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991; GILES & ST. CLAIRE, 1979).

Além do desejo de ganhar a aceitação dos outros, cada indivíduo, antes de interagir, delibera entre os custos e os benefícios de cada curso de ação (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991; GILES & ST. CLAIRE, 1979). Esse processo é chamado de *Social Exchange Process*. Dependendo dos motivos e objetivos do falante, ele poderá decidir se os benefícios da convergência superam os custos da manutenção da identidade (ou não).

Na teoria de *Causal Attribution Process*, cada receptor interpreta o comportamento de seu emissor, avaliando-o quanto as suas motivações e intenções (KRAUSS & CHIU, 1998; GILES & ST. CLAIRE, 1979). Os psicólogos sociais acreditam que esse tipo de julgamento apresenta três fatores que poderão motivar os falantes a convergir ou divergir: o esforço, a pressão externa e a habilidade (GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991). Por exemplo, se um ouvinte acredita que o locutor está convergindo com o intuito de colmatar uma lacuna cultural (esforço pessoal), há uma boa chance de que esse locutor seja julgado de uma forma mais favorável do que se a ação fosse realizada por obrigação (pressão externa) (GARRETT, 2010).

A teoria sociopsicológica conhecida como Intergroup Distinctiveness é semelhante à Teoria da Identidade Social (GILES & ST. CLAIRE, 1979). Numa sociedade, cada indivíduo pertence a uma categoria social distinta. Isso, de certa forma, determina o que sabemos, acreditamos, valorizamos e queremos (KRAUSS & CHIU, 1998). Segundo essa teoria, nas trocas sociais comunicativas, os membros de diferentes grupos comparam-se entre si. Quando isso acontece, os participantes buscam algo para se destacarem de forma positiva, distinguindo-se dos seus interlocutores por meio de traços linguísticos com o intuito de reforçar a sua identidade social (GILES & ST. CLAIRE, 1979) e associação com certas categorias sociais. A partir dessa motivação divergente surgiram as noções de *in-group* (endogrupo) e *out-group* (exogrupo); noções que se referem a grupos sociais. Uma boa exemplificação desse conceito pode ser encontrada nos resultados de uma pesquisa realizada por Bourhis & Giles (1977 *apud* GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991), onde galeses possuidores de fortes valores patrióticos foram questionados sobre as técnicas de aprendizagem utilizadas na aquisição do idioma galês como uma segunda língua. Em certo ponto da entrevista, o entrevistador

perguntou quais eram as motivações que eles teriam para aprender uma “língua quase morta e com um futuro sombrio” (p. 9). Em resposta a esse questionamento depreciativo, alguns dos informantes acentuaram o seu sotaque galês ao responderem à pergunta, enquanto outros utilizaram palavras e expressões no próprio idioma galês. Os pesquisadores entenderam que ao agirem dessa forma, os entrevistados identificarem-se com o seu endogrupo (nesse caso os galeses), escolhendo distanciar-se do entrevistador; membro de um outro grupo social (exogrupo).

3 METODOLOGIA

A presente seção tem como objetivo a apresentação dos procedimentos metodológicos empregados na investigação sobre o uso de palavrões entre os brasileiros, nesse caso específico, estudantes universitários da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), frequentadores da Praça da Alegria situada no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Consideramos de fundamental importância mencionar que o esboço do método de coleta de dados desta pesquisa é uma adaptação de um estudo realizado por Fägersten (2012).

Desta maneira, abordaremos os aspectos constituintes que compõem esta parte da pesquisa, descrevendo-os na seguinte ordem: constituição do *corpus* (3.1), que inclui uma descrição do local da coleta de dados (3.1.1); perfil dos participantes (3.1.2); procedimentos (3.1.3); e instrumentos utilizados na coleta de dados (3.1.4), que por sua vez se dividem em três tipos – questionário (3.1.4.1), observação não-participante (3.1.4.2), e entrevista semiestruturada (3.1.4.3).

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

3.1.1 Descrição do local da coleta de dados

Todos os dados que compõem a presente pesquisa foram coletados em uma área de lazer conhecida como *Praça da Alegria* situada dentro dos limites do *Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)* da *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*, próxima aos departamentos de Filosofia, História, Psicologia, Letras Estrangeiras Modernas, Letras Clássicas e Vernáculas, Serviço Social, Ciências Sociais e Mídias Digitais, bem como seus cursos de pós-graduação.

Cientes do grande desafio de coletar dados espontâneos de uso de palavrões em situações reais, decidimos que o lugar mais propício para fazê-lo seria a *Praça da Alegria*, por possuir a fama de ser um lugar que reúne os mais diversos tipos de frequentadores e onde podemos encontrar alunos, professores, funcionários da universidade, prestadores de serviço e visitantes lanchando, estudando, comprando livros, tocando música, fumando e, de modo geral, relaxando e interagindo uns com os outros de forma descontraída.

3.1.2 Participantes

O corpus deste estudo é composto de um total de 29 estudantes universitários da UFPB, frequentadores da *Praça da Alegria* do CCHLA. Vinte desses informantes – 11 homens (55%) e 9 mulheres (45%) – responderam ao questionário, enquanto 9 informantes – 4 homens (44.44%) e 5 mulheres (55,55%) – foram observados e posteriormente entrevistados.

Devido à natureza possivelmente ofensiva dessa pesquisa, foi requerido que os participantes tivessem uma idade mínima de 18 anos, a fim de evitar possíveis problemas futuros com pais ou responsáveis que porventura não estivessem de acordo com o objeto de estudo do trabalho em questão. Todos os informantes dessa pesquisa tinham idades entre 18 – 29 anos.

Outros detalhamentos relacionados ao perfil dos informantes podem ser examinados nos APÊNDICES: A (Perfil dos informantes do questionário) e B (Perfil dos informantes da Entrevista) desse trabalho.

3.1.3 Procedimentos

Os participantes foram abordados pelo pesquisador na *Praça da Alegria* que logo se apresentava como aluno da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba/PROLING. Foram explicados a cada um deles o objetivo e a importância da pesquisa, e solicitada sua colaboração voluntária para responder um questionário que levaria em média 20 minutos para ser respondido. Cada questionário foi numerado e entregue ao participante em um envelope e depois de respondido, devolvido ao pesquisador, lacrado.

Antes da aplicação de cada questionário, os informantes leram e assinaram duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – um documento exigido na Resolução 466/126 do Conselho Nacional de Saúde relacionado aos direitos e deveres dos participantes nas pesquisas científicas²³. O pesquisador esclareceu aos participantes que eles poderiam retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa por qualquer motivo (mesmo depois de sua participação),

²³ Ver APÊNDICE C

sem prejuízo algum. Foi garantido, também, o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas e dados pessoais a fim de que eles pudessem responder os questionamentos com a máxima sinceridade e liberdade possível.

Os informantes das entrevistas foram escolhidos através de uma observação prévia baseada no seu uso espontâneo de palavrões em conversas informais. O pesquisador e sua ajudante procuravam sentar-se próximo a grupos de amigos/conhecidos na *Praça da Alegria* do CCHLA para observá-los. Quando ouviam algum palavrão, anotavam o enunciado, o tom de voz em que foi dito e a reação dos interlocutores, entre outros.²⁴ Logo em seguida, abordavam o falante, se apresentavam, explicavam sobre a pesquisa (de modo geral) e solicitavam a sua colaboração para participar de uma entrevista que levaria em média 5 – 10 minutos.

Antes do início da entrevista, foram passadas as mesmas instruções dadas aos informantes do questionário quanto à confidencialidade de todas as informações fornecidas e à importância de responderem as perguntas com o máximo de sinceridade possível.

Além disso, foi solicitado que eles preenchessem uma ficha de caracterização e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as etapas relacionadas à entrevista (entrevistas, o preenchimento da ficha de caracterização e a leitura e assinatura do Termo de Consentimento) levaram em torno de 20 minutos para serem concluídas.

3.1.4 Instrumentos

Devido à natureza descritiva do objeto desse estudo, foram utilizados três métodos qualitativos de coleta de dados (questionário, observação não-participante e entrevista semiestruturada). De acordo com Flick (2013), essa fusão de métodos se torna viável através de uma triangulação de dados, que tem como objetivo garantir explicações mais precisas (FÄGERSTEN, 2012), que por sua vez, aumentarão a confiabilidade da pesquisa (CAVALCANTE & MOITA LOPES, 1991), bem como evitará que uma perspectiva específica do pesquisador se sobreponha de modo a forçar ou manipular resultados.

²⁴ Os dados de difícil interpretação coletados durante a fase de observação foram esclarecidos e anotados durante a entrevista que seguiu.

3.1.4.1 Questionário

O questionário desse estudo²⁵ foi elaborado para ser respondido por ambos os sexos. Seu conteúdo foi dividido em 4 seções compostas de escalas de classificação, questões de múltipla escolha e questões abertas, permitindo, assim, acesso a dados objetivos e subjetivos. As questões foram formuladas cuidadosamente com o intuito de ajudar os informantes a exporem suas opiniões, crenças, sentimentos e experiências relacionadas ao uso de palavrões.

A seção 1 foi dividida em 6 tarefas e teve como objetivo verificar a opinião dos participantes sobre questões relacionadas a sua percepção quanto ao grau de ofensividade de certas palavras e a diferença entre palavras ofensivas e palavrões. A seção 2 foi dividida em 20 tarefas e teve como objetivo verificar informações sobre o uso pessoal de palavrões dos informantes em contextos específicos e suas opiniões sobre essa prática. A seção 3 foi dividida em 2 tarefas e teve como objetivo verificar a opinião pessoal dos informantes sobre o uso de palavrões de modo geral e como eles se sentiram ao responder o questionário. E a seção 4 teve como objetivo coletar dados pessoais sobre o perfil dos participantes.

Posteriormente, todos os dados foram organizados em gráficos e tabelas para facilitar sua análise.

3.1.4.2 Observação não-participante

Todos os enunciados espontâneos foram registrados pelo pesquisador e sua ajudante em um formulário²⁶ preparado especificamente para esta tarefa. Esse formulário foi elaborado de uma forma padronizada, permitindo ao pesquisador registrar outros dados relevantes (contextuais, paralinguísticos e não-verbais), tais como: sexo do falante e ouvinte(s), relacionamento entre os interlocutores, tópico da fala, tom de voz e reação do(s) ouvinte(s).

Posteriormente, esses dados foram organizados em tabelas para facilitar a sua análise.

²⁵ Ver APÊNDICE D

²⁶ Ver APÊNDICE E

3.1.4.3 Entrevista semiestruturada

A decisão de usar essa técnica de coleta de dados derivou do fato de que esse formato permite ao pesquisador examinar o fenômeno em questão de modo mais profundo do que normalmente seria possível através de questionários (FÄGERSTEN, 2012).

A entrevista consistiu de 12 questões²⁷ elaboradas com o intuito de ajudar os informantes a exporem suas atitudes (opiniões, crenças e sentimentos) e experiências relacionadas ao seu uso pessoal de palavrões e sobre essa prática em geral.

Cada entrevista foi iniciada com perguntas relacionadas ao enunciado proferido pelo entrevistado e capturado durante a fase de observação, e posteriormente, focalizou em perguntas sobre o seu uso pessoal de palavrões e sentimentos sobre essa prática.

Todas as entrevistas foram gravadas pelo pesquisador com um gravador digital portátil (aparelho celular da marca LG, modelo 4GLTE), e posteriormente transcritas²⁸ e arquivadas em um computador a fim de facilitar sua análise.

²⁷ Ver APÊNDICE F

²⁸ Para acessar as transcrições completas ver APÊNDICE G

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos o *corpus* coletado para esta pesquisa com o objetivo de apresentar as atitudes dos informantes sobre algumas palavras específicas que podem ser consideradas ofensivas ou nomeadas como palavrões, o seu uso, e como os fatores sociais, emocionais, conversacionais e de identidade podem influenciar o emprego dessas palavras em situações reais de uso entre os interlocutores.

Como foi mencionado na seção de procedimentos metodológicos, os dados dessa pesquisa foram coletados através de três instrumentos: questionário, observação não-participante e entrevista semiestruturada. Dessa forma, os dados dos 29 informantes (20 através de questionário e 9 através da observação e entrevistas) foram analisados, comparados e triangulados com o objetivo de fornecer e construir uma descrição mais consistente e fiel do fenômeno em questão.

Primeiramente, são apresentados os dados conversacionais sobre o uso espontâneo de palavrões dos informantes coletados durante a observação não-participante. Em seguida, apresentamos os dados sobre a atitude dos informantes no que se refere ao grau de ofensividade de palavras e expressões que podem ou não ser consideradas palavrões. Posteriormente, exibimos os resultados sobre a opinião dos informantes no que diz respeito a diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*. Adiante, apresentamos os dados referentes a relação entre o grau de ofensividade das palavras na lista e a frequência de uso mencionada pelos informantes. Na sequência, levamos em consideração os dados sobre a influência dos fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade na decisão de usar (ou não) palavrões nas interações da fala. E por fim, fazemos uma breve análise dos dados coletados referentes à palavrões e seu uso sob a ótica da Acomodação Linguística.

4.1 OBSERVAÇÃO DO USO ESPONTÂNEO DE PALAVRÕES

Como mencionado na seção três de metodologia, foram registrados, pelo pesquisador, usos espontâneos de palavrões de 9 estudantes-frequentadores da Praça da Alegria do CCHLA da UFPB. Consideramos esses dados importantes para a nossa pesquisa devido ao fato de representarem ocorrências concretas de uso de

palavrões em situações reais no mesmo lugar (e entre a mesma comunidade de fala) onde foram realizadas as entrevistas e aplicados os questionários sobre as atitudes relacionadas a esse comportamento linguístico.

Mais uma vez, é importante assinalar que apesar dessa relação entre atitude e comportamento parecer óbvia (uma atitude resultará em um comportamento compatível), não é algo tão simples assim (LASAGABASTER, 2004).

Desse modo, todas as observações foram registradas com base em sete tópicos. São eles: sexo dos interlocutores, relacionamento entre os interlocutores, tópico da conversa, tom de voz do falante, enunciado do falante e a reação dos ouvintes (ver tabela 1 a seguir).

Tabela 1: Dados conversacionais sobre as observações do uso espontâneo de palavrões

No.	Sexo – falante	Sexo – ouvinte(s)	Relacionamento entre os interlocutores	Tópico da conversa	Tom de voz
1	F	M/F	AMIGOS / COLEGAS de CLASSE	Uma amiga que foi traída pelo namorado.	SURPRESO
2	M	M	AMIGOS	Um amigo que foi mal interpretado.	IRRITADO
3	M	M	AMIGOS	(ECO da ENTREVISTA 2)	SURPRESO
4	F	M	AMIGOS	O atraso na publicação dos livros de <i>Game of Thrones</i> .	IRRITADO
5	F	M/F	AMIGOS / COLEGAS de CLASSE	Ficar sem cigarros.	IRRITADO
6	M	M/F	AMIGOS / COLEGAS de CLASSE	Ver sua bunda em fotografias.	ENGRAÇADO
7	F	M	AMIGOS	Se fosse requerido pagar por reposições de provas.	ENGRAÇADO
8	M	M	AMIGOS	Homem e sexo.	ENGRAÇADO
9	F	F	AMIGOS	Um professor.	IRRITADO
No.	Enunciação do falante				Reação do(s) ouvinte(s)
1	“Esse cara é imoral da porra! ”				NENHUMA ²⁹
2	“É foda! ”				ECO ³⁰
3	“ Caralho! ”				NENHUMA
4	“Que merda sem precedentes!”				NENHUMA
5	“Aí é foda , velho! Ficar sem cigarros. Louca pra fumar, viado! Ai buceta! ”				RISO
6	“Minha bunda tá muito grande, porra! Eu vi umas fotos [...] e, caralho! ”				RISO
7	“Se eu tivesse que pagar, eu estaria fudida! Tá ligado?!”				RISO
8	“Quem vê pensa que eu sou rapariga mesmo, né amiga?”				RISO
9	“Ele é um filho da puta! ”				RISO

²⁹ Para o pesquisador, não houve nenhuma reação perceptível.

³⁰ De acordo com Fägersten (2012), ECO acontece quando o ouvinte responde a um palavrão com outro.

Segundo os dados apresentados acima, percebemos que 33,33% (3/9)³¹ das observações foram feitas entre interlocutores do sexo masculino (observações 2, 3 e 8); 11,11% (1/9) entre interlocutores femininos (observação 9); 11,11% (1/9) entre interlocutores mistos onde o falante era do sexo masculino (observação 6); e 44,44% (4/9) entre interlocutores mistos onde o falante era do sexo feminino (observação 1, 4, 5 e 7).

Constatamos, também, que todos os universitários observados (100%; 9/9) eram amigos e/ou colegas de classe, e que não houve, em nenhum dos casos, intuito de agredir ou ofender o ouvinte. Além disso, foi observado que o tom de voz dos falantes variava entre 3 tipos: *surpreso*, *irritado* e *engraçado*.

Entre os nove falantes observados, foram registrados o uso de 12 palavras consideradas palavrões. As palavras usadas foram as seguintes: *foda/fudida* (3 vezes), *porra* (2 vezes), *caralho* (2 vezes), e *merda*, *viado*, *buceta*, *rapariga* e *filho da puta* (uma vez cada).

Com relação à reação dos ouvintes, foi observado que 55,56% (5/9) dos ouvintes reagiram com riso ao ouvirem as palavras citadas, enquanto 33,33% (3/9) não tiveram reação alguma e 11,11% (1/9) reagiu com eco.

4.2 PALAVRA OFENSIVA VERSUS PALAVRÃO

Foram coletados dados sobre atitudes linguísticas relacionadas à questão da ofensividade de certas palavras através de um questionário aplicado entre os frequentadores da *Praça da Alegria* no Campus I da UFPB. Além desse questionário, foram realizadas entrevistas com os indivíduos observados na praça em questão que serviram, também, como fonte de dados sobre essas atitudes.

4.2.1 Conceito de palavrão

Segundo Limbrick (1991), o conceito do termo *palavrão* resiste a definições concretas, pois são os códigos sociais que geralmente determinam o que se constitui um palavrão ou não. Fägersten (2012), por sua vez, explica que essa

³¹ Os números apresentados na configuração (x/y) deste trabalho, correspondem ao número de ocorrências registradas ou o número dos informantes que responderam (nesse caso x = 3), do total geral dos entrevistados (nesse caso y = 9).

difficuldade em definir um conceito aumenta devido à subjetividade inerente ao tópico em questão. Essas ideias são confirmadas ao analisarmos as respostas dadas pelos participantes relativas a tarefa 3 na seção 1 do questionário.

Foi perguntado aos informantes, se eles consideravam todas as palavras da lista fornecida pelo pesquisador *palavrões*.³² Através dos dados coletados (ver gráfico 1), podemos perceber que os informantes não chegaram a um consenso.

Gráfico 1: Resultados da tarefa 3 sobre as palavras da lista serem palavrões ou não



Dos vinte informantes, 35% (7/20) deles responderam SIM, 25% (5/20) NÃO, enquanto 40% (8/20) marcaram DEPENDE. Aos indivíduos que responderam NÃO ou DEPENDE (65%; 13/20) foi solicitado que justificassem suas respostas.

A seguir, vemos trechos das respostas dos informantes que responderam NÃO à pergunta em questão.

De acordo com o informante Q-INF/03, algumas palavras da lista (ex. *porra* e *caralho*) não constituem *palavrões* quando usadas entre amigos:

❖ **Q-INF/03 – (RESPOSTA: NÃO)** “Algumas são de uso comum entre rodas de amigos como: ‘porra’, ‘caralho’, etc..”

A partir dessa visão, podemos inferir que uma palavra deixa de ser considerada um palavrão quando o seu uso se torna comum entre os membros de uma comunidade, nesse caso, entre um grupo de amigos. Segundo Fägersten

³² Ver no questionário seção 1 tarefa 1 encontrado no APÊNDICE D

(2012) e Allan & Burrridge (2006), o uso frequente de palavrões pode diminuir a sua capacidade de chocar, especialmente nas interações entre amigos.

Para os informantes Q-INF/09 e Q-INF/18, palavras como: *quenga*, *cornô*, *cacete* e *porra*, não constituem *palavrões* devido à grande variedade de usos não ofensivos existentes. Essa variedade, de acordo com o informante Q-INF/09, faz com que essas palavras não estejam no mesmo “grau de palavrões”. Já as palavras com significados mais restritos, como *rapariga* e *macaco*, podem ser consideradas *palavrões*:

- ❖ **Q-INF/09 – (RESPOSTA: NÃO)** “Acredito que o uso de algumas expressões como ‘quenga’ e ‘cornô’, por exemplo, tem maior uso diferenciado de sentido do que ‘rapariga’ e ‘macaco’. Isso pode variar, mas necessariamente não estão no mesmo grau de palavrões.”
- ❖ **Q-INF/18 – (RESPOSTA: NÃO)** “Pois, ‘cacete’ no Sul do país tem sentido de ‘pão’, e ‘porra’ em alguns lugares tem o sentido de vírgula.”

Os informantes Q-INF/11 e Q-INF/13, por sua vez, não consideram as palavras que denotam “excrementos fisiológicos” e/ou que se referem a “coisas ou situações” *palavrões*. De acordo com a opinião do informante Q-INF/11, isso ocorre, pois, essas palavras não possuem caráter discriminatório:

- ❖ **Q-INF/11 – (RESPOSTA: NÃO)** “Pois esses que são excrementos fisiológicos não tem poder agressivo ou ofensivo ou até discriminatório quanto os que denominam uma pessoa.”
- ❖ **Q-INF/13 – (RESPOSTA: NÃO)** “Não, pois algumas palavras se referem a coisas ou situações e não podem ser necessariamente associadas a palavrões.”

A seguir, vemos trechos da fala de alguns informantes que responderam DEPENDE à pergunta em questão.

É interessante notar também que muitas das respostas apresentadas pelos informantes que responderam DEPENDE são parecidas com as respostas daqueles que responderam NÃO. Por exemplo, as explicações dos informantes Q-INF/01 e Q-INF/20 são bem semelhantes à do Q-INF/03 quando este afirmou que a frequência do uso de certas palavras pode enfraquecer o status delas como *palavrões* devido à uma perda do seu sentido conotativo, bem como denotativo:

- ❖ **Q-INF/01 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Algumas [das palavras] são expressões do dia-a-dia.”
- ❖ **Q-INF/20 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Em boa parte das vezes, algumas destas palavras são ditas com tanta frequência que perdem sentido.”

A opinião do informante Q-INF/04 tem muito em comum com a resposta do informante Q-INF/11. Por exemplo, ele acredita que as palavras que são direcionadas a pessoas (ex. *puta* e *viado*), são “exemplos concretos de palavrões” devido ao seu uso “direcionado a pessoas”. Podemos inferir então que para alguns indivíduos a função pragmática principal de um palavrão seria o de agredir a outrem:

- ❖ **Q-INF/04 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Todas as palavras da lista representam algum tipo de ofensa. Mas nem todas têm o mesmo grau de agressividade. Palavras direcionadas a pessoas (‘puta’, ‘viado’) para mim, são exemplos concretos de palavrões. Outras (‘merda’) denotam uma expressão de desapontamento e não são direcionadas a alguém.”

Podemos observar essa mesma linha de pensamento na fala de outro informante, a entrevistada número quatro (E-INF/04) ao afirmar que, ao usar o termo *merda* para demonstrar sua indignação, não o considerava ‘ofensivo’, e por esse motivo, não o considerava um palavrão:

➤ **E-INF/04 – (Trecho da fala)**

PESQ: Ok. Ah... em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

INF: Não.

PESQ: Não? Você poderia explicar o porquê?

INF: Porque eu acho que.... Não tem uma.... Não acho que seja ofensivo dizer “merda”. Não acredito que seja ofensivo. Não no contexto que eu tava usando.

O informante Q-INF/06, por sua vez, levou em questão a subjetividade da noção do significado de *palavrão*. Para ele, essa noção se baseia na ideia de que “certas palavras não devem ser nomeadas”; uma questão de censura sociocultural (PINKER, 2007; ALLAN & BURRIDGE, 2006). Portanto, se uma palavra puder ser falada “tranquilamente”, então ela não deveria ser considerada um *palavrão*:

- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “O significado de ‘palavrão’ é subjetivo, pois vem da noção de que certas palavras não devem ser nomeadas. Se para uma pessoa todas as palavras da lista puderem ser tranquilamente ditas, não há sentida em denomina-las de ‘palavrão’.”

Observamos pontos de convergência entre as respostas dos informantes Q-INF/08 e Q-INF/10 e as respostas dos informantes Q-INF/03, Q-INF/04 (já citados nessa seção):

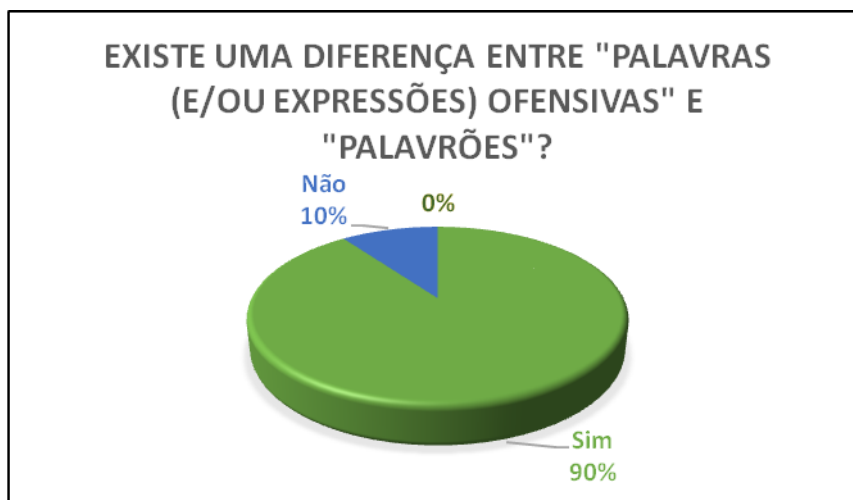
- ❖ **Q-INF/08 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende da intenção de quem fala e pra quem fala. De entre amigos digo ‘Vai a merda, Fulano’ no meio de um momento de descontração, eu não falaria em tom ofensivo e outro também não entenderia como tal. Se eu vejo um negro e chamo de ‘macaco’, isso é ofensivo e é racismo, preconceito. Mas se eu digo que uma pessoa exibida está com a macaca, isso não é.”
- ❖ **Q-INF/10 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “A situação e o contexto definem se é ou não um palavrão.”

Percebemos nessas respostas a relevância dos seguintes fatores na construção de um palavrão, são eles: a identidade dos interlocutores, a intenção do locutor (“se eu vejo um negro e chamo de ‘macaco’”), a intimidade entre os interlocutores (“entre amigos”), a questão da formalidade do momento (“no meio de um momento de descontração”), bem como características paralinguísticas (“em tom [in]ofensivo”).

4.2.2 Diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*

Na tarefa 4 da seção 1 do questionário, foi perguntado aos participantes se para eles, existia uma diferença entre *palavras e/ou expressões ofensivas* e *palavrões*. Observando o gráfico 2 abaixo, podemos perceber que a maioria dos informantes (90%; 18/20) considerou que, de fato, existe uma diferença entre os dois termos, enquanto apenas 10% (2/20) responderam negativamente.

Gráfico 2: Resultado da questão quatro sobre a existência de uma diferença entre palavras ofensivas e palavrões



Foi solicitado aos participantes que responderam SIM, que justificassem as suas respostas.

De acordo com os informantes Q-INF/04 e Q-INF/06, um *palavrão* é qualquer palavra ou expressão que seja emocionalmente carregada “a partir de um termo desaprovado socialmente”, e por isso, “não deve ser nomeada”.

- ❖ **Q-INF/04 – (RESPOSTA: SIM)** “Um palavrão é qualquer palavra que expresse uma emoção a partir de um termo desaprovado socialmente. Uma palavra ofensiva tem o objetivo de atingir alguém ou um grupo.”
- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: SIM)** “‘Ofensivo’ é muito relativo. A palavra ‘negro’, por exemplo, pode ofender alguém, então será ofensiva, mas não se trata de um palavrão, pois ‘palavrão’ são aquelas palavras que a sociedade convencionou que não devem ser nomeadas.”

Tendo como base essas duas afirmações, entendemos que qualquer palavra poderá se tornar um palavrão desde que a sociedade desaprove o seu uso. Essa noção de *palavrão* é consistente com a visão de Pinker (2007), que explicou que apesar do fato de que a maioria das palavras tabus sejam derivadas de temas relacionados a sexo, fluidos corporais, religião, morte e doença, e os grupos desfavorecidos, na verdade qualquer palavra poderá se tornar um palavrão:

People treat an unpleasant word as taboo to the extent that everyone else treats it as taboo, so the status of the words may be at the mercy of the boom-and-bust epidemiology that sets the fate of words and names in general. [...]. What this all entails is that taboo words, though evocative of

the nastier aspects of their referents, don't get their punch from those connotations alone. Taboo status itself gives a word an emotional zing, regardless of its actual referente (PINKER, 2007, p. 357).³³

Nos trechos a seguir, observamos a opinião dos informantes Q-INF/02 e E-INF/07 de que alguns palavrões “não necessariamente visam ofender alguém” e que, em alguns casos “só expressam um sentimento sobre uma determinada situação”:

❖ **Q-INF/02 – (RESPOSTA: SIM)** “Palavrões não necessariamente visam ofender alguém. Às vezes só expressam um sentimento sobre determinada situação.”

➤ **E-INF/07 – (Trecho de fala)**

PESQ: “Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não? [...]”

INF: “*Fuder*? Quando eu falei *Fuder*?”

PESQ: “Você usou isso... Sim!”

INF: “Um palavrão no sentido ruim, não é não!”

PESQ: “Mas você considera essa palavra que você utilizou um palavrão ou não?”

INF: “Depende da situação.”

PESQ: “[...] Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão? [...]”

INF: “De... *fuder*... tipo, ‘seria muito ruim’! Tá ligado?”

PESQ: “Mas você estava tentando insultar, chocar, intimidar, enfatizar, ser engraçada?”

INF: “Eu tava... eu acho que ia me sentir *fudida*.” (Risos)

PESQ: “Mas você estava tentando enfatizar? Ou...”

INF: “Isso!”

PESQ: “Enfatizar como você estava se sentindo sobre isso?”

INF: “Geral.”

De acordo com essas duas respostas, constatamos duas características importantes sobre palavrões: 1) que os palavrões nem sempre são ditos com o intuito de ofender; 2) e que eles possuem outras funções pragmáticas. Percebemos esses mesmos conceitos nas respostas dos informantes a seguir:

³³ As pessoas consideram uma palavra desagradável como um tabu até que todos estejam fazendo o mesmo, portanto o status de uma palavra pode estar à mercê do processo imprevisível que define o destino das palavras e dos nomes em geral. [...]. O que isso tudo implica é que palavras tabu, embora evocativa dos aspectos mais desagradáveis dos seus referentes, não adquirem os seus efeitos (de chocar) através apenas das conotações. O próprio status de tabu confere a palavra esse efeito independentemente de seu significado denotativo (minha tradução).

- ❖ **Q-INF/03 – (RESPOSTA: SIM)** “[...]. Alguns palavrões **podem** ocasionar sentimentos, outros são usados naturalmente para dá ênfase a algo.”
- ❖ **Q-INF/10 – (RESPOSTA: SIM)** “Um palavrão **pode** ser usado para se referir a uma situação e não apenas a pessoa. **Pode** ser usado para expressar raiva de uma situação.”
- ❖ **Q-INF/12 – (RESPOSTA: SIM)** “Existe uma diferença, porque um palavrão **pode** ser usado apenas para descontrair, e não ofender.”

Destacamos o uso do verbo “poder” (no sentido de possibilidade), nas falas acima, relacionado à percepção dos informantes de que os palavrões podem ser usados com outros objetivos além de ofender, tais como: expressar um sentimento sobre determinada situação (Q-INF/02), dar ênfase a algo (Q-INF/03), referir-se a uma situação ou expressar raiva (Q-INF/10), para descontrair (Q-INF/12), entre outros. Novamente, percebemos essa mesma opinião na fala do entrevistado E-INF/02 que foi observado usando a palavra *foda* com um amigo:

➤ **E-INF/02 – (trecho de fala)**

PESQ: Ok... então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

INF: Eu falei um palavrão. É.

PESQ: Sim... você considera que falou um palavrão?

INF: Exato.

PESQ: Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?

INF: Com o objetivo de enfatizar o que eu tava sentindo sobre a situação. Porque o palavrão, na minha opinião, tem muita potência em expressar isso.

PESQ: Mas nesse caso...

INF: Se eu falo só que é ruim ou que é desagradável soa mais agradável do que se eu falar “ É foda! ” “É foda” exprime exatamente o que eu tô sentindo sobre a coisa.

Contudo, para conseguir discernir a complexa ligação entre as palavras e a ofensividade devemos obter um conhecimento mais amplo sobre questões de uso, bem como sobre outros elementos contextuais. Retomando o pensamento de Tomasello (1999), o significado de uma palavra ou expressão depende muito de um entendimento comum por parte dos interlocutores, a percepção das intenções do falante, bem como o contexto em que o enunciado acontece. Desse modo, consequentemente, as palavras podem possuir múltiplas interpretações e significados.

Conforme os dados a seguir, observamos a importância dessas questões de contexto, modo de uso e intenção relacionados a ofensividade:

- ❖ **Q-INF/03 – (RESPOSTA: SIM)** “Palavras ofensivas são aquelas que causam desconforto, transtorno, sofrimento ao receptor. Alguns palavrões podem ocasionar sentimentos, outros são usados naturalmente para dá ênfase a algo.”
- ❖ **Q-INF/04 – (RESPOSTA: SIM)** “Um palavrão é qualquer palavra que expresse uma emoção a partir de um termo desaprovado socialmente. Uma palavra ofensiva tem o objetivo de atingir alguém ou um grupo.”
- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: SIM)** “‘Ofensivo’ é muito relativo. A palavra ‘negro’, por exemplo, pode ofender alguém, então será ofensiva, mas não se trata de um palavrão, pois ‘palavrão’ são aquelas palavras que a sociedade convencionou que não devem ser nomeadas.”
- ❖ **Q-INF/07 – (RESPOSTA: SIM)** “Alguns dos termos são direcionados a grupos específicos, como os termos ‘rapariga’ e ‘macaco’, e servem para ofender e denegrir esses grupos. Já outros termos como ‘porra’ são utilizados de forma informal de expressão.”
- ❖ **Q-INF/16 – (RESPOSTA: SIM)** “Existe, sim. Depende muito do contexto em que a palavra se insere. Uma expressão pode ser apenas um palavrão, mas o seu uso pode estar impregnado de ofensas, preconceito.”
- ❖ **Q-INF/17 – (RESPOSTA: SIM)** “Depende do contexto.”
- ❖ **Q-INF/18 – (RESPOSTA: SIM)** “Palavras ofensivas só são consideradas assim dentro de um contexto específico.”
- ❖ **Q-INF/20 – (RESPOSTA: SIM)** “Depende do modo que é falado.”

De acordo com essas citações, constatamos que os informantes consideraram palavras ofensivas aquelas ditas de um “modo” específico (Q-INF/20), em “contextos” frequentemente “preconceituosos” ou “ofensivos” (Q-INF/06; Q-INF/18; Q-INF/16; Q-INF/17), com a intenção de “denegrir” ou “atingir” alguém ou um grupo (Q-INF/07; Q-INF/04), causando assim “desconforto, transtorno, [e] sofrimento ao receptor” (Q-INF/03).

Compreendemos, também, que para uma palavra ser considerada ofensiva, basta inseri-la em um contexto onde o seu uso indique uma intenção maliciosa, mesmo que ela não seja considerada um palavrão para a sociedade.

- ❖ **Q-INF/19 – (RESPOSTA: SIM)** “Palavras ou expressões ofensivas não necessitam ser palavrões para que gere a ofensa.”

4.2.3 Lista de palavrões: adições e exclusões

Como o objetivo da seção 1 do questionário foi o de criar uma lista de palavrões, as duas últimas tarefas (5 e 6) permitiram que os participantes excluíssem da lista fornecida pelo pesquisador, as palavras que eles não consideravam *palavrões* e posteriormente, acrescentassem palavras que não estivessem na lista e que eles consideravam palavrões.

Observamos a seguir o resultado da tarefa 5 (Existem palavras na lista [...] que, na sua opinião, não são verdadeiramente palavrões?), onde 12 dos 20 participantes (60%) responderam SIM, enquanto 8 deles (40%) marcaram NÃO (ver gráfico 3).

Gráfico 3: Resultado da tarefa 5 sobre o status das palavras da lista como *palavrões*



Foi solicitado aos participantes que responderam SIM, que indicassem quais palavras eles excluiriam da lista.

De acordo com os dados coletados, as duas palavras mais votadas da lista foram aquelas que denotavam excrementos fisiológicos, isto é, as palavras *merda* e *bosta*, respectivamente. Essas palavras foram excluídas por 6 informantes (30%) cada uma. Contudo, nos parece relevante mencionar que nem todos os informantes

que excluíram as palavras citadas, excluíram as duas juntas. Achamos esse fato interessante já que ambas possuem significados e usos relativamente parecidos.

Outras palavras excluídas da lista foram as seguintes: *foda* e *cacete*, foram excluídas por 4 informantes cada uma; *cu* e *cornio*, foram excluídas por 3 informantes cada uma; *fresco*, *puta* e *quenga*, foram excluídas por 2 informantes cada uma; e finalmente *buceta*, *viado*, *porra* e *piranha*, foram excluídas por 1 informante cada uma.

Além de excluirmos as palavras, alguns informantes, acrescentaram comentários que nos fornece esclarecimentos sobre alguns conceitos do termo *palavrão*, como observamos nas citações a seguir:

- ❖ **Q-INF/05 – (RESPOSTA: SIM)** “Aqueles que foram ressignificadas por grupos marginalizados.”
- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: SIM)** “Todas, para mim, são possíveis de ser nomeadas, portanto não são ‘palavrões’, desde que sejam ressignificadas, como ‘puta’, por exemplo. Eu posso falar que sou puta, mas não quero e não aceito que um homem me chame de puta.”
- ❖ **Q-INF/08 – (RESPOSTA: SIM)** “‘Putá’ (depende da expressão), ‘merda’, ‘foda’, ‘viado’, ‘cacete’, ‘bosta’, ‘fresco’ (lembrando que todas dependem do contexto usado).”
- ❖ **Q-INF/09 – (RESPOSTA: SIM)** “Algumas, como: ‘bosta’, ‘quenga’, ‘merda’ e ‘cornio’, podem designar outros significados/sentidos.”

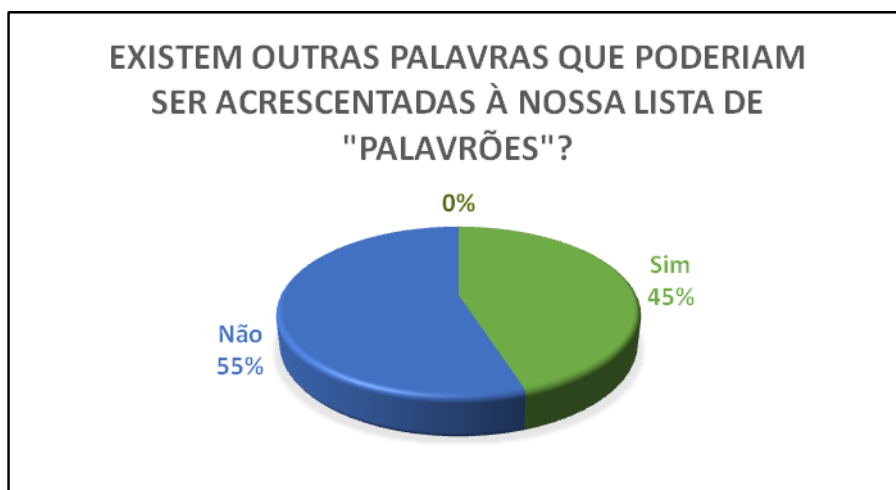
Como mencionado anteriormente, alguns dos informantes não consideraram certas palavras como palavrões devido à recente apropriação de algumas delas por “grupos marginalizados” (Q-INF/05), ou nos casos em que essas palavras não são usadas em contextos específicos com o intuito de agredir alguém (Q-INF/06; Q-INF/08; Q-INF/09).

Podemos observar, também, que apesar de certas palavras terem sido excluídas por alguns (*merda* e *bosta* foram as mais excluídas), a grande maioria dos informantes decidiu deixá-las na lista, inferindo que a atitude das pessoas com relação ao uso de palavrão é um assunto bastante subjetivo ou seja, muda de pessoa para pessoa, até mesmo entre indivíduos da mesma comunidade de fala.

Respondendo à tarefa 6 (Existem outras palavras que poderiam ser acrescentadas à nossa lista de palavrões?), 9 dos 20 participantes (45%)

responderam SIM, enquanto 11 deles (55%) marcaram NÃO. É importante mencionar que foi pedido aos informantes que imaginassem as possíveis situações de uso: “quando você se machuca; quando está com raiva; com o intuito de insultar; durante atividades esportivas; quando você se assusta com algo”, entre outros.

Gráfico 4: Resultado da tarefa 6 sobre o acréscimo de palavrões à lista



Mais uma vez foi solicitado aos participantes que responderam SIM, que indicassem quais palavras eles acrescentariam à lista.

Segundo os dados coletados, a palavra mais citada foi o xingamento/maldição *misera*, sendo mencionada por 7 (35%) dos informantes. De fato, para o informante Q-INF/15, esse palavrão é o mais ofensivo de todos, como demonstrado no trecho abaixo:

❖ Q-INF/15 – “E ‘misera’, é com certeza, a mais ofensiva de todas.”

As outras palavras e expressões acrescentadas pelos informantes do questionário foram *desgraça* e *escroto*, com 3 indicações cada uma, bem como *demônio*, *infiteti*, *pica*, *infeliz*, *gota serena* e *derrota*, que receberam uma indicação cada uma, respectivamente.

Considerações: Segundo os resultados apresentados nessa seção (4.2), foi constatado que a noção do significado de palavrão varia de pessoa para pessoa, corroborando, assim, com a opinião de Limbrick (1991) de que o conceito do termo *palavrão* resiste a definições concretas. Foi observado, por exemplo, que para

alguns dos informantes, o *palavrão* é sinônimo de *ofensividade*. Já para os outros informantes, o *palavrão* é uma palavra simples e inofensiva, porém desaprovada socialmente.

No que diz respeito às palavras excluídas de nossa lista de palavrões, apesar de as palavras *bosta* e *merda* terem sido as mais indicadas pelos nossos informantes (mencionadas 6 vezes cada; 30% dos informantes), não podemos concluir que elas não são de fato, palavrões, pois a grande maioria dos informantes decidiu deixá-las na lista.

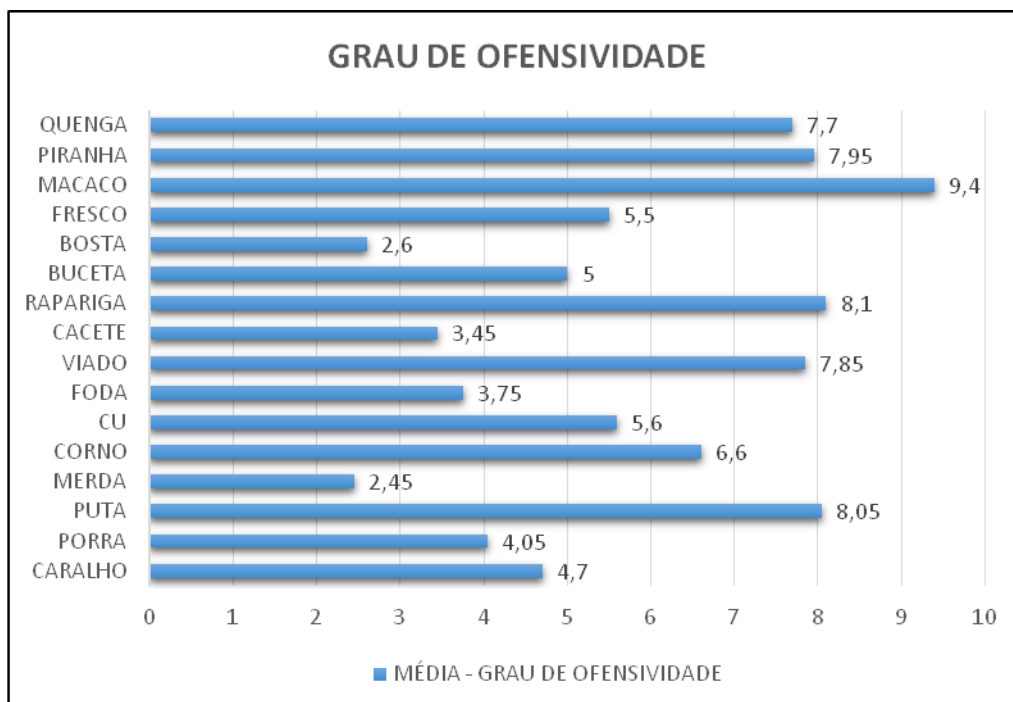
Embora não houvesse um consenso claro sobre o conceito de *palavrão*, os informantes não tiveram dificuldade em definir a diferença entre o conceito de *palavrão* e de *palavra ofensiva*. Para eles, os palavrões podem servir para diversas funções pragmáticas tanto positivas quanto negativas (descontrair, expressar emoções fortes, ofender etc.), já as palavras ofensivas são aquelas que se tornam ofensivas apenas quando utilizadas com objetivos maliciosos (agredir, ofender, machucar etc.).

4.3 GRAU DE OFENSIVIDADE DE PALAVRAS

Na tarefa 1 da primeira seção do questionário, foi solicitado aos informantes que marcassem o grau de ofensividade de 16 palavras (utilizando uma escala do tipo *Likert*: 1–10) que foram cuidadosamente selecionadas em parceria com uma colaboradora (ex-aluna do curso de Letras da UFPB e natural da região). Observa-se no gráfico 5 a seguir as 16 palavras selecionadas e suas médias de classificação quanto ao seu grau de ofensividade de acordo com a opinião dos 20 informantes que responderam o questionário³⁴:

³⁴ Para acessar os resultados individuais dos informantes ver APÊNDICE H

Gráfico 5: Média do grau de ofensividade das palavras na lista de palavrões



Os resultados dessa tarefa indicam que as palavras mais ofensivas para os participantes foram as seguintes: *macaco* (9,4), *rapariga* (8,1), *puta* (8,05) *piranha* (7,95), *viado* (7,85), *quenga* (7,7) e *corno* (6,6), respectivamente³⁵.

Por outro lado, todas as palavras consideradas menos ofensivas são aquelas que receberam uma classificação média abaixo de 6. São elas: *cu* (5,6), *fresco* (5,5), *buceta* (5,0), *caralho* (4,7), *porra* (4,05), *foda* (3,75), *cacete* (3,45), *bosta* (2,6) e *merda* (2,45).

Para melhor compreender esses resultados, foram feitas perguntas adicionais aos participantes, permitindo que (estes mesmos) justificassem suas respostas.

Na tarefa 2, por exemplo, foi perguntado se os informantes consideravam todas as palavras da lista ofensivas. Dos vinte informantes, 15% (3/20) deles responderam SIM, 25% (5/20) NÃO, enquanto 60% (12/20) responderam DEPENDE (ver gráfico 6 abaixo):

³⁵ Foram considerados aqui apenas as palavras que tiveram uma média do grau de ofensividade de 6,0 ou mais.

Gráfico 6: Conceito geral sobre a ofensividade das palavras na lista de palavrões



Foi solicitado aos que responderam NÃO ou DEPENDE (85%; 17/20) que justificassem suas respostas. Essas justificativas nos mostram que a ofensividade de uma palavra ou expressão não depende necessariamente do seu sentido literal (sua denotação), mas de outros fatores pragmáticos, contextuais e de identidade. Por exemplo, de acordo com o informante Q-INF/01, a ofensividade dependerá “do momento em que a palavra [é] empregada”:

❖ **Q-INF/01 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Do momento em que a palavra [é] empregada.”

Como a palavra “momento” poderá soar um tanto ambígua nessa afirmação (não sabemos se o informante estava se referindo a um lugar, tópico de fala, pessoas envolvidas etc.), nós a interpretaremos no seu sentido macro, já que os demais informantes nos forneceram descrições mais elaboradas e específicas que poderão facilitar o nosso entendimento quanto ao real sentido da palavra em questão.

4.3.1 Intenção do locutor

Ao analisarmos a grande parcela das respostas dadas pelos informantes, notamos que segundo a opinião deles, o termo “momento” está relacionado com a intenção do falante, como bem exemplificado nos exemplos a seguir.

Segundo o informante Q-INF/06, a ofensividade de certas palavras se materializa quando elas são utilizadas de forma pejorativa com a intenção de ofender ou depreciar alguém. Como exemplo disso, ele cita que a palavra *puta* pode ser ofensiva em contextos de misoginia, mas que também poderá perder sua ofensividade quando resignificada para as mulheres:

- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do contexto. ‘Putá’ pode ser usado num contexto de misoginia, mas também pode ser resignificado para nós mulheres. ‘Macaco’ é muito ofensivo se dito num contexto racista, mas se for para se referir ao animal não é ofensivo. ‘Viado’ se é um gay que fala, não é ofensivo, mas os heteros às vezes dizem em sentido pejorativo para ofender. Como pode ser ofensivo para um homem, mas para mim não é.”

Esse conceito é ratificado de forma clara na justificativa do informante Q-INF/05 quando ele explica que palavras como *puta*, *viado* e *buceta* são ofensivas quando utilizadas em discursos de ódio, mas que perdem essa ofensividade quando apropriadas por movimentos sociais (ex. o movimento LGBT) através de um processo de autoafirmação de identidade:

- ❖ **Q-INF/05 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Termos como ‘puta’, ‘viado’, ‘buceta’, que estão associados a opressões de gênero e LGBT foram apropriadas pelos movimentos e hoje fazem parte de um processo de autoafirmação da identidade. O que não descarta a possibilidade de serem utilizados enquanto termos ofensivos por pessoas que pretendem se utilizar de discursos de ódio.”

Esse ponto de vista é reiterado ao analisarmos a fala de um dos entrevistados, o informante E-INF/08, que, ao proferir a palavra *rapariga* numa conversa entre amigos, não a considerou ofensiva.

- **E-INF/08 – (Trecho de fala)**

INF: “Eu não vejo esse palavrão... tipo... como dizem ‘*rapariga*’, como um ato de malícia ou como o pessoal fala, né? [...] eu usei numa frase onde... eu me sinto... eu me enquadro nela. Tipo... sem tipo de... malícia alguma.”

Apesar dessa palavra ter sido considerada a segunda mais ofensiva pelos informantes do questionário, o informante (um homem bissexual³⁶) não a considerava um palavrão pois, segundo ele, foi proferida numa frase onde ele sentia-se enquadrado nela e “sem [...] malícia alguma”.

De acordo com a resposta do informante Q-INF/08, a palavra *puta* (exemplificada aqui através das expressões *Puta merda!* e *Puta que pariu!*) pode também, ser utilizada para expressar descontentamento ou surpresa, sendo comparada a expressões como *Droga!* e *Caramba!*. Esse ponto de vista é reiterado na resposta do informante Q-INF/15 com relação às palavras *merda*, *porra*, *foda* e *bosta* e o uso delas como agressão verbal ou apenas um expletivo.

- ❖ **Q-INF/08 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Algumas expressões que são usadas para expressar descontentamento não são necessariamente uma ofensa. Se algo mau me acontece e de repente digo ‘Puta merda!’ seria o mesmo que dizer ‘Que mau!’ ou ‘Droga!’ . Se algo me surpreende e digo ‘Cacete!’ ou ‘Puta que pariu’ seria o mesmo que dizer ‘Caramba!’ . Então, depende do uso e da intenção.”
- ❖ **Q-INF/15 – (RESPOSTA: NÃO)** “Da palavra ‘merda’, por exemplo, se eu falar ‘Seu merda!’ com alguém, pode sim, ser ofensivo. Agora, se eu falar de uma situação e citar a palavra, não será ofensivo. Seria só uma maneira de expressão. E isso acontece com ‘porra’, ‘cu’, ‘foda’ e ‘bosta’.”

As opiniões dos informantes Q-INF/12 e Q-INF/14 corroboram também para essa correlação entre a ofensividade de uma palavra e a intenção do falante. Como já foi dito anteriormente também pelo informante Q-INF/06, ao afirmar que palavras como *macaco* e *viado* são ofensivas quando utilizadas com um intuito discriminatório, constituindo, assim, parte de um discurso racista e homofóbico.

- ❖ **Q-INF/12 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do contexto. ‘Viado’, por exemplo, pode ser um termo homofônico, como pode ser um mero tratamento entre amigos.”
- ❖ **Q-INF/14 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do contexto. Exemplo, ‘caralho’ pode ser apenas uma expressão. Mas as palavras como ‘macaco’ e ‘viado’ são ofensivas porque discriminam pessoas.”

³⁶ Ver APÊNDICE B

Os informantes que responderam NÃO, concordaram de modo geral, que a ofensividade das palavras é determinada, não necessariamente pelo seu sentido denotativo, mas pela intenção do falante ao usá-la e a receptividade do ouvinte, como observado nos trechos das falas dos informantes Q-INF/03, Q-INF/11 e Q-INF/13.

- ❖ **Q-INF/03 – (RESPOSTA: NÃO)** “A própria palavra em si em algumas situações não aparenta ofensividade, outros sim, porém, depende da situação em que ela está sendo empregada e do estado de espírito da pessoa que a receber ou da interpretação.”
- ❖ **Q-INF/11 – (RESPOSTA: NÃO)** “Pois esses que são excrementos fisiológicos não tem poder agressivo ou ofensivo ou até discriminatório quanto os que denominam uma pessoa.”
- ❖ **Q-INF/13 – (RESPOSTA: NÃO)** “Não, pois algumas expressões são usadas para definir uma situação em que o indivíduo se sentir insatisfeito com alguma coisa ou simplesmente uma reação de surpresa, e não necessariamente uma ofensa.”

Acreditamos ser importante mencionar uma ocorrência de agressão verbal racista ocorrida aqui no Brasil há quase dois anos e que ilustra muito bem essa concepção que acabamos de discorrer. Em 28 de agosto de 2014, durante uma partida de futebol entre os times do Grêmio e Santos na Arena do Grêmio em Porto Alegre, uma torcedora gremista foi flagrada por câmeras de TV chamando o goleiro do Santos de ‘macaco’. Como o goleiro era um homem negro, o xingamento foi considerado racista, resultando, assim, em um processo de injúria racial com pena prevista por lei de até três anos de reclusão, além de pagamento de multa³⁷.

4.3.2 Identidade e nível de intimidade entre os interlocutores

Um outro fator significativo citado pelos informantes que responderam ao questionário foi a questão do distanciamento social; mais especificamente, o fato de que a identidade dos interlocutores e o nível de intimidade entre eles, influencia o grau de ofensividade das palavras.

³⁷ Ver: Entrevista com Patrícia Moreira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXEbAt-Hugo>.

Segundo informante Q-INF/17, a ofensividade de uma palavra “depende de quem fala e para quem é dito” (ver o trecho abaixo).

❖ **Q-INF/17 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende de quem fala e para quem é dito.”

A relação entre identidade e ofensividade pode ser observada nitidamente em uma pesquisa sobre palavrões realizada com alunos de graduação da Universidade da Flórida nos Estados Unidos (FÄGERSTEN, 2012). Nesse estudo, os informantes escolheram a palavra *nigger* (similar ao uso pejorativo da palavra *macaco* no português brasileiro) como sendo a mais ofensiva da lista fornecida pela pesquisadora, devido a sua notória conotação racista relacionada aos negros. Contudo, segundo os informantes, a sua ofensividade dependerá mais da identidade dos interlocutores do que qualquer outro fator. Por exemplo, notou-se que quando a palavra *nigger* é utilizada entre interlocutores negros, ela adquire uma função mais solidária, agindo como um marcador de identidade endogrupal. Porém, quando enunciada por um membro de um exogrupo (nesse caso, qualquer outro grupo étnico que não seja o negro), seu grau de ofensividade aumenta consideravelmente.

A fim de perscrutar melhor essa ideia, mencionaremos um acontecimento citado por Allen e Burrige (2006) onde um homem branco, técnico de um time de basquete universitário, recebeu autorização dos seus jogadores (a grande maioria negra) para usar a palavra *nigger* entre eles como marcador de solidariedade. Por fim, o homem eventualmente perdeu o seu emprego como técnico do time devido a protestos de alguns membros da administração da universidade e estudantes que se sentiram ofendidos com essa “violação” do tabu social.

Verificamos a relação entre a ofensividade das palavras e a identidade dos interlocutores nas respostas dos informantes Q-INF/05 e Q-INF/06 a seguir.

❖ **Q-INF/05 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Termos como ‘puta’, ‘viado’, ‘buceta’, que estão associados a opressões de gênero e LGBT foram apropriadas pelos movimentos e hoje fazem parte de um processo de autoafirmação da identidade. O que não descarta a possibilidade de serem utilizados enquanto termos ofensivos por pessoas que pretendem se utilizar de discursos de ódio.”

- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do contexto. ‘Putá’ pode ser usado num contexto de misoginia, mas também pode ser resignificado para nós mulheres. ‘Macaco’ é muito ofensivo se dito num contexto racista, mas se for para se referir ao animal não é ofensivo. ‘Viado’ se é um gay que fala, não é ofensivo, mas os héteros às vezes dizem em sentido pejorativo para ofender. Como pode ser ofensivo para um homem, mas para mim não é.”

Segundo a justificativa do informante Q-INF/05, quando certas palavras consideradas ofensivas são apropriadas por grupos pertencentes a movimentos sociais, elas poderão perder a sua ofensividade através de um processo de autoafirmação da identidade. Tal como observado com a palavra *nigger* e seu uso endogrupal no estudo de Fägersten (2012), o informante Q-INF/05 explica que palavras ofensivas como *puta*, *viado* e *buceta* vêm perdendo gradualmente a sua capacidade de chocar e ofender por terem sido apropriadas por grupos sociais, nesse caso específico, o movimento LGBT. Entretanto, ele reitera logo em seguida, que essas palavras perdem a ofensividade apenas quando usadas por membros desses grupos com o intuito de servir de marcador de identidade e solidariedade.

Observamos a mesma linha de raciocínio na resposta do informante Q-INF/06 com relação às palavras, *puta* e *viado*: “*Putá* pode ser usada num contexto de misoginia, mas também pode ser resignificado para nós mulheres”, e; “*Viado*, se é um gay que fala, não é ofensivo, mas os héteros às vezes dizem em sentido pejorativo para ofender.” Em suma, a ofensividade dessas palavras não dependerá apenas da intenção do falante (seu uso misógino e pejorativo), mas da identidade do falante e dos ouvintes.

Essa noção é confirmada também (desta vez de forma menos óbvia) pelo informante Q-INF/06 ao discorrer sobre a palavra *viado*: “Como pode ser ofensivo para um homem, mas para mim não é.” Nesse caso, o fato do informante Q-INF/06 ser uma mulher, bissexual, e não um homossexual de sexo masculino nos leva a inferir que a perda da ofensividade da palavra em questão está provavelmente ligada ao fato do informante não pertencer a nenhum dos grupos tipicamente associados ao uso ofensivo desse termo.

Um outro fator considerado significativo mencionado no começo dessa seção foi o nível de intimidade entre os interlocutores. De acordo com o informante Q-INF/02, a ofensividade de uma palavra “depende do nível de intimidade entre as pessoas”.

- ❖ **Q-INF/02: (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do nível de intimidade entre as pessoas.”

Os informantes Q-INF/12 e Q-INF/19 possuem uma opinião similar à do informante Q-INF/02.

- ❖ **Q-INF/12 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Depende do contexto. ‘Viado’, por exemplo, pode ser um termo homofônico, como pode ser um mero tratamento entre amigos.”
- ❖ **Q-INF/19 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Acredito que depende do contexto no qual a pessoa se encontra, se está em uma conversa informal com amigos ou se é dirigida a alguém, sendo mais ofensiva.”

De acordo com as respostas acima, entendemos que o uso de certos palavrões e xingamentos podem ser considerados como um ‘insulto amigável’ (DALY et al., 2004, p. 952) – algo frequente em conversas entre amigos.

Esse ponto de vista é confirmado em um estudo realizado por Daly et al. (2004), em que o uso do expletivo na língua inglesa, *fuck* (similar ao termo *foda/foder* no português brasileiro) foi utilizado como uma expressão de identidade e solidariedade entre os integrantes de uma equipe que trabalha em uma fábrica de sabão na Nova Zelândia. Contudo, o aspecto de maior relevância, além do uso da palavra em questão entre esse grupo específico, talvez seja a observação de que essas pessoas não usavam essa palavra com outras equipes na fábrica, somente entre eles.

Através dos dados coletados durante a fase da observação/entrevista, constatamos que todas as ocorrências de uso de palavrões aconteceram entre amigos. Ademais, nenhum dos entrevistados ao serem questionados pelo pesquisador consideraram que estavam ofendendo o seu ouvinte. Para exemplificar melhor essa informação, segue um trecho da entrevista do informante E-INF/05 que foi observado falando: “Aí é *foda*, velho! Ficar sem cigarros. Louca pra fumar, *viado*! Ai *buceta*!”³⁸, ao demonstrar sua “indignação” por não poder fumar:

³⁸ Exemplo de SELF-ECHO SWEARING (múltiplas ocorrências de uso de palavrão no mesmo e enunciado).

➤ **E-INF/05 – (Trecho de fala)**

PESQ: Então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

INF: Sim.

PESQ: Sim? E qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?

INF: Expressar indignação.

PESQ: Indignação, hum? Qual é o seu relacionamento com a pessoa com quem você acabou de falar?

INF: Amizade.

PESQ: Amizade? Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para as outras pessoas?

INF: Na frente da minha sogra. [...].

INF: Eu acho que.... é.... quando você está entre amigos existe uma descontração e você se sente mais à vontade para não ter um filtro pra poder é.... utilizar as palavras [...].

Podemos perceber através da fala do informante E-INF/05 que ele age de uma forma específica na presença dos amigos e de outra forma na presença da sogra. Embora não possamos afirmar que o relacionamento do informante com a sogra seja ruim, podemos, contudo, inferir que a intimidade entre eles não é a mesma que entre amigos. Acreditamos, portanto, que esta diferença se deve (em parte) às questões de identidade e de nível de intimidade.

Um outro exemplo sobre essa questão de intimidade entre os interlocutores pode ser bem exemplificado através do trecho da fala do informante E-INF/08:

➤ **E-INF/08 – (Trecho da fala)**

INF: Acho que tem lugar pra isso... certo...[.] Por exemplo, numa roda de amigos... em casa, por exemplo... numa praça..., mas que seja... tipo...[.] Mas que esteja entre pessoas mais próximas...[.] Não... tipo... totalmente aberto... tipo... pra todo mundo ouvir.

Constatamos nesse trecho que além de sentir-se mais confortável usando esse tipo de linguajar entre amigos, o informante demonstra uma certa preocupação relacionada à presença de outras pessoas (“todo mundo”) que poderiam ouvi-lo usar palavrões.

Diferente da identidade endogrupal que é baseada em aspectos sociais mais generalizados tais como idade, sexo, etnia, etc., percebemos nos trechos apresentados uma ideia de identidade endogrupal baseada na intimidade interpessoal entre interlocutores.

4.3.3 Contexto formal e informal

Analisando mais profundamente os dados coletados, encontramos um terceiro aspecto bastante recorrente nas respostas dos informantes, e que está relacionado ao grau de ofensividade das palavras e o “momento” em que elas são usadas, ou seja, o contexto formal e informal.

Segundo Jay (1999), todas as pessoas adquirem a sua competência linguística e exibem um desempenho linguístico como resultado do seu desenvolvimento psicológico dentro de um contexto sociocultural. Isso quer dizer que um uso adequado de palavrões é um resultado de nosso contato com as pessoas e a cultura em que somos criados, como demonstra Jay (1999, p. 19):

The sociocultural system describes variables, such as humor elicitation, that a speaker uses to determine if a word is appropriate in a given context or not. Each culture has developed its own criteria for what constitutes a good, funny dirty joke. What makes a dirty joke inappropriate or unfunny depends on the joke and the context (the office versus the local pub). The point is that offensiveness and humor depend on cultural contexts.³⁹

Entendemos com essa afirmação que o contexto físico/situação (o escritório ou o bar local) pode determinar o grau de ofensividade de um palavrão.

Pelas respostas dos informantes Q-INF/07 e Q-INF/19 (abaixo), inferimos que o grau de ofensividade de uma palavra aumenta em contextos formais e diminui em contextos informais. Contudo, compreendemos nos dois trechos selecionados que o contexto informal não é o único fator de relevância na formação de um contexto adequado.

- ❖ **Q-INF/07 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Alguns dos termos são bastante ofensivos, pois envolvem questões relacionadas a grupos bastante específicos, a exemplo das mulheres. Já outros termos são bastantes comuns de serem utilizados em conversas informais.”
- ❖ **Q-INF/19 – (RESPOSTA: DEPENDE)** “Acredito que depende do contexto no qual a pessoa se encontra, se está em uma conversa informal com amigos ou se é dirigida a alguém, sendo mais ofensiva.”

³⁹ O sistema sociocultural descreve variáveis, como por exemplo provocar o riso, onde o falante determina se uma palavra é apropriada em um contexto específico ou não. Cada cultura desenvolve seu próprio critério sobre o que se constitui uma boa piada suja e engraçada. O que faz uma piada ser inapropriada ou sem graça depende da própria piada e do contexto de uso (o escritório versus o bar local). A ideia é que a ofensividade e o senso de humor dependem de contextos culturais (minha tradução).

O informante Q-INF/07, por exemplo, afirma que certos termos são comuns em conversas informais, enquanto outros são mais ofensivos devido ao seu uso pejorativo direcionado a grupos específicos. Contudo, já percebemos no enunciado do informante E-INF/05 (“Aí é foda, velho! Ficar sem cigarros. Louca pra fumar, **viado!** Ai buceta!”) que palavras frequentemente utilizadas para ofender (nesse caso a palavra *viado* – considerado 5º mais ofensivo da lista) podem, também, ser usadas entre amigos em contextos informais sem ofender. O informante E-INF/19, por sua vez, afirmou que a ofensividade depende do contexto no qual a pessoa se encontra – informal ou formal. Novamente, achamos relevante mencionar aqui que além da questão do contexto/situação, o informante Q-INF/19 também levou em questão a intimidade entre os interlocutores, bem como a intenção do falante. Com isso, percebemos a complexidade inerente da questão da ofensividade.

Entre os informantes entrevistados, foi verificado um aumento na ofensividade das palavras devido ao contexto ou situação de uso das mesmas, como demonstrado no seguinte trecho da fala do informante E-INF/02:

➤ **E-INF/02** – (Trecho de fala)

INF: Exato. Se eu tiver, talvez, num ambiente mais formal eu fale como agora... é.... eu, eu tô tentando... eu tento evitar porque é uma questão que dá pra... dá pra falar o que eu tô pensando, sem que eu use... e talvez seja indelicado com uma pessoa que não é tão íntima... proferir um palavrão.

INF: Se eu tiver num pátio de uma igreja, aonde as pessoas tenham... não... não se sintam... as pessoas que estão na igreja, também, não se sintam ofendidas por isso, acho adequado. Mas se eu perceber que é um ambiente mais formal... porque existem igrejas formais, igrejas informais... existem... ah... o.... é.... comunidades e igrejas que você tem mais contato... outras você tá indo pela primeira vez... então tem o componente humano que vai ser crucial... não o espaço físico em geral. Mas se eu achar inadequado não... não... não uso.

Considerações: Através das respostas coletadas dos informantes, foi constatado nessa seção, que o grau de ofensividade de uma palavra depende mais de outros fatores do que o sentido denotativo ou conotativo da palavra em si. De acordo com os informantes, os fatores mais importantes no que diz respeito ao grau de ofensividade dos palavrões são: a intenção do falante, a identidade dos interlocutores e a intimidade entre eles, e o contexto formal ou informal onde as

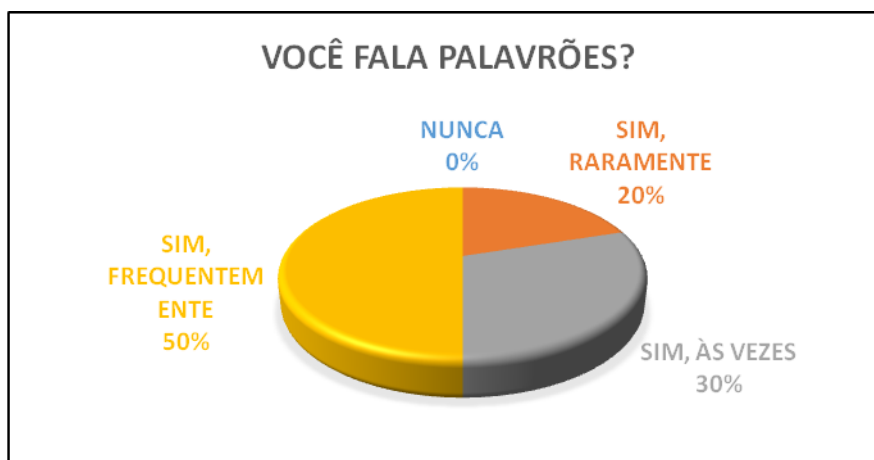
palavras são faladas. Assim, entendemos que a questão de ofensividade lexical é um processo complexo.

Além disso, foi observado que as palavras da lista indicadas como mais ofensivas: *macaco*, *rapariga*, *puta*, *piranha*, *viado*, *quenga* e *corno*, foram aquelas palavras que normalmente são utilizadas com o intuito de agredir, depreciar e/ou xingar o receptor, enquanto as outras: *cu*, *fresco*, *buceta*, *caralho*, *porra*, *foda*, *cacete*, *bosta* e *merda*, normalmente são utilizadas para expressar emoções, tais como raiva, desapontamento, surpresa, entre outros.

4.4 FREQUÊNCIA DE USO VERSUS GRAU DE OFENSIVIDADE

Na primeira tarefa da seção 2 do questionário, foi solicitado que os informantes respondessem a uma questão sobre a frequência do seu uso de palavrões, de modo geral. Os resultados são apresentados no gráfico 7 a seguir:

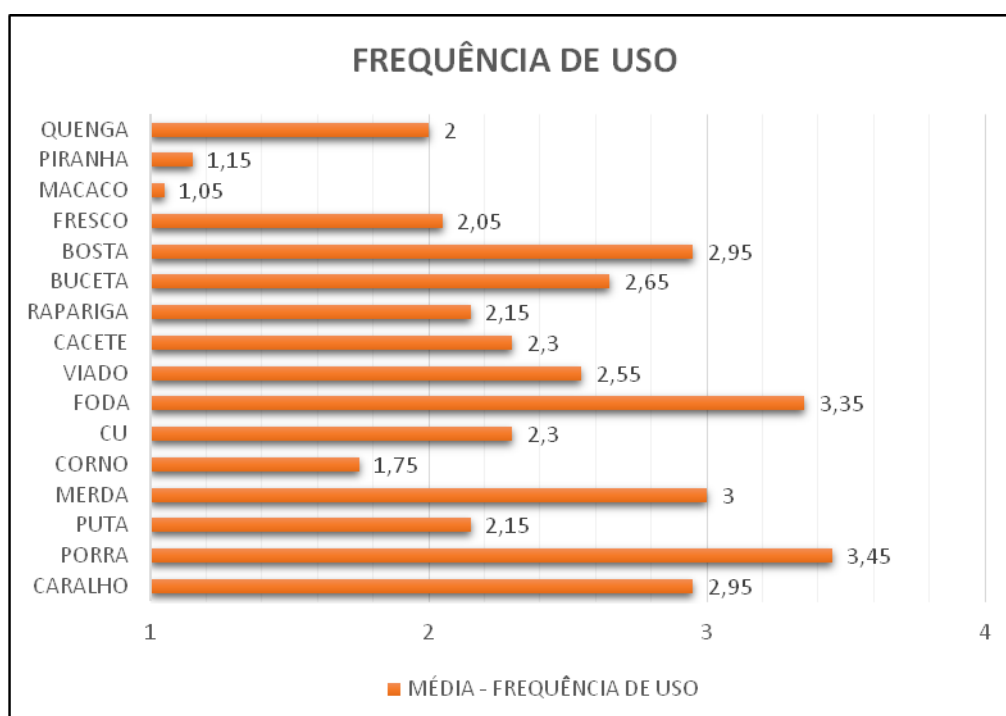
Gráfico 7: Frequência geral do uso de palavrões dos informantes



Segundo os resultados coletados, 50% (10/20) dos participantes disseram que usam palavrões FREQUENTEMENTE. Já, os demais responderam ÀS VEZES (30%; 6/20) ou RARAMENTE (20%; 4/20). O fato que nenhum dos informantes (0%; 0/20) respondeu NUNCA, não constitui surpresa devido ao perfil do grupo (alunos universitários, faixa etária específica, maioria não-religiosa etc.) (FÄGERSTEN, 2012; JAY, 1999), ademais, dificilmente uma pessoa possui total controle de suas emoções e ações em todos os momentos e situações, mesmo se ela desejasse.

Na tarefa 2, os participantes foram questionados sobre a sua frequência de uso das palavras da lista de palavrões encontrada na tarefa 1 da seção 1 do questionário. Suas respostas individuais podem ser encontradas no APÊNDICE I, enquanto as médias são apresentadas no Gráfico 8 abaixo.

Gráfico 8: Frequência de uso das palavras da lista de palavrões



De acordo com os dados acima, podemos observar que os palavrões classificados como mais usados pelos informantes foram: *porra* (3,45), *foda* (3,35), *merda* (3,0), *bosta* (2,95), *caralho* (2,95), *buceta* (2,65) e *viado* (2,55).⁴⁰

Já as palavras classificadas como menos usadas foram: *macaco* (1,05), *piranha* (1,15), *corno* (1,75), *quenga* (2,0), *fresco* (2,05), *puta* (2,15), *rapariga* (2,15), *cu* (2,3) e *cacete* (2,3), respectivamente.

Ao término da primeira tarefa, os participantes tiveram a oportunidade de acrescentar qualquer outro palavrão que eles costumam usar no seu dia-a-dia, juntamente com sua frequência de uso. As palavras citadas foram: *misera* – indicada por cinco dos informantes com as frequências: FREQUENTEMENTE (Q-INF/13, Q-INF/14, Q-INF/18) e ÀS VEZES (Q-INF/07 e Q-INF/09); *escroto* – indicada por três

⁴⁰ Palavras com classificação média de 2,5 ou mais (as palavras abaixo dessa média foram classificadas como menos usadas).

dos informantes com a frequência: FREQUENTEMENTE (Q-INF/05, Q-INF/12)⁴¹; e *puta merda* – indicada por um informante (Q-INF/07) com a frequência: ÀS VEZES.

Ao analisarmos os dados apresentados nas seções 4.1.1 e 4.2.1, observamos uma forte relação entre o grau de ofensividade das palavras da lista e a frequência de uso indicada pelos informantes.

Antes de apresentarmos os resultados, acreditamos ser relevante citar alguns dados do estudo de Fägersten (2012). Segundo esse estudo, as palavras consideradas mais ofensivas pelos informantes foram, também, aquelas indicadas como as mais usadas. Para a pesquisadora, esse resultado (um fenômeno que ela chama de *The Swearing Paradox* – Paradoxo do Palavrão) foi inesperado e contraditório, já que pela lógica esperava-se que as palavras mais ofensivas fossem as menos usadas. Não obstante, foi constatado que resultados assim são possíveis devido ao fato de que palavras tipicamente consideradas ofensivas podem também ser usadas em contextos e formas não ofensivas ou menos ofensivas.

Entretanto, os resultados desse presente estudo demonstram uma divergência com relação ao estudo de Fägersten (2012), como podemos constatar na tabela a seguir:

Tabela 2: Comparação entre o grau de ofensividade e a frequência de uso das palavras da lista

GRAU DE OFENSIVIDADE vs. FREQUÊNCIA DO USO			
	GRAU DE OFENSIVIDADE (1 até 10)		FREQUÊNCIA DO USO (1 até 4)
1. Macaco	9,4	1. Porra	3,45
2. Rapariga	8,1	2. Foda	3,35
3. Puta	8,05	3. Merda	3
4. Piranha	7,95	4. Caralho	2,95
5. Viado	7,85	5. Bosta	2,95
6. Quenga	7,7	6. Buceta	2,65
7. Corno	6,6	7. Viado	2,55
8. Cu	5,6	8. Cu	2,3
9. Fresco	5,5	9. Cacete	2,3
10. Buceta	5	10. Rapariga	2,15
11. Caralho	4,7	11. Puta	2,15
12. Porra	4,05	12. Fresco	2,05
13. Foda	3,75	13. Quenga	2
14. Cacete	3,45	14. Corno	1,75
15. Bosta	2,6	15. Piranha	1,15
16. Merda	2,45	16. Macaco	1,05

⁴¹ O Informante Q-INF/06 não indicou a frequência de uso.

De acordo com a tabela 2, as palavras com maior indicação de ofensividade foram as menos usadas. A palavra *macaco* (utilizada de modo pejorativo), por exemplo, foi considerada a mais ofensiva de todas as palavras da lista, recebendo uma classificação média de ofensividade de 9,4 de um máximo de 10. Notamos que ela também foi indicada como a menos usada (1,05 de 4) entre os informantes, provavelmente devido ao cunho preconceituoso/racista em que ela é usada na sociedade – uso considerado inadmissível para a maioria dos informantes. Já a palavra considerada como a menos ofensiva da lista foi *merda* (2,45 de 10), sendo indicada como a terceira mais usada (3 de 4), talvez por ela ser um expletivo possuidor de uma certa carga emocional.

Considerações: Compreendemos que existe uma correlação entre a intenção de uso de uma palavra, sua ofensividade, e a frequência em que ela é usada. Observamos que as palavras consideradas mais ofensivas pelos nossos informantes foram as menos usadas por eles – um fato que parece estar relacionado ao caráter agressivo e depreciativo das mesmas. Por outro lado, as palavras menos ofensivas foram as mais usadas – um fato que parece estar ligado ao seu uso em momentos de descontração entre amigos, ou quando o falante deseja desabafar ou expressar emoções tais como descontentamento, alegria, surpresa, entre outros.

4.5 INFLUÊNCIA DOS FATORES SOCIAIS, CONVERSACIONAIS, EMOCIONAIS E DE IDENTIDADE

Como acabamos de observar, todos os participantes admitiram usar palavrões com uma certa frequência em seu cotidiano. Ao percebemos que alguns informantes usam palavrões com maior frequência do que outros, isso nos leva a inferir que existem fatores que influenciam na decisão do indivíduo de quando seria “o momento certo” para o uso desse tipo de linguajar.

De acordo com a TA, essas mudanças na fala de cada pessoa acontecem devido à influência dos fatores intra- e interpessoais que fazem parte de todas as interações linguísticas/comunicativas. NPS, por sua vez, explica que todas as nossas noções sobre linguagem e uso são adquiridas e desenvolvidas ao entrarmos em contato com os membros de nossa própria comunidade e de outras (algo bem acessível hoje em dia através dos diversos meios de comunicação). Toda essa

‘bagagem’ psicossociocultural é relevante em nossas interações comunicativas e linguísticas, pois é ela que influencia o momento, o conteúdo e a forma que falamos. Um bom exemplo disso pode ser visto no seguinte trecho da fala do informante E-INF/03:

➤ **E-INF/03 – (Trecho de fala)**

PESQ: E...[.] Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

INF: Hum... difícil acontecer, mas às vezes acho que a gente termina tentando evitar meio que inconscientemente...[.] Por exemplo, na apresentação de um trabalho, ou então conversando com seu patrão ou sua patroa... alguma coisa desse tipo, né?

PESQ: Certo. Então você modifica sua fala dependendo da situação?

INF: Nesse sentido, sim.

Ao analisarmos a resposta do informante E-INF/03, percebemos que ele não havia pensado sobre esse assunto antes. No entanto, depois de um breve momento de reflexão percebeu que de fato modifica o seu uso de palavrões (de forma inconsciente) em determinadas situações.

Na tarefa 4 da seção 2 do questionário, foi perguntado aos participantes se eles fazem um esforço consciente para não falar palavrões. O objetivo dessa questão foi o de verificar se os informantes acham que adaptam (ou não) o seu uso de palavrões nas suas interações. Os resultados são apresentados no gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9: Esforço consciente dos informantes do questionário para não falar palavrões



Segundo os dados coletados, apenas 5% (1/20) dos informantes responderam que se esforçam FREQUENTEMENTE e de forma consciente para não falar palavrões, enquanto 40% (8/20) responderam que se esforçam ÀS VEZES, 15% (3/20) se esforçam RARAMENTE e 40% (8/20) NUNCA se esforçam. Com relação aos 40% que responderam NUNCA, esse resultado não significa necessariamente a ausência de acomodação linguística, no que diz respeito ao uso de palavrões, por parte desses informantes. Acreditamos que esse resultado ocorreu devido ao fato de que a acomodação talvez ocorra de forma tão natural que passe despercebida pelos informantes.

É relevante mencionar também que apesar de um grande percentual dos informantes (40%; 8/20) terem respondido que NUNCA se esforçam para não falar palavrões, 75% (15/20) deles afirmaram na tarefa 6 (seção 2) que existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões, como podemos conferir no gráfico 10 abaixo.

Gráfico 10: Conceito sobre a existência de momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões



As justificativas dadas pelos 75% (15/20) dos informantes que responderam SIM foram bastante informativas. Destacamos a seguir algumas delas:

- ❖ **Q-INF/02** – “Em ambientes formais, por exemplo, palavrões são inadmissíveis.”

- ❖ **Q-INF/04** – “Em eventos formais, no trabalho, em discussões ideológicas é ideal não usar palavrões. Com pessoas mais velhas e autoridades, também, pelas consequências negativas que podem ter.”
- ❖ **Q-INF/07** – “Devemos levar em consideração o caráter da conversa “formal” ou “informal” e o ambiente em que estamos.”
- ❖ **Q-INF/12** – “Existem momentos em que exige um grau de formalidade, em que foram socialmente construídos dessa maneira.”
- ❖ **Q-INF/13** – “Existem ocasiões mais formais, como ambientes de trabalho, reuniões, locais sacros ou até mesmo em família, e também em locais de treino de artes marciais (Dojô) que uso de palavrões, para mim, é inapropriado.”
- ❖ **Q-INF/19** – “Acho que só seria apropriado em conversas informais com pessoas muito próximas.”

Ao lermos os trechos acima, percebemos que existe um consenso entre os informantes de que o uso aceitável (ou inaceitável) de palavrões dependerá principalmente da formalidade (ou informalidade) do contexto em que os interlocutores se encontram. Logo, essa noção de formalidade estará relacionada diretamente a fatores como: identidade dos ouvintes (“velhas e autoridades”, “amigos”, “pessoas conhecidas”, “família” e “pessoas muito próximas”), lugares (“ambientes formais”, “trabalho”, “locais sacros”, até de “locais de treino de artes marciais” – provavelmente devido a seu ambiente de disciplina) e situações específicas (“eventos formais”, “em discussões ideológicas” e “reuniões”). Contudo, as respostas mais interessantes foram as dos informantes que responderam que não existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões (25%; 5:20). Vejamos algumas delas a seguir:

- ❖ **Q-INF/05** – “Não deveria haver, mas padrões sociais existem.”
- ❖ **Q-INF/14** – “Cada pessoa deve se expressar à sua maneira.”
- ❖ **Q-INF/18** – “Palavrão às vezes dá a ideia de ‘vírgula’ ou de se expressar por alegria ou tristeza.”
- ❖ **Q-INF/20** – “Mesmo assumindo que falo, não acho adequado em hora alguma.”

De acordo com o informante Q-INF/05, a ideia de se estabelecer limites para o uso de palavrões é algo inadmissível e apenas uma questão de convenção social (ideia também compartilhada pelo informante E-INF/07 – **PESQ**: “Existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?”; **INF**: “Infelizmente, sim!”).

Os informantes Q-INF/14 e Q-INF/18 também rejeitaram de forma flagrante as convenções impostas pela sociedade no que se refere ao uso de palavrões, provavelmente devido à questão de identidade e liberdade de expressão (“Cada pessoa deve se expressar à sua maneira.”), bem como o fato dessas palavras possuírem um certo poder expressivo, considerado ideal para exprimir sentimentos e emoções em determinados momentos como nos momentos de “alegria ou tristeza”.

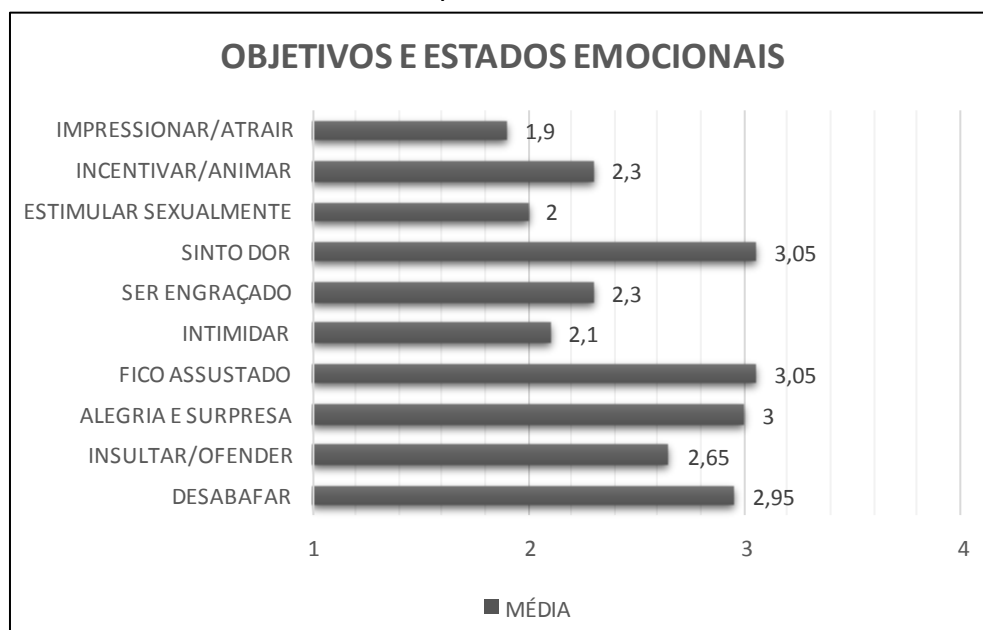
Por sua vez, o informante Q-INF/20, mesmo assumindo que às vezes usa palavrões na sua fala diária, acredita que esse tipo de linguajar é inapropriado em qualquer momento ou circunstância (“Mesmo assumindo que falo, não acho adequado em hora alguma.”) – atitude possivelmente relacionada às suas crenças religiosas (JAY, 1999)⁴².

Acreditamos ser relevante mencionar que constatamos entre os entrevistados atitudes semelhantes aos dos informantes do questionário. Por exemplo, a maioria dos entrevistados afirmaram que não achavam apropriado falar palavrões em certos contextos, situações e lugares considerados mais formais (apresentação de um trabalho acadêmico, entrevista do emprego, trabalho, casa dos pais e ambiente jurídico), nem na presença de certas pessoas (pais, avós, pessoas desconhecidas, crianças, idosos e professores). Eles também concordaram que se sentem mais confortáveis usando palavrões entre amigos.

Na tarefa 11 (seção 2), os informantes foram questionados sobre quais são os seus objetivos e estados emocionais mais frequentes ao falarem palavrões. Suas respostas podem ser encontradas no APÊNDICE J, enquanto as médias são apresentadas no gráfico 11 abaixo.

⁴² O Informante Q-INF/20 foi um dos poucos participantes que indicaram que atualmente pratica uma religião.

Gráfico 11: Médias dos objetivos e estados emocionais que influenciam (ou não) o uso de palavrões



Ao analisar esses resultados, observamos que os informantes indicaram que falam palavrões com mais frequência ao sentirem *dor* (3,05) ou estarem *assustados* (3,05). Na sequência, os outros motivos foram quando desejam enfatizar emoções de *alegria e surpresa* (3), para *desabafar* (2,95) e para *insultar e ofender* (2,65). Os menos usados foram para *impressionar/atrair* alguém (1,9), *estimular sexualmente* (2,0), *intimidar* (2,1), *incentivar/animar* (2,3) e *ser engraçado* (2,3).

Constatamos que os motivos que receberam maior pontuação foram aqueles usados para aliviar algum tipo de pressão emocional, ou seja, usado como uma válvula de escape e/ou uma forma de exprimir emoções como alegria, surpresa, revolta, insatisfação, indignação, raiva etc., e não como uma forma de agressão direcionada a outro indivíduo. Esses resultados são consistentes com os dados coletados por meio das entrevistas como podemos observar na explicação do entrevistado E-INF/02 ao falar do seu objetivo quando usou a expressão “*É foda*” em sua conversa com um amigo:

➤ **E-INF/02** (Trecho de fala)

PESQ: “Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?.”

INF: “Como o objetivo de enfatizar o que eu tava sentindo sobre a situação. Porque o palavrão, na minha opinião, tem muita potência em expressar isso”

PESQ: “Mas nesse caso...[.]”

INF: “Se eu falo só que, ‘É ruim!’, ou que, ‘É desagradável!’, soa mais agradável do que se eu falar ‘É foda!’. ‘É foda’ exprime exatamente o que eu tô sentindo sobre a coisa.” [...].

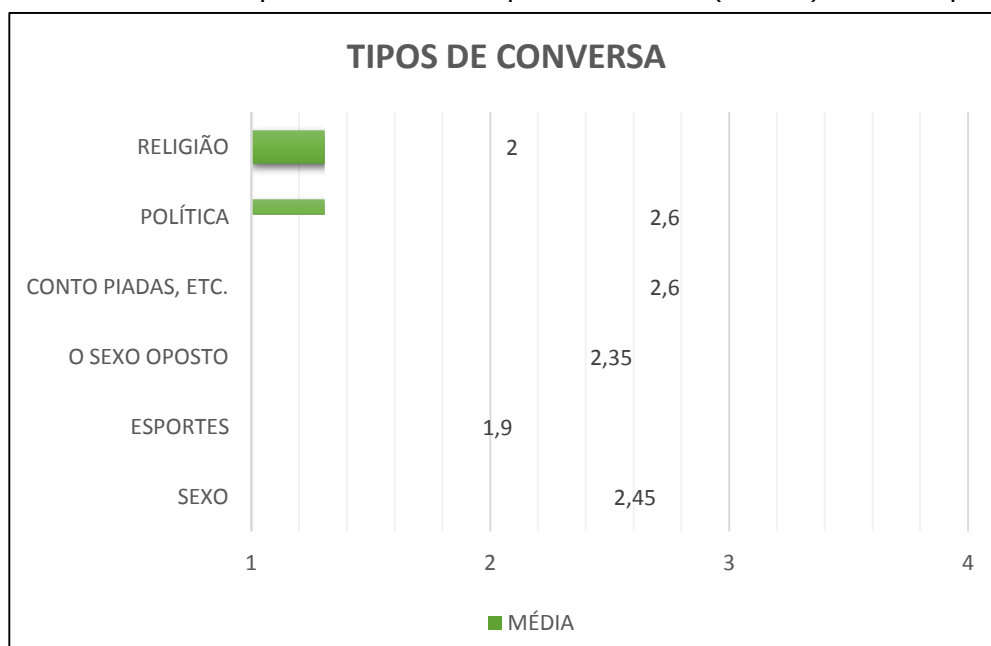
INF: “Existe... é...[.] Na verdade, o palavrão quando eu falo, muito dificilmente é pra... pra que ofenda alguma pessoa.

PESQ: Certo.

INF: A ideia é de... de construir uma... uma hipérbole sobre... sobre a situação e mostrar mais ou menos o sentimento por trás da palavra.

Posteriormente, na tarefa 12 (seção 2), os informantes foram questionados sobre quais são os tipos de conversa em que eles falam mais palavrões. Acreditamos ser relevante mencionar que existe uma diferença entre conversar sobre um tópico (ex. esportes) e a nossa fala quando já estamos inseridos em um contexto específico (ex. linguagem que usamos durante um jogo). Vejamos o gráfico 12 a seguir⁴³:

Gráfico 12: Médias dos tipos de conversas que influenciam (ou não) o uso de palavrões



De acordo com os resultados apresentados acima, os tipos de conversas que mais provocam o uso de palavrões entre os informantes foram conversas sobre *política* (2,6), ao contarem *piadas ou fatos engraçados* (2,6) e ao falarem sobre *sexo*. Os menos usados foram ao falarem sobre o *sexo oposto* (2,35), sobre *religião* (2,0) e sobre *esportes* (1,9).

⁴³ Para acessar os resultados individuais dos informantes ver APÊNDICE J.

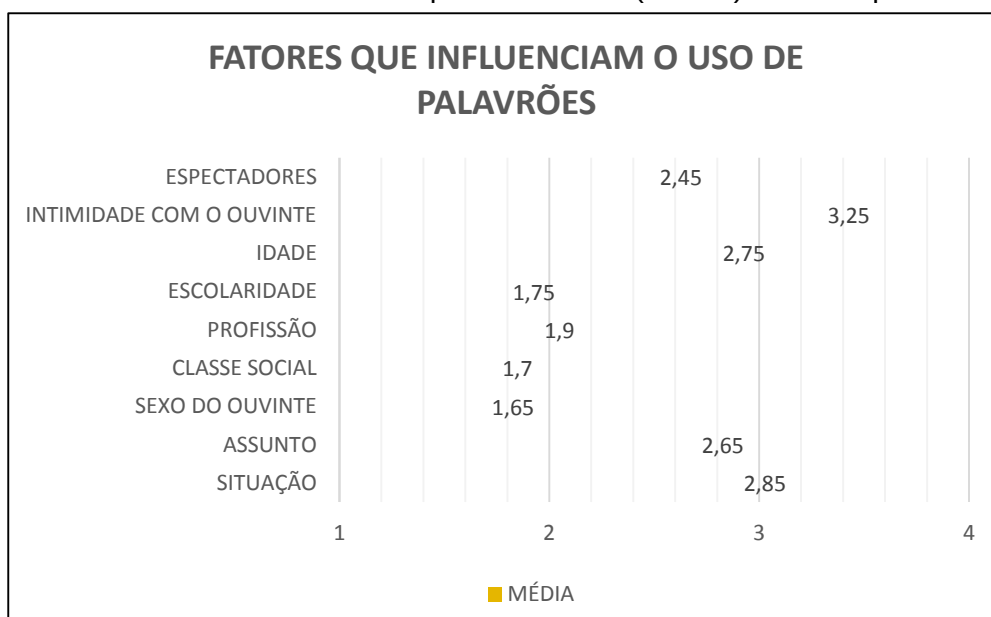
É interessante notar que o uso de palavrões em conversas sobre esportes recebeu uma menor pontuação, apesar de não ser incomum ouvirmos piadas provocativas ou comentários depreciativos sobre times adversários. Por outro lado, a alta pontuação relacionada ao uso de palavrões em conversas sobre política não foi uma surpresa, devido à atual crise política e econômica que o país atravessa.

Durante a fase da observação, os tópicos de conversa que levaram os entrevistados a falar palavrões (ver seção 4.1) foram: *amiga traída* (E-INF/01); *ser mal interpretado* (E-INF/02); *ser mal interpretado* [caso de ECO provocado pelo observado E-INF/02] (E-INF/03); *atraso na publicação de um livro* (E-INF/04); *ficar sem cigarros* (E-INF/05); *perceber o tamanho das nádegas em uma fotografia* (E-INF/06); *necessidade de pagamento para reposição de provas* (E-INF/07); *homens e sexo* (E-INF/08); e *aborrecimento com um professor* (E-INF/09). Através dos exemplos apresentados, observamos que existe uma vasta variedade de tópicos que podem provocar o uso de palavrões.

Na tarefa 13 (seção 2), foi solicitado aos informantes que indicassem o grau de influência que alguns fatores exercem sobre sua decisão de falar palavrões, foram eles: situação, assunto da conversa e tópicos relacionados ao ouvinte, tais como sexo, classe social, profissão, escolaridade, idade, intimidade e presença de expectadores.

Os resultados da tarefa 13 podem ser encontrados no APÊNDICE J, enquanto as médias são apresentadas no gráfico 13 abaixo:

Gráfico 13: Médias dos fatores que influenciam (ou não) o uso de palavrões



Observamos nos resultados acima que os fatores que influenciam mais no uso de palavrões são: a *intimidade entre o falante e o ouvinte* (3,25), a *situação* em que os interlocutores se encontram (2,85), a *idade* do ouvinte (2,75), o *assunto* (2,65), e *espectadores* (2,45). Os fatores considerados menos influentes foram: o *sexo* do ouvinte (1,65), *classe social* do ouvinte (1,7), *escolaridade* do ouvinte (1,75) e a *profissão* do ouvinte (1,9).

Compreendemos por meio desses resultados que certos fatores exercem um papel mais decisivo do que outros na escolha (consciente ou não) de usar certas palavras que poderão ser interpretadas como ofensivas pelos ouvintes. Para os informantes o fator de maior influência na decisão de falar (ou não) palavrões é a *intimidade entre eles e seus ouvintes*. Os outros fatores mais citados foram: *situação*, *idade* e *assunto*, respectivamente.

Ao analisarmos as entrevistas, podemos perceber respostas semelhantes aos dos informantes do questionário. Vejamos nos trechos a seguir:

➤ **E-INF/02** – (Trecho de fala)

INF: O lugar... físico...talvez seja qualquer lugar, mas a situação, ou seja, a interação... a comunicação é que vai construir o ambiente... que é propício ou não... dependendo do meu julgamento. Mas, eu falaria em qualquer lugar... diante de que fosse... fosse aceitável no bom senso ali... naquele momento da... da comunicação, eu... eu julgar que seja necessário.

➤ **E-INF/04** – (Trecho de fala)

PESQ: Ah, o tópico da conversa influencia o seu uso de palavrões?
INF: Sim! Não é sobre qualquer assunto que eu vou soltar um palavrão!

➤ **E-INF/07** – (Trecho de fala)

INF: [...] Todo mundo pode se “Fuder”... Tá ligado? Mas a minha família...[.] Eu não falo palavrão, não!
PESQ: E a idade, por exemplo?
INF: Se for uma criança...[.] Eu não falo, não!
PESQ: Uma pessoa de 90 anos?
INF: Também não falo, não! [...]. São os pontos extremos...[.] Eu falo pra uma galera que eu não possa influenciar. Tá ligado? Porque quando é uma criança, eu não quero ter poder sobre o que ela tá escutando! Tá ligado? [...]. E se for um idoso, também! Quando o caba tá idoso.... é como se voltasse a ser criança. Tá ligado? É outro processo.

➤ **E-INF/08** – (Trecho de fala)

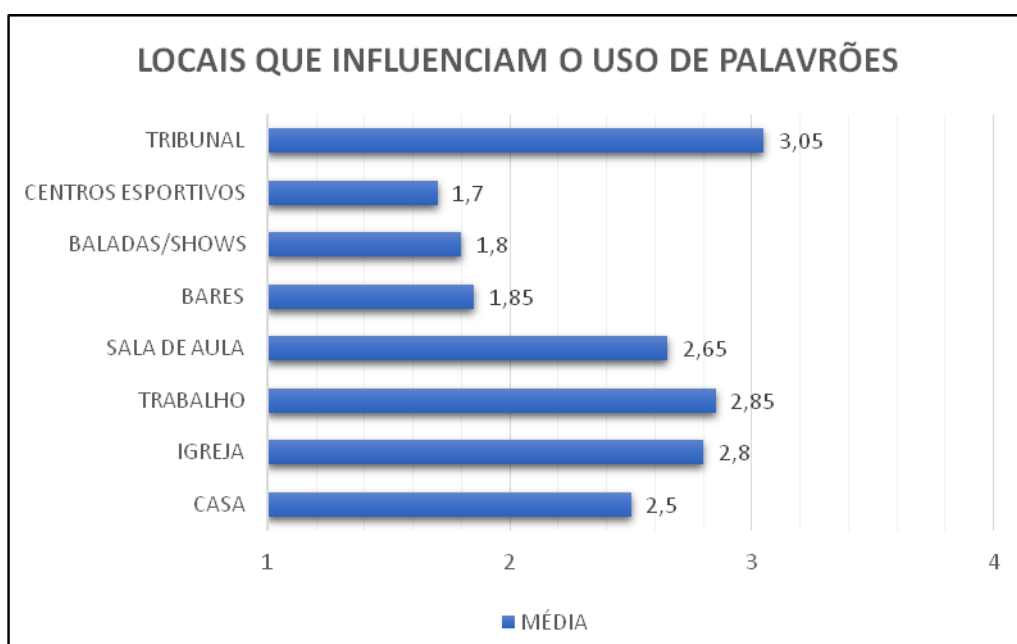
INF: Na frente dos meus pais, por exemplo, eu não chamo palavrões. [...]. E nem de pessoas idosas, por exemplo... crianças.... É mais com amigos mais

íntimos que eu me... como eu disse.... Me sinta mais à vontade para me expressar.

Na fala do informante E-INF/02, constatamos que, para ele, o momento adequado para o uso de palavrões não depende de um lugar e sim da situação. E essa situação é formada a partir de noções estabelecidas no instante da interação. Já para o informante E-INF/04, o tópico é bastante relevante na construção do momento adequado. Quanto ao informante E-INF/07, ele nos passa a impressão de não se importar com a opinião dos outros no que diz respeito a sua forma de falar (“Todo mundo pode se “Fuder”... Tá ligado?”), porém logo em seguida, afirma que não usa esse tipo de linguagem na presença da sua família, crianças e idosos. O informante E-INF/08, por sua vez, também, considera inadequado o uso de palavrões na presença de seus pais, crianças e idosos, mas entre seus amigos íntimos, não há problema algum.

Na tarefa 14 (seção 2), os informantes foram questionados sobre a influência que certos locais possuem na decisão deles de falar palavrões. As respostas de cada informante podem ser encontradas no APÊNDICE J, enquanto as médias serão apresentadas no gráfico 14 a seguir:

Gráfico 14: Médias relacionadas a influência de certos locais no uso de palavrões



De acordo com os resultados apresentados acima, podemos observar que os lugares que influenciam mais os informantes no seu uso de palavrões foram: *tribunal* (3,05), *trabalho* (2,85), *igreja* (2,8), *sala de aula* (2,65) e *casa* (2,5). Os locais considerados de menor influência foram: *centros esportivos* (1,7), *baladas/shows* (1,8) e *bares* (1,8). De acordo com esses resultados, podemos constatar que os locais que exercem uma maior influência no uso de palavrões dos informantes são os lugares considerados mais formais (com exceção da casa). Podemos observar opiniões semelhantes na fala de alguns entrevistados. Vejamos alguns trechos a seguir:

➤ **E-INF/01 – (Trecho de fala)**

PESQ: E você se sente confortável em falar palavrões em qualquer lugar?

INF: Depende do lugar. Que nem eu falei... sala de aula a gente já evita...[] Em casa ne? Família, a gente também evita. Mais com amigos, mesmo.

➤ **E-INF/02 – (Trecho de fala)**

INF: Facilita... facilita o uso por exemplo: eu tô jogando futebol... é.... é.... o ambiente de... de jogar futebol... o assunto futebol, talvez... é.... permita o uso de palavrão. Agora se eu tô apresentando um trabalho científico diante de uma banca ou diante de uma coisa... talvez esse contexto não seja construído.

➤ **E-INF/04 – (Trecho de fala)**

INF: Momentos apropriados: numa mesa de um bar, conversando com amigos sobre qualquer assunto besta... sei lá... no futebol eu geralmente xingo muito (Risos) ... assistindo futebol..., mas assim, é.... é.... não é que seja apropriado, é.... uma forma de se expressar mesmo!

➤ **E-INF/05 – (Trecho de fala)**

INF: [...]. Tá num ambiente de trabalho.... Você fica meio que se regrado.... Colocando filtro pra poder se.... manifestar.

➤ **E-INF/07 – (Trecho de fala)**

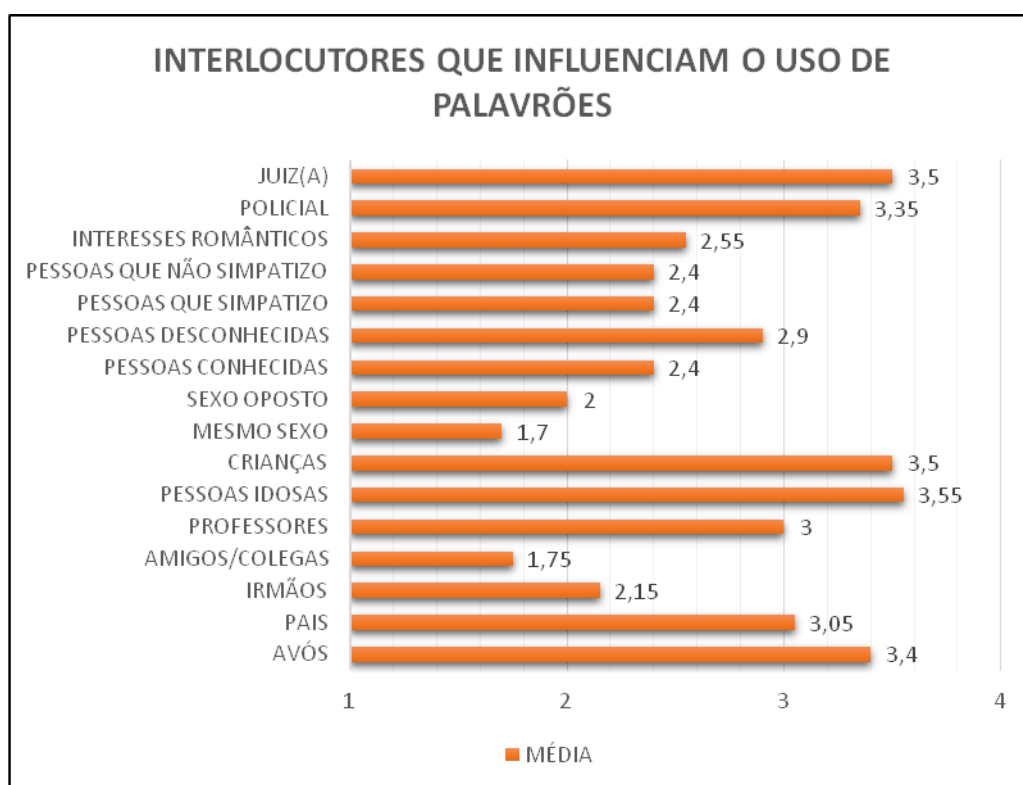
INF: Por exemplo, eu estudo... eu sou estudante de direito... Tá ligado? Aí... no ambiente jurídico, o caba tem que... manerar assim nas palavras.... Não pode falar qualquer coisa.

Podemos observar por meio dessas amostras, que os lugares que influenciam mais o uso de palavrões dos nossos entrevistados foram: sala de aula, casa, trabalho e ambiente jurídico. Acreditamos ser relevante mencionar também que essa

influência parece estar ligada não ao local propriamente dito, mas às pessoas que eles esperam encontrar nesses locais (ex. “Em casa ne? Família, a gente também evita” [E-INF/01]; “[...] numa mesa de um bar, conversando com amigos sobre qualquer assunto besta” [E-INF/04]).

Dito isto, apresentaremos a seguir o gráfico 15 com dados relacionados à tarefa 15 da seção 2 (sobre a influência que certos tipos de interlocutores exercem no uso de palavrões de nossos informantes). Ver as respostas individuais no APÊNDICE J:

Gráfico 15: Médias relacionadas à influência que certos interlocutores exercem no uso de palavrões



Segundo os resultados apresentados acima, constatamos que os interlocutores que influenciam mais os informantes no seu uso de palavrões foram: *peessoas idosas* (3,55), *crianças* (3,5), *juízes* (3,5), *avós* (3,4), *policiais* (3,35), *pais* (3,05) e *professores* (3). Por outro lado, os interlocutores que influenciam menos foram: *peessoas do mesmo sexo* (1,7), *amigos/colegas* (1,75), *sexo oposto* (2), *irmãos* (2,15), *peessoas que não simpatizo* (2,4), *peessoas que simpatizo* (2,4), *peessoas conhecidas* (2,4), *interesses românticos* (2,55) e *peessoas desconhecidas* (2,9).

Ao analisar os dados coletados, percebemos uma forte correlação entre eles e os dados das entrevistas. Por exemplo, foi constatado que os interlocutores que mais influenciam o uso de palavrões dos nossos informantes são os mesmos que os informantes disseram evitar usar esse tipo de linguagem em sua presença (ex. idosos, crianças, pais, avós e professores). Ademais, percebemos que além das *crianças*, todos os outros interlocutores que obtiveram classificação de 3 ou mais são pessoas com um status social mais elevado do que os informantes. Assim podemos inferir que o status social é um outro fator relevante para os informantes dessa pesquisa.

Na tarefa 16 (seção 2), foi perguntado aos informantes uma questão sobre identidade relacionada ao uso de palavrões. Ver resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 16: Importância da identidade no uso de palavrões



Observamos nesses resultados que 55% (11/20) dos informantes consideraram seu uso de palavrões como um aspecto importante de sua identidade, enquanto 10% (2/20) responderam MAIS OU MENOS e 35% (7/20), NÃO. Esse fato é relevante, pois, de acordo com TA, a identidade do próprio locutor é um importante elemento no processo de acomodação.

Por meio das respostas dadas pelos informantes, podemos entender melhor seus pontos de vista sobre o assunto em questão. Vejamos algumas delas nos trechos a seguir:

❖ **Q-INF/05 – (RESPOSTA: SIM)** “Porque identifica qual grupo social você se relaciona.”

- ❖ **Q-INF/06 – (RESPOSTA: SIM)** “Porque demonstra uma certa vontade de transgredir, de se rebelar contra normas, e isso faz parte da minha identidade.”
- ❖ **Q-INF/10 – (RESPOSTA: SIM)** “Os palavrões causam impacto nas conversas e na imagem que passamos de nós mesmos.”
- ❖ **Q-INF/15 – (RESPOSTA: SIM)** “Uma pessoa recatada não aparenta vulgaridade.”
- ❖ **Q-INF/13 – (RESPOSTA: MAIS OU MENOS)** “Acredito que no contato inicial com uma pessoa ou um grupo de pessoas, é necessário um pouco de discrição, ou seja, não mostrar-se intimo demais. Com o tempo e a intimidade, estes receios desaparecem, especialmente em ocasiões mais formais.”
- ❖ **Q-INF/03 – (RESPOSTA: NÃO)** “Não considera importante, mas natural na fase adolescente e/ou entre grupos de amigos.”
- ❖ **Q-INF/16 – (RESPOSTA : NÃO)** “Não acho que o uso de palavrões seja um aspecto com minha identidade social.”

Destacamos a seguir, a opinião dos informantes que participaram das entrevistas:

➤ **E-INF/04 – (Trecho de fala)**

PESQ: Você acha que quando você fala... quando você usa palavrão, isso tem algo a ver com a sua identidade?

INF: Eu acho que sim. Porque... é coisa minha. E como eu trato o.... onde e como falar e o que falar... é meu! Não é alguma coisa... que não é.... pessoas que vão me influenciar, né? Porque tipo... eu ouvi palavrão.... Vou falar porque fulano falou.... Não! É meu! E os palavrões, também, que eu falo são porque eu quero falar eles.

➤ **E-INF/05 – (Trecho de fala)**

PESQ: Você quer explicar algo o seu uso de palavrões e talvez sua identidade?

INF: Não.... Não sei o que falar.... Mas acho que de certa forma influencia a sua figura é.... com relação a forma com que as pessoas lhe veem, porque algumas pessoas não gostam, né? E outras pessoas já não se importam..., mas eu realmente não me importo.

➤ **E-INF/07 – (Trecho de fala)**

PESQ: Você considera o seu linguajar... e nessa situação: uso de palavrões... um aspecto importante de sua identidade? Ou quem você é?

INF: Sim! [...]. Porque é uma linguagem popular... Tá ligado? Todo mundo fala palavrão e não tem isso de ficar se escondendo, não! Todo mundo tem que falar e ser sincero assim... Se que falar “porra”, “fudeu”... é falar “porra”, “fudeu”, mesmo!

PESQ: É? Isso mostra o que... de sua identidade? Você quer mostrar o que?

INF: Não.... Mostro que eu sou sincera e que eu não ligo.... Não tô nem aí pra quem tá escutando... Tá ligado? Isso é uma coisa minha.

➤ **E-INF/08 – (Trecho de fala)**

PESQ: Você considera o seu linguajar ou nesse caso, o seu uso de palavrões, um aspecto importante da sua identidade ou quem você é?

INF: Com certeza! [...]. Porque é algo meu! Por... Tipo... é a forma como eu me expresso com outras pessoas.... Não só com outras pessoas, mas assim... de acordo com o lugar que eu esteja... Tipo... é apropriado para isso. Então, assim... é algo que faz parte de mim! É uma cultura!

PESQ: Certo. Então... isso mostra algo sobre suas origens ou sobre suas crenças? Sua faixa etária...?

INF: Não, porque na verdade eu acho que... isso envolve... mais assim... de acordo com as pessoas com quem você... tipo... esteja com contato.... Eu acho que isso a.... a gente assimila!

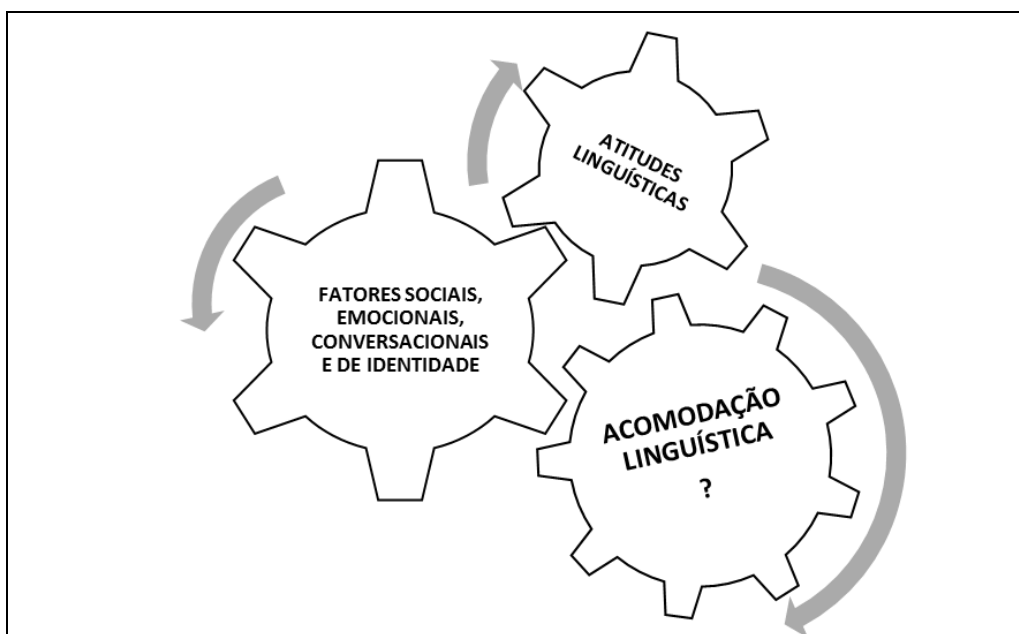
Segundo os dados apresentados, percebemos que a maior parte dos informantes considerou o seu uso de palavrões como um aspecto importante na construção de sua identidade social. Apesar de nem sempre admitir isso claramente, eles consideraram que o uso de palavrões está ligado à questão de idade (Q-INF/03: adolescentes), intimidade (Q-INF/03: grupos de amigos), bem como certos tipos de comportamento, como por exemplo rebeldia (Q-INF/06); (“Mostro que eu sou sincera e que eu não ligo.... Não tô nem aí pra quem tá escutando” – E-INF/07). No entanto, a ideia mais citada pelos informantes foi a de que o uso de palavrões é simplesmente um aspecto individual da fala de cada indivíduo: “É coisa minha” (E-INF/04), “[...], mas eu realmente não me importo [com o que outras pessoas acham]” (E-INF/05), “é algo que faz parte de mim!” (E-INF/08).

Considerações: Através dos dados apresentados na seção (4.5), podemos concluir que os fatores sociais, emocionais, conversacionais e de identidade exercem uma grande influência no uso de palavrões dos nossos informantes. Percebemos, no entanto, que alguns fatores exercem maior influência do que outros. Por exemplo, foi observado que a intimidade entre os interlocutores, bem como a identidade do falante são os fatores que mais influenciam na decisão de usar esse tipo de linguajar em interações sociais.

4.6 ANÁLISE SOB A ÓTICA DA ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

Como mencionado na seção 2.2, percebemos a existência de uma lacuna no que diz respeito ao que as pessoas dizem, e o que elas realmente fazem. Constatamos que essa lacuna é criada por alguns fatores presentes nas interações sociais da fala. No esquema abaixo, podemos visualizar como esses fatores se encaixam entre as atitudes linguísticas e a acomodação linguística, exercendo, assim, uma influência decisiva no uso de palavrões.

Esquema 1: Engrenagem lingüísticopsicossocial na Acomodação Linguística⁴⁴



Vandermeeren (2005, p. 1321 *apud* KAUFMANN, 2011, p. 127): “A força da relação entre atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais. Consequentemente, uma mesma atitude pode levar a manifestações que parecem inconsistentes umas com as outras devido ao impacto da mudança de variáveis contextuais.”

Através desse esquema, podemos reconhecer que o processo que conduz a acomodação linguística envolve questões atitudinais sobre linguagem que, por sua vez, sofre influência diante de diversos fatores sociais, emocionais, conversacionais e de identidade. Em síntese, entendemos que a decisão de acomodar (ou não) linguisticamente depende da atitude do locutor com relação à palavrões, bem como da influência dos fatores presentes em cada interação.

Na presente pesquisa, foi observado, de modo geral, uma atitude favorável ao uso de palavrões por parte de nossos informantes. Foi observado entre eles,

⁴⁴ Esquema adaptado de Chacon (2012, p. 75)

também, uma tendência em adaptar o uso desse tipo de linguagem em conformidade com os fatores já citados anteriormente. Em síntese, a atitude dos informantes não foi o único fator que exerceu uma influência ativa na decisão deles de usar palavrões.

A fim de demonstrar esse fato mais claramente, apresentaremos alguns dados coletados do informante E-INF/07, que foi observado falando a palavra *fudida* em uma conversa com um amigo, e em seguida, os dados do informante Q-INF/20, que foi o único participante que demonstrou uma atitude desfavorável (apesar de admitir que faz uso desse tipo de linguagem) quanto ao uso de palavrões.

Segundo informante E-INF/07, o seu uso de palavrões é uma prática diária (“Vixe! [Eu falo] o tempo inteiro.”), natural (“Todo mundo fala palavrão e não tem isso de ficar se escondendo, não. Todo mundo tem que falar e ser sincero assim. Se quer falar *porra*, *fudeu*... é falar *porra*, *fudeu*, mesmo.”), e importante para sua identidade social (“Mostro que eu sou sincera e que eu não ligo... Não tô nem aí pra quem tá escutando... Tá ligado? Isso é uma coisa minha.”). Essas respostas demonstraram de forma clara, uma atitude extremamente favorável quanto ao uso de palavrões do informante E-INF/07. Contudo, durante o desenrolar da entrevista, constatamos a existência de outros fatores externos e internos, que também influenciam o seu uso de palavrões. Por exemplo, de acordo com o informante, um ambiente jurídico não é um lugar para esse tipo de linguajar (“[...] eu sou estudante de direito, tá ligado? Aí, no ambiente jurídico, o caba tem que manerar assim nas palavras. Não pode falar qualquer coisa.”). Podemos inferir, nesse caso, que apesar do informante possuir uma opinião favorável ao uso de palavrões, a sua identidade (relacionada ao seu status de estudante de direito) o influenciaria a convergir linguisticamente para cima⁴⁵, fazendo-o não usar palavrões no ambiente jurídico.

Sugerimos aqui, que o informante sacrifica um aspecto de sua identidade (indivíduo que fala palavrões e não vê problema nisso), por possíveis benefícios em um contexto específico. Novamente, observamos pela fala do informante E-INF/07 que ele converge linguisticamente quando não fala palavrão na presença da sua família (“Todo mundo pode se fuder, tá ligado! Mas a minha família..., eu não falo palavrão, não!”), crianças (“Se for uma criança, eu não falo, não!”), e idosos (“E se for um idoso, também, [não]! Quando o caba tá idoso, é como se voltasse a ser

⁴⁵ Esse tipo de convergência consiste em convergindo para um registro mais prestigioso ou formal.

criança, tá ligado!”). No entanto, em outro momento da entrevista quando questionado sobre o uso de palavrões dentro de uma igreja, ele respondeu: “Se fosse uma igreja, eu só falava palavrões! Entrava só pra falar palavrão.” Sugerimos a partir dessa resposta que esse desejo exacerbado de falar palavrões em um ambiente religioso, seja um reflexo do seu desejo de divergir das pessoas que lá estão (percebido pelo seu tom de voz e linguagem corporal). Contudo, não sabemos se ele realmente agiria dessa forma ao encontrar-se nessa situação.

Outro exemplo relevante é o do informante Q-INF/20. Ao contrário do informante E-INF/07, ele acredita que o uso de palavrões é algo inaceitável, embora confesse que faz uso desse tipo de linguagem (“Mesmo assumindo que falo, não acho adequado em hora alguma.”). Além disso, ele afirma que o uso de palavrões faz uma pessoa soar ignorante, e que “[...] não ‘soma’ em nada ao indivíduo”, comparando assim, o seu uso a um vício. É relevante mencionar também, que acreditamos que o posicionamento do Q-INF/20 esteja provavelmente relacionado às suas crenças religiosas (JAY, 1999), sendo ele católico praticante. Assim, constatamos que, mesmo o informante em questão não seja favorável ao uso de palavrões, ele faz uso desse tipo de linguajar. E por que isso acontece? Segundo Kaufmann (2011, p. 123), isso acontece quando um indivíduo, possuidor de uma atitude negativa sobre alguma coisa ou alguém, percebe e prefere os benefícios resultantes de um curso de ação contrária à sua atitude: “Por exemplo, mesmo não gostando de pessoas dos Estados Unidos em geral, pode-se querer dominar o inglês estadunidense fluentemente, porque isso pode trazer vantagens importantes no trabalho [...]”. Dito tudo isso, concluímos que o informante Q-INF/20 adapta seu uso de palavrões, convergindo ou divergindo linguisticamente com seus interlocutores, de acordo com os fatores sociais, emocionais, conversacionais e de identidade presentes em cada interação, julgando os prós e os contras, e levando em conta os objetivos que ele deseja alcançar.

Da mesma forma, acreditamos, devido aos dados analisados, que todos os casos da observação espontânea de uso de palavrão nessa pesquisa constituem, de fato, casos de convergência linguística e psicológica. Em outras palavras, consideramos o uso de palavrão desses nove indivíduos atitudes de solidariedade endogrupal, construídas a partir de uma complexa combinação de fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade que favoreceram o seu uso, tais como a atitude do locutor sobre palavrões, seus objetivos pessoais e sociais, questões de

identidade e intimidade entre os interlocutores, aspecto informal do local (Praça da Alegria), o tópico da conversa e seu estado emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a escassez de pesquisas sociolinguísticas sobre palavrões no Brasil, porém reconhecendo seu valor científico (JAY, 1981), a presente pesquisa teve por objetivo geral o mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem sobre o seu uso cotidiano.

A fim de alcançar o nosso objetivo, 29 indivíduos, estudantes universitários da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foram submetidos a três métodos qualitativos de investigação, sendo eles questionário, observação não-participante e entrevista semiestruturada, procurando, assim, responder às seguintes questões norteadoras: 1) Existe uma diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*?; 2) Existe um consenso entre as pessoas dessa mesma comunidade da fala acerca do grau de ofensividade das palavras consideradas *palavrões*?; 3) O grau de ofensividade das palavras influencia a frequência do seu uso?; 4) Quais fatores sociais, emocionais e conversacionais influenciam mais no uso de palavrões?; e 5) Como a identidade dos indivíduos influencia o uso de palavrões?

Com relação à primeira pergunta norteadora, os dados coletados refutaram a nossa hipótese de que os informantes não chegariam a um consenso sobre a diferença entre *palavras ofensivas* e *palavrões*. Foi constatado que a noção do significado do termo *palavrão*, de fato, varia de pessoa para pessoa, corroborando, assim, com a opinião de Limbrick (1991) que o conceito do termo *palavrão* resiste a definições concretas. No entanto, os informantes não tiveram dificuldade em definir a diferença entre o conceito geral de *palavrão* e de *palavra ofensiva*, sendo que, os palavrões podem servir para diversas funções pragmáticas tanto positivas quanto negativas (descontrair, expressar emoções fortes, ofender etc.), já as palavras ofensivas são aquelas que se tornam ofensivas apenas quando utilizadas com objetivos maliciosos (agredir, ofender, machucar etc.).

No tocante à segunda pergunta norteadora, os dados revelaram que, de fato, houve uma discrepância entre as respostas dos informantes em relação ao grau de ofensividade, como havíamos previsto anteriormente. Acreditamos que isso ocorre devido à subjetividade de cada indivíduo originada de fatores relacionados a sua criação (ex. religiosidade e censura familiar) e à frequência de uso desse linguajar. Foi observado também que os fatores mais importantes para os nossos informantes,

no que diz respeito ao grau de ofensividade dos palavrões são: a intenção do falante, a identidade dos interlocutores e intimidade entre eles, e o contexto (formal ou informal) em que eles são usados. Além disso, constatamos que as palavras da lista consideradas mais ofensivas (*macaco*, *rapariga*, *puta*, *piranha*, *viado*, *quenga* e *cornio*) foram aquelas normalmente usadas com o intuito de agredir, depreciar e/ou xingar o receptor.

Com relação à terceira pergunta norteadora, foi constatado que, de fato, existe uma correlação entre o grau de ofensividade das palavras e a sua frequência de uso. Contudo, essa correlação não ocorreu como esperávamos. Acreditávamos que as palavras consideradas mais ofensivas, seriam as mais usadas por nossos informantes (como ocorrido no estudo de Fägersten (2012)). Contudo, observamos em nossa pesquisa, de modo geral, que as palavras consideradas mais ofensivas pelos nossos informantes foram indicadas como as menos usadas por eles – um fato que parece estar relacionado ao caráter agressivo e depreciativo dessas palavras.

Sobre a quarta pergunta norteadora, os dados revelaram que as variáveis sociais, conversacionais e emocionais, de fato, influenciam consideravelmente na decisão dos informantes de usar (ou não) palavrões. Como sugerido no início desse trabalho, foi constatado que as variáveis indicadas pelos informantes como mais influentes foram aquelas relacionadas a questões interpessoais, mais especificamente, a intimidade entre os interlocutores. As outras variáveis mais indicadas foram: a situação (evento, lugar, etc.), idade do ouvinte e o tópico da conversa.

No que concerne à quinta questão norteadora, observamos que a identidade dos interlocutores (como o falante se vê e como ele vê o ouvinte) exerce uma grande influência na decisão de usar esse tipo de linguajar. Como esperado, a maioria dos informantes expressaram (diretamente e indiretamente) que o seu uso de palavrões é, de fato, uma demonstração exterior de quem eles realmente são e, mais importante, expressam como eles se sentem com relação a algo ou alguém.

Por meio de nossa breve análise dos dados sob a ótica da Teoria da Acomodação, foi constatado que a atitude dos informantes sobre palavrões serve apenas como uma pré-condição relacionada a sua intenção de usar (ou não) palavrões. No final das contas, percebemos que o que realmente leva um indivíduo

a acomodar linguisticamente usando palavrões são os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade.

Ao considerar todos os dados analisados, a complexidade do assunto e a escassez de pesquisas linguísticas sobre palavrões no Brasil, percebemos que sejam necessários estudos mais aprofundados e específicos nessa área, já que o presente trabalho constitui apenas uma tentativa de mapeamento geral desse fenômeno. Contudo, esperamos que a presente pesquisa forneça contribuições significativas para futuros estudos, bem como demonstre a relevância dos estudos científicos sobre palavrões.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. **Forbidden words: taboo and the censoring of language**. New York: Cambridge University Press, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 261-306.

BATTISTELLA, Edwin L. **Bad language: are some words better than others?** Cary, NC: Oxford University Press, 2005.

BOURHIS, Richard Y. Language policies and language attitudes: le monde de la francophonie. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. **Sociolinguistics: a reader and coursebook**. New York: St. Martin's Press, 1997, p. 306-322.

BRIGHT, William. Dialeto social e história da linguagem. In: FONSECA, M.S.; NEVES, M.F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BULL, Peter. **Communication under the microscope: the theory and practice of microanalysis**. East Sussex: Routledge, 2002.

CAVALCANTE, M.; MOITA; LOPES, L.P da. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Nº 17, Campinas, SP: 1991 (pp.133-144).

CEZARIO, Maria M.; MARTELOTTA, Mário E. Aquisição da linguagem. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 207-216.

CEZARIO, Maria M.; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-156.

CHACON, Karoline de Albuquerque. **Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa**. João Pessoa, 2012. Dissertação de Mestrado.

COLLET, Thaís. A tradução de palavras constantes das legendas do filme americano gran torino. Anais do SILEL. Vol. 2, Nº. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CROFT, William; CRUSE, D. Allen. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

DALY, N.; HOLMES, J.; NEWTON, J.; STUBBE, M. **Expletives as solidarity signals in FTAs on the factory floor**. Journal of Pragmatics, 36, 2004, pp. 945-964.

DICIONÁRIO AURÉLIO (digital). Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 18 maio 2016.

DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Essais, Points, Editions du Seuil, 1972, 1995, p. 143-148.

FÄGERSTEN, Kristy Beers. **Who's swearing now?** the social aspects of conversational swearing. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCÊS JUNIOR, Celso. **Atitude linguística e revitalização da língua Mundurukú**: observações preliminares. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: docplayer.com.br/9720743-Celso-frances-junior-atitude-linguistica-e-revitalizacao-da-lingua-munduruku-observacoes-preliminares.html. Acesso em: 16 maio 2016.

GALLOIS, Cynthia; CALLAN, Victor J. Interethnic accommodation: the role of norms. In: GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, N. **Contexts of accommodation**: developments in applied sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 245-269.

GALLOIS, C.; OGAY, T.; GILES, H. Communication accommodation theory: a look back and a look ahead. In: GUDYKUNST, W. (Ed.). **Theorizing about intercultural communication**. Thousand Oaks: Sage, 2005.

GARRETT, Peter. **Attitudes to language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, N. **Contexts of accommodation**: developments in applied sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GILES, H.; ST. CLAIR, R. **Language and social psychology**. Oxford: Blackwell, 1979.

GILES, H.; WILLEMYNS, M.; GALLOIS, C.; ANDERSON, M.C. Accommodating a new frontier: the context of law enforcement. In: FIEDLER, Klaus (Ed.). **Social communication**. New York: Psychology Press, 2011.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. London: Routledge, 1974.

JAY, Timothy. **Comprehending dirty-word descriptions**. *Language and Speech*, v. 24, n. 1, 1981, pp. 29-38.

_____. **Cursing in America**: a psycholinguistic study of dirty language in the courts, in the movies, in the schoolyards and on the streets. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. **Why We Curse: A Neuro-Psycho-Social Theory Of Speech.** Philadelphia: John Benjamins, 2000.

_____. **The utility and ubiquity of taboo words.** *Perspectives on Psychological Science*, v. 4, 2009a, pp. 153-161.

_____. **Do offensive words harm people?** *Psychology, Public Policy, and Law*, v. 15, n. 2, 2009b, pp. 81-101.

JAY, Timothy; JANSCHWITZ, Kristin. The Pragmatics of swearing. **Jornal of Politeness Research**, 4, 2008, p. 267-288.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v., p. 121-137.

KRAUSS, Robert M.; CHIU, Chi-Yue. Language and social behavior. In: GILBERT, D.; FISKE, S.; LINDSEY, G. (Ed.). **Handbook of social psychology.** v. 2, 4 ed. Boston: McGraw-Hill, 1998.

KRISTIANSEN, Tore. Language attitudes in a Danish cinema, In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. **Sociolinguistics: a reader and coursebook.** New York: St. Martin's Press, 1997, p. 291-305.

LASAGABASTER, David. Atitude. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Ed.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society.** v. 1, 2 ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004, p. 399-405.

LEITE, Cândida Mara Britto. **Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social.** *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 2, 2011, p. 1017-1028.

LIMBRICK, Peter. **A study of male and female expletive use in single and mixed-sex situations.** *Te Reo* 34: 71-89, 1991.

LYONS, John. **Language and linguistics: an introduction.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

OURIQUES, Rose A. C. **A compreensão do não-verbal: a perspectiva do graduando em letras/inglês/UEPB-Guarabira.** Dissertação de Mestrado. PROLING – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2009.

OVANDO, Karla B. Del Carpio. **Bilingual education in Chinalhó, Chiapas in Southeast Mexico.** Boca Raton: Dissertation.com, 2013.

PATRICK, G. T. W. The psychology of profanity. **Psychological Review**, 8, 1901, p. 113-127.

PINKER, Steven. **The stuff of thought: language as a window into human nature.** New York: Viking Penguin, 2007.

_____. **What the f***? Why we curse.** The New Republic, 237(4822), 2007, pp. 25-28.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 34º ed., São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, (1916) 2012.

SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication:** an introduction. 3º ed., Oxford: Blackwell, 2003.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário do palavrão e termos afins.** Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

SOUZA LEÃO, André L.M. de; BENÍCIO DE MELLO, Sérgio C. Apresentando a etnografia da comunicação ao campo da pesquisa em administração. **EnEPQ**, 2007. Disponível em: www.anpad.org.br > EnEPQ > ENEPQ21. Acesso em: 13 maio 2016.

STAPLETON, Karyn. Swearing. In: LOCHER, M.A.; GRAHAM, S.L. (Eds.). **Interpersonal pragmatics.** Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

STEPHENS, Richard; ATKINS, John.; KINGSTON, Andrew. **Swearing as a response to pain.** NeuroReport, 20, 2009, pp. 1056-1060.

TAJFEL, H. **Social identity and intergroup behavior.** Social Science Information, 13: 65-93, 1974.

TOMASELLO, Michael. **The cultural origins of human cognition.** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

VAN LANCKER, D.; CUMMINGS, J.L. **Expletives:** neurolinguistic and neurobehavioral perspectives on swearing. Brain Research Reviews, 31, 1999, pp. 83-104.

VINGERHOETS, J.J.M.; BYLSMA, L.M.; VLAM, C. de. **Swearing:** a biopsychosocial perspective. Psychological Topics, v. 22, n. 2, 2013, pp. 287-304.

WAJNRYB, Ruth. **Expletive deleted.** New York: Free Press, 2005.

WEST, R.; TURNER, L. H. **Introducing communication theory: analysis and application.** 4th ed., New York: McGraw-Hill, 2010.

Transcrição da entrevista com Patrícia Moreira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FXEbAt-Hugo>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PERFIL DOS INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO

Q-INF/	IDADE	SEXO	ORIENT. SEXUAL	STATUS CIVIL	CIDADE NATAL	CIDADE DO ENSINO MÉDIO
01	22	----	HOMO	----	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
02	23	F	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
03	26	M	CONFUSO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	LAGOA DE DENTRO – PB
04	23	F	HETERO	SOLT.	PAULISTA – PB	PAULISTA – PB
05	25	F	BI	SOLT.	IRECÊ – BA	RECIFE – PE
06	23	F	BI	SOLT.	RECIFE – PE	MACEIÓ – AL / RECIFE – PE
07	20	M	HETERO	SOLT.	ESPERANÇA - PB	JOÃO PESSOA – PB
08	22	F	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	BAYEUX – PB
09	23	M	BI	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
10	29	M	HETERO	SOLT.	SANTA CRUZ – RN	TANGARÁ – RN
11	19	F	BI	SOLT.	PATOS – PB	PATOS – PB
12	21	F	HETERO	SOLT.	MALTA – PB	MALTA – PB
13	24	M	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
14	18	M	HOMO	SOLT.	GUARABIRA – PB	CUITEGI – PB
15	19	M	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
16	19	M	HOMO	SOLT.	RIO TINTO – PB	JACARAÚ – PB
17	22	M	HETERO	SOLT.	NATAL – RN	NATAL – RN
18	27	M	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
19	19	F	HETERO	SOLT.	MOSSORÓ – RN	MOSSORÓ – RN
20	20	F	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB

Q-INF/	CURSO	PROFISSÃO	CRIAÇÃO RELIGIOSA	RELIGIÃO ATUAL
01	HISTÓRIA	----	CATÓLICA	----
02	ENG. QUÍMICA	----	----	CRISTÃ
03	LETRAS	PROFESSOR	CATÓLICA	CATÓLICA (NÃO PRÁTICA)
04	PSICOLOGIA	----	CATÓLICA	----
05	CIÊNCIA JURÍDICAS	----	CATÓLICA	----
06	GÊN. E DIR. HUMANOS	----	CATÓLICA	ESPIRITISMO, UMBANDA
07	HISTÓRIA	----	CATÓLICA	----
08	LETRAS	PROFESSORA	CATÓLICA	----
09	HISTÓRIA	----	CATÓLICA	----
10	PSICOLOGIA	----	CATÓLICA	----
11	PSICOLOGIA	----	CATÓLICA	----
12	LETRAS	----	CATÓLICA	----
13	HISTÓRIA	PROFESSORA	CATÓLICA	----
14	ANTROPOLOGIA	GAR. DE PROG.	CATÓLICA	----
15	CIÊNCIAS SOCIAIS	AUTÔNOMO	CATÓLICA	----
16	HISTÓRIA	----	CATÓLICA	----
17	PSICOLOGIA	----	CATÓLICA	----
18	LETRAS	----	CATÓLICA	----
19	PSICOLOGIA	----	CATÓLICA	----
20	PEDAGOGIA	ATENDENTE	CATÓLICA	CATÓLICA

Q-INF/	IRMÃOS ?	ESCOLARIDADE - PAI	ESCOLARIDADE - MÃE	PROFISSÃO - PAI	PROFISSÃO - MÃE
01	SIM	MÉDIO	MÉDIO	PADEIRO	SECRETÁRIA
02	NÃO	MÉDIO	MÉDIO	POLÍCIA MIL.	CUIDADORA
03	SIM	ANALFABETO	MÉDIO	AGRICULTOR	TÉCNICA em ENF.
04	SIM	ANALFABETO	FUND. N/COMP.	AUTÔNOMO	DONA de CASA
05	SIM	PÓS-GRAD.	PÓS-GRAD.	BANCÁRIO	PROFESSORA
06	SIM	PÓS-GRAD.	PÓS-GRAD.	BANCÁRIO	BANCÁRIA
07	SIM	SUPERIOR	SUPERIOR	OFICIAL de JUST.	GEREN. FINANCEIRA
08	SIM	MÉDIO	SUPERIOR	AGRICULTOR	PROFESSORA
09	SIM	SUPERIOR	FUNDAMENTAL	PROFESSOR	COSTUREIRA
10	SIM	ANALFABETO	MÉDIO	VENDEDOR	(APOSENTADA)
11	SIM	PÓS-GRAD.	PÓS-GRAD.	ENG. AGRÔNOMO	DENTISTA
12	SIM	MÉDIO N/COMP.	MÉDIO N/COMP.	AGRICULTOR	AGRICULTORA
13	SIM	MÉDIO	SUPERIOR	S. da MARINHA ME.	PSICÓLOGA
14	SIM	(?)	MÉDIO N/COMP.	(?)	(NÃO TEM)
15	SIM	FUND. N/COMP.	FUND. N/COMP.	TÉCNICO. ELECTR.	VENDEDORA
16	SIM	MÉDIO	MÉDIO	AUTÔNOMO	AUTÔNOMA
17	SIM	SUPERIOR	MÉDIO	ENGENHEIRO	TÉCNICA em ENF.
18	SIM	SUPERIOR	SUPERIOR	(APOSENTADO)	FARMACÊUTICA
19	SIM	SUPERIOR	MÉDIO	AUDITOR FISC.	DONA de CASA
20	SIM	FUND. N/COMP.	MÉDIO	MICRO EMPREN.	MICRO EMPREN.

Q-INF/	FUMA ?	INGERE B. ALCOÓLICAS?	VÊ PORNOGRAFIA?	PASSATEMPO ?	MEMB. de GRUPO, ETC.
01	SIM	SIM	SIM	MÚSICA e POESIA	----
02	NÃO	NÃO	NÃO	SÉRIES, AMIGOS e MÚSICA	----
03	NÃO	NÃO	NÃO	LER, VIAJAR, CINEMA e PRAIA	----
04	NÃO	SIM	SIM	LER, FILMES, SÉRIES e CINEMA	----
05	SIM	SIM	SIM	LER, DANÇAR e AMIGOS	COL. FEMINISTA DIADORIM
06	SIM	SIM	SIM	CINEMA, BEBER, F. MACONHA e LER	COL. FEMINISTA DIADORIM, LGBT, MARCHA das VADIAS, MOV. ZOADA
07	SIM	SIM	SIM	LER, MÚSICA e FILMES	----
08	NÃO	NÃO	NÃO	LER, VIAJAR, SÉRIES, AMIGOS e POESIA	----
09	SIM	SIM	SIM	VÍDEO GAME, LER e MÚSICA	----
10	NÃO	SIM	SIM	CAMINHAR e LER	----
11	NÃO	SIM	SIM	MÚSICA, SÉRIES E FILMES	----
12	NÃO	SIM	NÃO	LER, FILMES e DESENHAR	LEVANTE POPULAR da JUVENTUDE
13	NÃO	SIM	SIM	FUTEBOL, PESCAR, J. ELEC., ARTES MARCIAIS	AUTO ESPORTE CLUBE – PB
14	NÃO	SIM	SIM	SHOWS	ART GAY
15	SIM	SIM	SIM	DORMIR, COMER e F. MACONHA	----
16	SIM	SIM	SIM	LER e MÚSICA	----
17	SIM	SIM	SIM	TOCAR MÚSICA	UMA BANDA
18	NÃO	SIM	SIM	JOGOS, SÉRIES, HIST. EM QUAD. e LIVROS	----
19	NÃO	NÃO	NÃO	VIAJAR E LER	----
20	NÃO	SIM	NÃO	LER e FILMES	----

APÊNDICE B
PERFIL DOS INFORMANTES DA ENTREVISTA

E-INF/	IDADE	SEXO	ORIENT. SEXUAL	STATUS CIVIL	CIDADE NATAL	CIDADE DO ENSINO MÉDIO
01	22	F	HETERO	SOLT.	SÃO MATEUS – ES	JOÃO PESSOA – PB
02	26	M	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
03	24	M	HETERO	SOLT.	SANTA INÊS – MA	POMBAL – PB
04	25	F	HOMO	SOLT.	JOÃO PESSOA – PB	JOÃO PESSOA – PB
05	21	F	HETERO	SOLT.	CAMPINA GRANDE – PB	CAMPINA GRANDE - PB
06	27	M	HETERO	SOLT.	CAMPINA GRANDE – PB	SÃO PAULO - SP
07	18	F	HOMO	SOLT.	SOUSA – PB	JOÃO PESSOA – PB
08	21	M	BI	SOLT.	MOGEIRO – PB	JOÃO PESSOA – PB
09	18	F	HETERO	SOLT.	JOÃO PESSOA - PB	JOÃO PESSOA – PB

E-INF/	CURSO	PROFISSÃO ?	CRIAÇÃO RELIGIOSA?	RELIGIÃO ATUAL ?
01	PSICOLOGIA	NÃO	CATÓLICA	NÃO
02	PSICOLOGIA	NÃO	NÃO	NÃO
03	FILOSOFIA	PROFESSOR	CATÓLICA	NÃO
04	LETRAS	NÃO	CATÓLICA	NÃO
05	PSICOLOGIA	NÃO	NÃO	NÃO
06	PSICOLOGIA	NÃO	CATÓLICA	NÃO
07	DIRETO	NÃO	CATÓLICA	NÃO
08	PEDAGOGIA	NÃO	CATÓLICA	NÃO
09	LETRAS	NÃO	CATÓLICA	CATÓLICA

E-INF/	IRMÃOS ?	ESCOLARIDADE - PAI	ESCOLARIDADE - MÃE	PROFISSÃO - PAI	PROFISSÃO - MÃE
01	SIM	MÉDIO	MÉDIO	(?)	MICRO EMPREN.
02	SIM	PÓS-GRAD.	PÓS-GRAD.	LAB. da UFPB	COSTUREIRA
03	SIM	MÉDIO	FUNDAMENTAL	MESTRE de OBRA	CABELEIREIRA
04	SIM	FUNDAMENTAL	FUNDAMENTAL	GEREN. COMERCIAL	DONA de CASA
05	SIM	PÓS-GRAD.	PÓS-GRAD.	PROFESSOR	PROFESSORA
06	SIM	MÉDIO N/COMP.	MÉDIO	(FALECIDO)	(APOSENTADA)
07	SIM	----	----	(?)	(?)
08	SIM	FUND. N/COMP.	FUND. N/COMP.	MICRO EMPREN.	MICRO EMPREN.
09	NÃO	FUNDAMENTAL	MÉDIO	(APOSENTADO)	DONA de CASA

E-INF/	FUMA ?	INGERE B. ALCOÓLICAS?	PASSATEMPO ?	MEMB. de GRUPO, ETC. ?
01	NÃO	NÃO	MUSCULAÇÃO, PRAIA e LER	NÃO
02	SIM	SIM	PRAIA, FUTEBOL, POKER e MÚSICA	HOMENS, UNIVERSITÁRIO, NORDESTINO, PSICOLOGIA e VASCAINO
03	SIM	SIM	FUTEBOL, ESCREVER e CANTAR	NÃO
04	SIM	SIM	LER, SÉRIES/FILMES	NÃO
05	SIM	NÃO	FOTOGRAFIA, MAQUIAGEM e LER	NÃO
06	SIM	SIM	ACADEMIA, CINEMA e BARES	NÃO
07	SIM	SIM	FUMAR, ESCREVER, PINTAR e TOCAR	NÃO
08	NÃO	SIM	PRAIA, BARES, PRAÇA, AMIGOS, ESTÓRIA em QUAD., FILMES/SÉRIES e MÚSICA	NÃO
09	NÃO	SIM	LER, FILMES/SÉRIES e BALLET	NÃO

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução 466/126 do Conselho Nacional de Saúde

Convidamos o(a) Sr(a) a participar da pesquisa intitulada: PALAVRÕES NO CCHLA NA UFPB: UMA ANÁLISE SINCRÔNICA DO SEU USO SOB A ÓTICA DA TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, sendo desenvolvido por David Diniz Swinger, aluno da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba/PROLING, a qual busca compreender os objetivos que levam falantes a usarem palavrões em suas interações da fala e quais são os fatores linguísticos, paralinguísticos, não-verbais, sociopsicológicos e contextuais que os levam a usar esse linguajar ou não.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário ou uma entrevista (que será gravado) com o pesquisador nos quais você responderá questões sobre seus sentimentos, ponto de vista e uso pessoal de palavrões.

Os possíveis riscos decorrentes de sua participação nesse estudo serão a geração de sentimentos de ofensa e/ou constrangimento com a leitura de palavrões no questionário e ao responder questões sobre o seu próprio uso de palavrões. Porém, a sua participação neste estudo é de extrema importância, pois, fornecerá dados importantes sobre um assunto pouco estudado no Brasil, trazendo benefícios à ciência, bem como à sociedade. Se você decidir retirar o seu consentimento em qualquer fase dessa pesquisa por qualquer motivo (mesmo depois de sua participação), você poderá fazê-lo sem prejuízo algum.

É importante, também, compreender que o participante não terá despesas, bem como não receberá remuneração alguma por sua participação. Depois da fase de coleta de dados, os resultados serão analisados e publicados. Garantimos o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas e dados pessoais para que você possa responder os questionamentos com a máxima sinceridade e liberdade possível.

Para outras informações e/ou dúvidas, favor entrar em contato com o **pesquisador** pelos telefones: (83) 9382-4225 / (83) 3226-4957 ou E-mail: david.swingler@hotmail.com; ou com o **Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB** pelo telefone/fax: (83) 3216-7791 ou E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br ou eticaccsufpb@hotmail.com.

Consentimento do Participante

Eu, _____, compreendo claramente o objetivo desta pesquisa e a importância de minha participação. Assim, concordo em participar neste estudo. Estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração por minha participação e que posso desistir por qualquer motivo e em qualquer momento, sem prejuízo algum. Duas vias deste documento serão assinadas por mim, o participante, e pelo pesquisador, e cada um ficará com uma destas vias.

João Pessoa, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

No. _____

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Caro(a) Colaborador(a),

Agradecemos sua participação nesse estudo científico. Ela é de extrema importância, pois, fornecerá dados importantes sobre um assunto pouco estudado no Brasil, trazendo benefícios à ciência, bem como à sociedade. O questionário levará aproximadamente 20-30 minutos a ser respondido. Por favor, leia cuidadosamente as perguntas, e depois, marque ou escreva (de maneira legível) a resposta que mais se aproxima com o que você pensa, sente ou faz. Lembre-se que a confiabilidade dessa pesquisa dependerá da sinceridade de suas respostas. Obrigado!

Atenciosamente,

David Diniz Swingler

(Pesquisador Responsável)

No. _____

Seção 1

INSTRUÇÕES: O objetivo desta seção é criar uma lista de palavras que podem ser consideradas como “palavrões” pela comunidade universitária do CCHLA na UFPB.

1. A seguir, listamos algumas palavras que podem ser consideradas ofensivas. Por favor, circule o número que, na sua opinião, melhor exemplifica o grau de ofensividade de cada palavra.

	Não ofensivo					Muito ofensivo				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Caralho										
Porra										
Putá (e suas expressões)										
Merda										
Corno										
Cu (e suas expressões)										
Foda (e suas expressões)										
Viado										
Cacete										
Rapariga										
Buceta										
Bosta										
Fresco										
Macaco										
Piranha										
Quenga										

2. Você considera que todas as palavras da lista acima são “ofensivas”?

Sim ()

Não ()

Depende ()

* Se você respondeu ‘**Não**’ ou ‘**Depende**’, explique:

3. Você considera que todas as palavras da lista na página anterior são “palavrões”?

Sim ()

Não ()

Depende ()

* Se você respondeu ‘**Não**’ ou ‘**Depende**’ explique:

4. Em sua opinião, existe uma diferença entre palavras e/ou expressões “ofensivas” e “palavrões”?

Sim ()

Não ()

* Se você respondeu ‘**Sim**’ explique:

5. Como o nosso objetivo nesta primeira parte do questionário é o de criar uma lista de palavrões, existem palavras na lista da página anterior que, na sua opinião, não são verdadeiramente “palavrões”?

Sim ()

Não ()

* Se você respondeu ‘**Sim**’, quais?

6. Em sua opinião, existem outras palavras que poderiam ser acrescentadas à nossa lista de “palavrões”?

Sim ()

Não ()

* Se a resposta for ‘**Sim**’, quais seriam? (Obs.: Tente considerar algumas das possíveis situações para o uso dessas palavras: ex. quando você se machuca, quando está com raiva, com o intuito de insultar, durante atividades esportivas, quando você se assusta com algo, momentos de descontração com os amigos, quando você está extremamente feliz, momentos de tensão, momentos de intimidade com o seu parceiro, etc.)

Seção 2

INSTRUÇÕES: As perguntas a seguir estarão relacionadas ao uso de palavrões e a sua opinião pessoal sobre essa prática.

1. Você fala palavrões?

Sim, frequentemente () Sim, às vezes () Sim, raramente () Nunca ()

*Se você respondeu, '**Nunca**', cite suas razões:

Obs. Se você marcou a opção '**Nunca**', alguns dos questionamentos a seguir não se aplicarão a você. Se for o caso, marque um '**X**' no número no início da questão.

2. De uma forma geral, como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?

Alta () Moderada () Baixa ()

3. Com que frequência você usa as seguintes palavras no seu dia-a-dia?

Caralho	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Porra	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Putá (e suas expressões)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Merda	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Corno	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Cu (e suas expressões)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Foda (e suas expressões)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Viado	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Cacete	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Rapariga	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Buceta	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Bosta	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Fresco	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Macaco (pejorativamente)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Piranha (pejorativamente)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente
Quenga	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente

* Por favor, acrescente qualquer outro palavrão que você usa no seu dia-a-dia e indique com que frequência (Nunca, Quase nunca, Às vezes, Frequentemente):

4. Você se esforça conscientemente para não falar palavrões?

Sim, frequentemente () Às vezes () Raramente () Não, nunca ()

5. Você já falou palavrão sem querer? Sim () Não ()

6. Você acha que existem momentos “apropriados” e “inapropriados” para o uso de palavrões?

Sim () Não ()

* Justifique sua resposta:

7. Algum dos seus professores na universidade já usaram palavrões durante palestras e/ou discussões em sala de aula?

Sim () Não ()

* Se a resposta for, ‘**Sim**’, como você se sentiu?

Gostei () Não me importei () Não gostei ()

* Qual foi sua reação?

- () Falei um palavrão também
() Gargalhei/Sorri
() Nenhuma reação
() Demonstrei desprezo

8. Seus amigos falam palavrões na sua presença?

Sim, frequentemente () Às vezes () Raramente () Não, nunca ()

9. Você se sente ofendido quando os seus amigos falam palavrões na sua presença?

Sim, sempre () Não, nunca () Depende ()

* Se você respondeu, ‘**Depende**’, explique:

10. Você se sente mais à vontade em usar palavrões se a outra pessoa usar esse tipo de linguagem primeiro?

Sim () Não ()

11. Com quais **objetivos** e/ou **estados emocionais** você usa palavrões? (Coloque o número abaixo que melhor descreve seu uso de palavrões)

1 = Nunca
2 = Raramente
3 = Às vezes
4 = Frequentemente

- ☐ Quando quero desabafar
- ☐ Quando quero insultar/ofender alguém
- ☐ Quando quero enfatizar minhas emoções de alegria ou surpresa
- ☐ Quando fico assustado
- ☐ Quando quero intimidar alguém
- ☐ Quando quero ser engraçado
- ☐ Quando sinto dor
- ☐ Quando quero estimular sexualmente o meu parceiro/ a minha parceira
- ☐ Quando quero incentivar/animar alguém
- ☐ Quando quero impressionar/atrair alguém

12. Em quais **tipos de conversa** você usa palavrões? (Coloque o número abaixo que melhor descreve seu uso de palavrões)

1 = Nunca
2 = Raramente
3 = Às vezes
4 = Frequentemente

- ☐ Quando falo sobre sexo
- ☐ Quando falo sobre esportes
- ☐ Quando falo sobre o sexo oposto
- ☐ Quando conto piadas/fatos engraçados
- ☐ Quando falo sobre política
- ☐ Quando falo sobre religião

13. O quanto os fatores a seguir influenciam a sua decisão de falar palavrões? (Coloque o número abaixo que melhor descreve essa influência)

1 = Não influencia
2 = Influencia pouco
3 = Influencia mais ou menos
4 = Influencia muito

- ☐ A situação (evento, lugar, um acontecimento, etc.)
- ☐ O assunto da conversa (esportes, sobre o sexo oposto, trabalho, etc.)
- ☐ O sexo do ouvinte
- ☐ O classe social do ouvinte
- ☐ A profissão/o emprego do ouvinte
- ☐ A escolaridade do ouvinte
- ☐ A idade do ouvinte
- ☐ Sua intimidade com o ouvinte
- ☐ As outras pessoas presentes a uma distância que poderão ouvi-lo(a)

14. O quanto **os locais** a seguir influenciam a sua decisão de falar palavrões? (Coloque o número abaixo que melhor descreve essa influência)

- 1 = Não influencia
- 2 = Influencia pouco
- 3 = Influencia mais ou menos
- 4 = Influencia muito

- ☐ Em casa
- ☐ Na igreja (ou Instituições religiosas)
- ☐ No trabalho
- ☐ Na sala de aula (na universidade)
- ☐ Em bares
- ☐ Em baladas/shows
- ☐ Centros esportivos
- ☐ Tribunal

15. O quanto a presença das seguintes pessoas influenciaram a sua decisão de falar palavrões? (Coloque o número abaixo que melhor descreve essa influência)

- 1 = Não influencia
- 2 = Influencia pouco
- 3 = Influencia mais ou menos
- 4 = Influencia muito

- ☐ Avós
- ☐ Pais
- ☐ Irmãos
- ☐ Amigos/Colegas da Universidades
- ☐ Professores
- ☐ Pessoas idosas
- ☐ Crianças
- ☐ Pessoas do mesmo sexo
- ☐ Pessoas do sexo oposto
- ☐ Pessoas conhecidas
- ☐ Pessoas desconhecidas
- ☐ Pessoas que simpatizo
- ☐ Pessoas que não simpatizo
- ☐ Pessoas que tenho interesses românticos
- ☐ Autoridade policial
- ☐ Juiz(a)

16. Você considera o uso de palavrões um aspecto importante da sua identidade social?

Sim () Mais ou menos () Não ()

* Por quê?

17. Você acha que o uso de palavrões entre pessoas pode trazer algum tipo de benefício pessoal e/ou social?

Sim () Não ()

* Se você respondeu '**Sim**', justifique:

18. Você acha que os homens falam mais palavrões do que as mulheres?

Sim () Não ()

19. Você acha que é mais aceitável para os homens falarem palavrões do que para as mulheres?

Sim () Não ()

* Se a resposta for '**Sim**', justifique:

20. Na sua opinião, existem classes ou tipos de pessoas que **não** deveriam usar palavrões?

Sim () Não ()

* Se você respondeu, '**Sim**', **quem seriam, e por quê?**

Seção 3

INSTRUÇÕES: Por favor, coloque um '**X**' ao lado das afirmações que refletem sua opinião sobre as seguintes perguntas. Você poderá marcar quantas opções desejar. Sinta-se à vontade para escrever comentários adicionais nas linhas fornecidas na página seguinte.

1. Como você se sente sobre o uso de palavrões numa forma geral?

- () O uso de palavrões nunca é um comportamento apropriado.
- () As pessoas que falam palavrões são rudes e desrespeitosas.
- () O uso de palavrões faz a pessoa soar ignorante.

- () Quando usado apropriadamente (no momento certo – quando, onde e com quem), o uso de palavras poderá tornar a comunicação mais eficaz, interessante e significativa.
- () Quando usado apropriadamente, o uso de palavras poderá fazer a pessoa soar inteligente, sincera e criativa.
- () O uso de palavras é uma característica importante da fala e precisa ser respeitada.
- () As pessoas não devem ter medo de usar palavras nas conversas com os outros.
- () Eu me sinto confortável usando palavras.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS:

2. Como você se sentiu ao participar deste questionário?

- a) Eu me senti confortável.
- b) Eu não me senti muito confortável.
- c) Foi uma experiência interessante.
- d) Foi uma experiência difícil, pois nunca tinha pensado muito sobre o assunto.
- e) Não gostei.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS:

Seção 4

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Quantos anos você tem? _____
2. Sexo: Masculino () Feminino ()
3. Orientação sexual? () Heterossexual () Homossexual () Bissexual
4. () Solteiro(a) () Casado(a) () Separado(a) () Divorciado(a)
5. Onde nasceu? Estado: _____ Cidade: _____
6. Onde estudou o Ensino Médio?
- a) Estado: _____ Cidade: _____
- b) Escola Particular () Escola Pública ()

7. Qual é o seu curso na universidade?

8. Além de estudar, você trabalha? Sim () Não ()

* Se a resposta for 'Sim', especifique o tipo de trabalho:

9. Você tem irmãos ou irmãs? Sim () Não ()

10. Qual é o nível de escolaridade dos seus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

11. Qual é a profissão do seu pai? _____

12. Qual é a profissão da sua mãe? _____

13. Você foi criado em uma religião? Sim () Não ()

* Se a resposta for '**Sim**', qual?

14. Você possui alguma religião atualmente? Sim () Não ()

* Se a resposta for '**Sim**', qual? _____

15. Você pratica a sua religião? Sim () Mais ou menos () Não ()

16. Você é fumante? Sim () Não ()

17. Você ingere bebidas alcoólicas? Sim () Não ()

18. Você vê pornografia? Sim () Não ()

19. Quais hobbies você tem? (Favor, liste-os!)

20. Você é membro de algum time, grupo, clube ou organização?

Sim () Não ()

* Se a resposta for '**Sim**', liste-os.

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.cchla.ufpb.br/proling

O USO ESPONTÂNEO DE PALAVRÕES EM CONTEXTOS NATURAIS

- **S-F:** Sexo do falante (*M* = Masculino; *F* = Feminino)
- **S-O:** Sexo do ouvinte(s) (*M* = Masculino; *F* = Feminino; *MX* = Misturado)
- **RELACIONAMENTO:** Relacionamento entre os interlocutores (*A* = Amigos; *D* = Desconhecidos; *C.C.* = Colegas de classe; *A/P* = Aluno/Professor; *V/C* = Vendedor/Cliente)
- **TÓPICO:** O assunto em que o palavrão foi proferido
- **TOM DE VOZ:** (*S* = Sério; *R/I* = Raivoso/Irritado; *E* = Enfática; *S* = Surpresa; *An* = Animado; *Sc* = Sarcástico; *En* = Engraçado; *Ag* = Agressivo; *D* = Dor; *A* = Apoio)

No.	S-F	S-O	Relacionamento	Tópico	Tom de voz
1					
2					
3					
4					
5					



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.cchla.ufpb.br/proling

- **ENUNCIACÃO:** As palavras do falante
- **REAÇÃO DO OUVINTE:** (*N/O* = Nenhum observado; *Rs* = Riso; *E* = Eco; *Rj* = Rejeição)

No.	Enunciação	Reação do ouvinte
1		
2		
3		
4		
5		

APÊNDICE F



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
www.cchla.ufpb.br/proling

Primeiramente, gostaríamos de agradecer-lhe por aceitar participar nesse estudo. Essa entrevista será gravada e levará aproximadamente de 10 - 15 minutos. Lembre-se que a confiabilidade dessa pesquisa dependerá da sinceridade de suas respostas. Portanto, quero enfatizar que eu, o pesquisador, não estou interessado em criticar o seu posicionamento e/ou ponto de vista sobre o uso de palavrões. Estou apenas interessado em compreender como eles fazem parte de sua linguagem diária. Contudo, peço que escute cuidadosamente as seguintes perguntas, e depois, as responda da forma mais sincera e precisa possível. Ok? Obrigado!

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão, ou não?
2. Qual foi seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão? (ex. insultar, chocar, intimidar, enfatizar, ser engraçado, etc.)
3. Qual é o relacionamento entre você e a(s) pessoa(s) com quem acabou de falar? (ex. amigos, inimigos, conhecidos, desconhecidos, etc.)
4. Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas/palavrões para outras pessoas?
 - Então, você (não) modifica sua fala dependendo da situação?
 - Então, em sua opinião (não) existem momentos “apropriados” e “inapropriados” para o uso de palavrões?
5. De forma geral, como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?
6. Você poderia me explicar quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões? (ex. insultar, chocar, intimidar, enfatizar, ser engraçado, etc.)
7. Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa? (Considera o sexo, a idade, o status social e o seu relacionamento com o ouvinte)
8. Você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar? (Considere lugares como em sua casa, na sala de aula, na igreja)
9. O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões?
10. Seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

11. Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?
12. Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é? (por exemplo: sua origem, suas crenças, seu nível de escolaridade, sua faixa etária, seu sexo, etc.)

APÊNDICE G



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.cchla.ufpb.br/proling

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SOBRE O USO DE PALAVRÕES

OBS. As seguintes entrevistas foram realizadas com as pessoas cujo uso espontâneo de palavrões em contextos reais foi coletado como dados para a presente pesquisa.

Entrevista 01

Sexo do falante (Informante 01): Feminino
Sexo do(s) ouvinte(s): Misturado
Relacionamento entre eles: Amigos/Colegas de classe
Tópico da conversa: Uma amiga que foi traída pelo namorado
Tom de voz: Surpreso
Enunciação: *“Esse cara é imoral da porra!”*
Reação do(s) ouvinte(s): Nenhuma

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Ok, então, em sua opinião você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Sim.

P: Sim? Você acha que foi?

I: Sim.

P: Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?

I: Foi... é.... expressar uma crítica a uma... na situação que a gente tava conversando... a um rapaz.

P: Era uma crítica?

I: Isso!

P: Ok. Mas você utilizou isso para insultar ou chocar? Você queria chocar ou enfatizar?

I: Enfatizar.

P: Enfatizar. Ok. Qual é o relacionamento entre você e as pessoas com quem você acabou de falar?

I: Somos amigos.

P: Amigos aqui?

I: A gente estuda na mesma turma.

P: Certo. Ok. Mas você considera mais amigos ou conhecidos?

I: Amigos.

P: Amigos mesmo?

I: Hum rum...

P: Ah, existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Sim.

P: Sim? Então você modifica a sua fala dependendo da situação?

I: Sim.

P: Sim? Ok. Então em sua opinião existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Com certeza.

P: Sim?

I: Com certeza.

P: Pode explicar algo sobre isso?

I: Citar alguma, alguma situação?

P: Sim. Citar ou explicar.... O que você acha sobre esses momentos.

I: Certo. Por exemplo, numa roda de amigos você se sente mais à vontade pra falar, né? Da forma que você, que você conversa com eles, né? Até as próprias expressões que existem entre os amigos... mas, por exemplo, no âmbito familiar, a gente já evita mais porque em respeito até a própria família né? Numa aula, né? Com o professor... em respeito também ao professor. Com as pessoas mais velhas, desconhecidos também... aí a gente evita até por não... pra não ofender, né?

P: Ok. De forma geral como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia a dia?

I: Raramente. Eu uso mais com os meus amigos... quando eu tô com os meus amigos, mas não...

P: Mas frequentemente com os seus amigos?

I: É com os meus amigos.

P: É? Ok. Você pode me explicar quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões? Quando você fala, quais são os seus objetivos?

I: Normalmente é para enfatizar que nem na questão anterior.... Enfatizar alguma coisa... é.

P: Certo. Para insultar? É comum para você?

I: Não.

P: Ou chocar?

I: Não.

P: Para ser engraçada?

I: Não.

P: Contando piadas... alguma coisa.

I: Não. Enfatizar mesmo.

P: Enfatizar mesmo? Ok. Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Qualquer pessoa, não.

P: Você já explicou isso né?

I: É, é....

P: Certo. E você se sente confortável em falar palavrões em qualquer lugar?

I: Também não.

P: Também não.

I: Depende do lugar. Que nem eu falei... sala de aula a gente já evita...

P: Sim.

I: Em casa né? Família, a gente também evita. Mais com amigos, mesmo.

P: Certo. O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões?

I: Sim. Sim.

P: Você pode explicar algo sobre isso?

I: Por exemplo, que nem a gente tava conversando ali... foi a situação, né? Foi uma amiga que ela foi traída pelo namorado então eu falei relacionado ao namorado dela.

P: Certo.

I: Aí então a situação influencia, com certeza. E aí dependendo... falando um assunto mais acadêmico... uma coisa mais séria... a gente já, já evita.

P: Certo. E, seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

I: Sim.

P: Pode falar algo sobre isso?

I: Quando eu estou com raiva... eu, eu falo mais... eu falo palavrão com mais frequência, com certeza.

P: Certo. Duas mais perguntas aqui.

I: Certo! Se preocupa não!

P: Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?

I: Sim... em... em respeito também... depende muito da pessoa... com os meus amigos eu sei que não tem problema, né? Então a gente fala numa boa, mas se eu... eu não conhecendo a pessoa por exemplo... não sabendo como ela é, como ela se porta... eu evito. Eu prefiro primeiro conhecer.

P: Certo. Você acha, por exemplo, dentro da sala de aula...

I: Certo....

P: Você já teve um professor que fala palavrão?

I: Já.... Acredito que sim.

P: E isso, por exemplo, fez você sentir... que você poderia também falar palavrão se você quisesse?

I: Não...

P: Você não ficou...

I: Mesmo que eu quisesse... eu, em respeito também ao professor... eu evito.

P: Certo. E você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade, ou quem você é?

I: Sim.

P: Como?

I: Porque é a forma que eu me expresso né? A forma... a fala é uma forma de expressão da minha identidade, né? Eu acredito que a forma que eu... como eu falo, né? Também... faz parte disso... quem eu sou, né? É importante.

P: E, por exemplo qual tipo de... qual parte do aspecto... que você acha... por exemplo... de sua idade... de... qual parte de sua identidade você acha que esse tipo de linguajar...

I: Ah, idade... idade com certeza, né? Normalmente, o pessoal mais novo é que mais fala palavrão. Acho que também... por causa da idade... é o principal... o que me veio à cabeça agora que você falou, foi a idade. E até a fase da vida também, né? Adolescência... já pra... entrando pra fase adulta vai... acho que daqui mais pra frente... eu nem vou ter mais interesse de falar palavrão. Hoje em dia, eu já acho meio assim... só falo com os amigos... acho que mais pra frente... também na próxima fase da minha vida... saindo da universidade... já ficando... trabalho, emprego... ficando uma coisa mais séria, eu acho que também, já vou evitando. Com certeza.

P: Certo. Perfeito. Muito obrigado.

I: Nada. Magina.

P: Você participou muito bem. Eu agradeço demais.

I: Nada. Magina.

Entrevista 02

Sexo do falante (Informante 02): Masculino
Sexo do ouvinte: Masculino
Relacionamento entre eles: Amigos
Tópico da conversa: Um amigo que foi mal interpretado
Tom de voz: Irritado
Enunciação: “*É foda!*”
Reação do ouvinte: Eco (Informante 03)

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Ok... então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Eu falei um palavrão. É.

P: Sim... você considera que falou um palavrão?

I: Exato.

P: Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?

I: Com o objetivo de enfatizar o que eu tava sentindo sobre a situação. Porque o palavrão, na minha opinião, tem muita potência em expressar isso.

P: Mas nesse caso...

I: Se eu falo só que é ruim ou que é desagradável soa mais agradável do que se eu falar “ É foda! ” “É foda” exprime exatamente o que eu tô sentindo sobre a coisa.

P: Nesse caso, você estava falando por esse motivo?

I: É.... pra se falar exatamente o que eu pensava sobre a coisa.

P: Certo. Ok. E qual é o relacionamento entre você e a pessoa com que você acabou de falar?

I: É meu amigo, íntimo.

P: Certo. Muito bem. Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Existe... é.... na verdade, o palavrão quando eu falo, muito dificilmente é pra... pra que ofenda alguma pessoa.

P: Certo.

I: A ideia é de... de construir uma... uma hipérbole sobre... sobre a situação e mostrar mais ou menos o sentimento por trás da palavra.

P: Então, você modifica sua fala dependendo da situação?

I: Exato. Se eu tiver, talvez, num ambiente mais formal eu fale como agora... é.... eu, eu tô tentando... eu tento evitar porque é uma questão que dá pra... dá pra falar o que eu tô

pensando, sem que eu use... e talvez seja indelicado com uma pessoa que não é tão íntima... proferir um palavrão.

P: Certo. Então, em sua opinião existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Eu acho que o momento... ele pode ser o mesmo dependendo da... das pessoas... mas existe... eu acho que existe um bom senso, dentro dos que tão conversando e aí isso pode construir um momento... agora o momento pode ser o mesmo e você julgar diferente... e aí eu não posso também te dizer que você tá errado, porque é apenas um olhar que eu tenho sobre a coisa.

P: Mas você... você iria evitar... talvez em algumas situações ou alguns contextos?

I: Evito me indispor com as pessoas. Evito me indispor com as pessoas.

P: De forma geral, como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: É muito frequente.

P: Você usa? Você usa muito...

I: Eu uso praticamente em qualquer conversa que eu tenha com um colega... é... muito frequentemente. Todos os dias eu falo pelo menos um palavrão.

P: Você pode me explicar quais são seus principais objetivos ao falar palavrões, em geral?

I: Expressar...

P: Não nesse contexto que você fez agora... mas em geral, quando você usa palavrão... é para insultar? Chocar? Intimidar? Enfatizar? Ser engraçado? Todos esses? Ou só alguns desses?

I: Eu utilizo as vezes para enfatizar o que eu tô falando... para mostrar o que eu tô sentindo sobre uma situação que eu tô descrevendo... descrever essa situação... e às vezes pra ser engraçado, também... porque o palavrão tem... tem um... na minha opinião tem um sentido que às vezes pode ser... pode ser agradável... pode provocar risos.

P: Certo. Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Se eu me sinto confortável?

P: Confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Não. Não. Eu julgo com quem eu tô falando.

P: Certo... você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar?

I: O lugar... físico...talvez seja qualquer lugar, mas a situação, ou seja, a interação... a comunicação é que vai construir o ambiente... que é propício ou não... dependendo do meu julgamento. Mas, eu falaria em qualquer lugar... diante de que fosse... fosse aceitável no bom senso ali... naquele momento da... da comunicação, eu... eu julgar que seja necessário.

P: Por exemplo, se você estivesse com o seu amigo e... dentro de uma igreja... você se sentiria confortável falando lá? O que você falou para seu amigo? Ou você acha que talvez por causa do lugar, você iria modificar?

I: Se eu tiver num pátio de uma igreja, aonde as pessoas tenham... não... não se sintam... as pessoas que estão na igreja, também, não se sintam ofendidas por isso, acho adequado. Mas se eu perceber que é um ambiente mais formal... porque existem igrejas formais, igrejas informais... existem... ah... o... é... comunidades e igrejas que você tem mais contato... outras você tá indo pela primeira vez... então tem o componente humano que vai ser crucial... não o espaço físico em geral. Mas se eu achar inadequado não... não... não uso.

P: O tópico da conversação influencia seu uso de palavrões?

I: Influencia. Influencia... se eu tô tendo uma conversa bem descontraída e bem íntima... eu... eu me sinto mais aberto a falar palavrões... falo palavrões com mais naturalidade, porque tô sentindo que não vou ofender ninguém.

P: Então o tópico mesmo... por exemplo... se esse for sobre esportes ou sobre o sexo oposto ou sobre...

I: Facilita... facilita o uso por exemplo: eu tô jogando futebol... é.... é.... o ambiente de... de jogar futebol... o assunto futebol, talvez... é.... permita o uso de palavrão. Agora se eu tô apresentando um trabalho científico diante de uma banca ou diante de uma coisa... talvez esse contexto não seja construído.

P: O seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

I: Influencia. Porque o estado emocional influencia no.... no sentido da minha visão sobre o que eu... o que eu estou querendo exprimir ou comunicar. E aí se eu tô triste ou se eu tô animado, eu vou querer ou não ser engraçado... eu vou querer ou não usar um palavrão... se eu tô sensibilizado com a questão ou se eu tô envergonhado, eu vou evitar. Então, tudo isso vai construir um ambiente... o meu estado emocional vai construir um ambiente que eu vou julgar se é adequando ou não.

P: Certo. Duas perguntas mais, aqui.

I: Certo.

P: Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro? Você iria evitar mas se a pessoa falou... você iria... então... sentir-se mais confortável para falar?

I: Porque se.... se ele fala... não no sentido ofensivo... no sentido que ele acha natural... eu entendo por.... por intuição que talvez, ele não se sinta ofendido caso eu fale. Então traz uma certa seguran... o ato do outro usar palavrão, traz uma certa segurança de que você não tá sendo inconveniente.

P: Certo. Por exemplo, dentro da sala de aula... se o professor falar um palavrão primeiro, você se sentiria mais à vontade para falar?

I: Sentiria.

P: Ou você talvez iria evitar falar se o professor não falasse primeiro?

I: Sim. Tem essa influência.

P: Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é? Falando especificamente sobre você.

I: Exato. Eu... eu... eu tenho essa... essa... essa ideia, sim. De que a forma com que eu me expresso, fala muito sobre quem eu sou. E, tá totalmente ligada à minha personalidade.

P: Então, o seu uso de palavrões fala algo sobre você?

I: Fala.

P: É?

P: Que pode ser uma coisa que pode ser interpretada como negativa, mas às vezes não... eu... eu interpreto como... como uma pessoa que tenta exprimir o que... o que acha e acredita... que o palavrão, ele carrega um sentido além do... do sentido gramatical da palavra... da... da semântica convencional. É... é... Ele traz uma... uma conotação e essa conotação é massa de manobra para que a gente consiga falar.

Entrevista 03

Sexo do falante (Informante 03): Masculino

Sexo do ouvinte: Masculino

Relacionamento entre eles: Amigos

Tópico da conversa: (Mesmo da Informante 02) – Um amigo que foi mal interpretado

Tom de voz: Surpreso

Enunciação: “*Caralho!*” (Reação [Eco] ao enunciado do Informante 02)

Reação do ouvinte: Nenhuma

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Sim. Falei.

P: Desculpe, um minuto. Ok. Sim? (O celular do pesquisador tocou)

I: Sim.

P: Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão? Por exemplo, para insultar? Chocar? Intimidar? Enfatizar? Ser engraçado?

I: Acredito que ele veio como uma expressão de uma surpresa, ne?

P: Surpresa?

I: É.

P: Ok. Nesse caso, hã?

I: Isso. Nesse caso.

P: Qual é o relacionamento entre você e a pessoa com quem você acabou de falar?

I: Nós somos amigos muito próximos.

P: Amigos.

I: Isso.

P: E.... existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Hum... difícil acontecer, mas às vezes acho que a gente termina tentando evitar meio que inconscientemente.... Por exemplo, na apresentação de um trabalho, ou então conversando com seu patrão ou sua patroa... alguma coisa desse tipo, né?

P: Certo. Então você modifica sua fala dependendo da situação?

I: Nesse sentido, sim.

P: Nesse sentido?

I: É.

P: E.... então... existe.... Em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Apropriado, inapropriado. É... Acredito que sim... Sim. Sim. Sim.

P: Sim?

I: Sim.

P: Como você falou por exemplo...

I: É. Justo.

P: Em uma apresentação...

I: Numa apresentação de um trabalho, por exemplo. Na frente de professores ou então de uma banca, né? Defendendo um trabalho ou então numa entrevista de emprego, por exemplo, né? Acho que... claro que depende também da outra pessoa que tá... que é o seu auditório, né? Depende do teu auditório, também... né?

P: Ah.... De forma geral, como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: É.... é bem cotidiano, né?

P: Muito comum?

I: É, muito comum. Muito comum.

P: Você poderia me explicar, quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões? De uma forma geral.

I: É porquê... acredito que o palavrão... ele já é uma... já faz parte de uma... da expressão linguística no sentido de que... ele termina... dizendo em poucas palavras, né? Algo que poderia se tornar uma frase. Pronto, a expressão de surpresa... por exemplo, “caralho”, né?

P: Humrum.

I: Ela pode resumir um “Nossa! Como isso aconteceu? ”, né?

P: Certo.

I: Como... como assim e tal? E o “caralho”, ele resume... dependendo da sua entonação, né?

P: Mas no seu próprio uso... certo?

I: Hã...

P: Você usa mais, por exemplo, para insultar? Chocar? Intimidar? Ser engraçado? Em seu próprio uso... você usa mais pra o que?

I: Eu uso mais pra definir.... Definir uma surpresa então... definir uma situação. Mas, pra chocar, pra ofender... não.

P: Normalmente, não.

I: Não.

P: Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa? Qualquer idade? Qualquer status social? Relacionamento...

I: É..... Eu acho que... eu acho que isso aí interfere... pronto tem a questão de relacionamento... tem status social... pronto, a questão do relacionamento no sentido de que a outra pessoa pode te exigir... essa... essa... essa postura de não falar palavrão. Por exemplo, um professor numa banca ou então é.... a coordenadora da escola onde eu trabalho....

P: Se você não conhece a pessoa, isso afeta o seu uso de palavrões ou não?

I: Depende... de onde eu conheci, né? De como a pessoa se porta... né? Na minha frente, né? Porque assim... se eu conheço uma pessoa num bar, num momento descontraído eu acho... eu... eu... me sinto muito à vontade de... de... né... falar esse tipo de palavrão. Esse palavrão que expressa... definição... surpresa, né?

P: Sim... E sobre, por exemplo, a idade? Você tem... você provavelmente evitaria falar na frente de uma criança ou uma pessoa mais idosa? Ou isso não influencia?

I: Não... sinceramente, não... eu não evito... por idade não! Eu evito mais dependendo da relação que você tem com aquela pessoa... seja ela... é.... Com um professor... seja ela com sua namorada, por exemplo... né?

P: Você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar?

I: Bom... por exemplo, com um professor... né... eu não poderia falar palavrão... é.... na coordenação, da escola, né... conversando com a minha patroa.... Em aula, às vezes, eu até uso, né? Às vezes... aulas mais leves... porque assim, é.... eu acredito que o palavrão já faz parte da expressão linguística cotidiana de qualquer pessoa... de qualquer pessoa. E com isso, quer dizer que... claro, o meu professor que tá ali na minha banca me avaliando... em casa... eu não, eu não... é claro que ele usa palavrão! Assim... pelo menos para mim... é muito... é muito provável pensar nisso, né?

P: Então, esse professor fora daquele contexto...

I: Justamente.

P: Só.... Aqui na praça, por exemplo, você não teria problema?

I: É, justamente. O que... o que... o que impede de você... de eu falar palavrão ou não seria o contexto. A situação, né?

P: Certo. O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões? O tópico da fala?

I: Não. É.... depende... é.... o que... o que influencia mesmo é a situação... como eu venho dizendo. Porque o tópico... pronto, com o meu amigo mesmo que a gente tava conversando... a gente conversa sobre coisas muito sérias, né... ele faz Psicologia, eu faço Filosofia... aí a gente devaneia sobre algumas ideias, né... conversa séria... só que mesmo assim a gente, não abre mão de falar palavrão... a gente fala! A gente fala.

P: O seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

I: Acredito.... Nunca parei para pensar sobre isso... mas acredito que não! Até porque eu uso... eu uso com frequência... estando... pronto, você pode... você pode falar um palavrão expressando uma raiva, né? Tipo.... Você... tem um tombo... ????? Aí você expressa..., mas assim, isso... isso não define, você expressar ou não... até porque às vezes quando você tá bem... quando eu tô bem mesmo..., contudo eu ainda falo.

P: Certo. Mas você não acha que falaria mais se estivesse irritado, por exemplo? Mais facilmente.

I: Hum... acho que o que mudaria, seria o que o palavrão quer dizer, né? Só isso...

P: Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões, se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?

I: Só nessas... naquelas situações que eu já citei, né?

P: Certo. Ok. Você... última pergunta aqui.... Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é?

I: Sim.

P: Como?

I: Porque... a linguagem... a linguagem é uma expressão... é uma expressão que você tem... por dentro, né? Você está se expondo para o mundo a partir da linguagem, né? E é nessa... é nessa relação aí... que... você se faz no mundo... que você é reconhecido no mundo... a partir do que você expressa como linguagem. Claro que existe a linguagem corporal e todos esses termos..., mas como a gente tá falando de palavrão, né? Que é da linguagem fali... do falo... é... do falar mesmo, né? Eu acho que sim. Que a linguagem ela... ela determina, sim.

P: Você acha que isso, por exemplo... ah, mostra algo sobre sua identidade... relacionada a sua idade, por exemplo.

I: Sim. Sim. Sim.

P: Por exemplo, você acha que com o tempo talvez você falará menos porque você terá filhos ou por causa de um emprego e talvez isso diminuirá a frequência do seu uso de palavrões?

I: Sim.... Sim, acredito que mude... acredito que mude não só por isso e também pelo contexto que você se considera, né? Pronto, a palavra “broto” que há algum tempo ela se referia a.... Pronto, eu conheci uma menina muito bonita e tudo mais.... Saí com ela... chamava “Broto”, né? Há um tempo atrás. Eu já conheci amigos na minha infância, tipo... falavam “Filé”, né? E hoje eu só digo “Ah, moça bonita”, né? E a.... pronto, a gíria como palavrão, como eu havia dito... são expressões sinceras da linguagem. Na verdade, elas podem ser até consideradas mais sinceras.... Porque elas são aquelas que saem de sopapo, né?

P: All right. Muito obrigado!

I: De nada! Valeu!

Entrevista 4

Sexo do falante (Informante 04): Feminino

Sexo do ouvinte: Masculino

Relacionamento entre eles: Amigos

Tópico da conversa: O atraso na publicação dos livros de *Game of Thrones*

Tom de voz: Irritado

Enunciação: “*Que merda sem precedentes!*”

Reação do ouvinte: Nenhuma

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Ok. Ah... em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Não.

P: Não? Você poderia explicar o porquê?

I: Porque eu acho que.... Não tem uma.... Não acho que seja ofensivo dizer “merda”. Não acredito que seja ofensivo. Não no contexto que eu tava usando.

P: Certo. Ah, qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão? Foi para insultar? Para chocar? Para enfatizar? Ser engraçada? Qual foi o motivo?

I: Foi pra... porque eu tava me sentindo revoltada no momento e.... foi mais é por revolta!

P: Certo.

I: Pra não usar coisa pior! (Risos)

P: Que é o relacionamento entre você e a pessoa com quem você acabou de falar?

I: Meu amigo.

P: Seu amigo... ok. Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Sim!

P: Sim? Você poderia explicar?

I: Em sala de aula, eu evito falar palavrão... com minha mãe, eu evito falar palavrão.... Porque eu não acho que seja... saudável... ficar falando palavrão com pessoas que... eu tenho que respeitar!

P: Ok. Então você modifica a sua fala dependendo da situação, a pessoa...?

I: Do contexto que eu esteja... é!

P: É? Ah, então também.... Em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Sim!

P: Sim? Poderia explicar um pouco mais, sobre talvez....

I: Momentos apropriados: numa mesa de um bar, conversando com amigos sobre qualquer assunto besta... sei lá... no futebol eu geralmente xingo muito (Risos) ... assistindo futebol..., mas assim, é.... é.... não é que seja apropriado, é.... uma forma de se expressar mesmo!

P: Ok. De forma geral, como você descreve a frequência com que você usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: É bem grande.

P: Grande?

I: É.

P: Então, frequentemente?

I: Frequentemente.

P: Ok. E, você poderia me explicar, quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões, de uma forma geral? Não somente nesse momento agora..., mas em geral.

I: É.... na maioria das vezes que eu falo palavrões é porque eu estou com raiva.

P: Com raiva.

I: É.

P: Então...

I: A maioria das vezes.

P: Mas isso é mais um tipo de... vamos dizer... você só está... como se diz? ... aliviando?

I: Sim!

P: Por causa disso...

I: Extravasando. Exatamente.

P: Ou ele é dirigido como um insulto?

I: Não. Eu estou extravasando a minha raiva falando palavrão.

P: Certo. Mas você usa palavrões para ser engraçada? Contando piadas ou...

I: Não.

P: Para chocar... ou outro propósito?

I: Não... Pra ser engraçada, não!

P: Às vezes as pessoas falam... contam uma piada... e essa piada tem palavrão...

I: Não, mas...

P: Não?

I: Não.

P: Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Não! (Risos)

P: Não? Você já falou sobre... dentro da sala de aula.... Qual sala de aula? Por que a sala de aula?

I: Por.... por.... pelo professor!

P: Pelo professor, hum?

I: É.

P: Ok. E, por exemplo, outras situações... por exemplo a.... a idade tem um efeito....

I: Sim.

P: ... no seu uso de palavrões?

I: Sim! Sim!

P: É?

I: Eu evito falar palavrões pra pessoas que eu tenho que respeitar! Com eu já disse... pessoas mais velhas, eu evito.

P: Ou crianças? Também?

I: Também!

P: Você não iria falar um palavrão?

I: Não!

P: Você iria falar essa palavra ou expressão que você falou pra eles?

I: “Merda” em frente de uma criança? Talvez!

P: Para uma criança de cinco anos?

I: Não! Cinco anos, não! Não! (Risos)

P: Sinceramente?

I: Sinceramente! Não!

P: Certo.

I: Até porque eu tenho primas e eu sempre evitei ficar falando palavrões perto delas.

P: Certo.

I: E elas são crianças e tal...

P: Você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar? Tem certos lugares que você não iria fazer? Mais por causa do lugar?

I: Sim! Tem lugares que eu não xingo.

P: Onde, por exemplo?

I: Sei lá... restaurante... uma coisa mais fechada... assim... que as pessoas podem ouvir e.... eu acho.... Eu acho deselegante! Em lugares que eu tô arredeada de pessoas que eu não sei quem é.... e me ouvir falando palavrão.... Não, não acho que seria legal.

P: Então esses ouvintes a quem você não está se dirigindo...

I: Exato.

P: ... você fica com isso em sua mente...

I: É. Exatamente.

P: ... que tem pessoas que podem escutar.

I: Que podem escutar e eu acho... não acho legal, não.

P: Ah, o tópico da conversa influencia o seu uso de palavrões?

I: Sim!

P: É? O tópico?

I: Sim! Não é sobre qualquer assunto que eu vou soltar um palavrão!

P: Quais...

I: E.... e geralmente é....

P: Quais assuntos influenciariam mais?

I: Futebol, séries, filmes, livros e geralmente para mostrar a minha revolta... por algum assunto.

P: Só três perguntas mais aqui.... Seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

I: Influencia.

P: É? Você iria falar mais quando... nesse caso disse porquê... você fala mais quando está irritada, hum?

I: É. Geralmente é quando eu tô muito irritada... eu falo muito mais. Quando solto... chega... (Risos)

P: Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguagem primeiro?

I: Não. Acho que... estando com alguém que está falando, não influencia sua fala não. Se eu quiser falar é porque eu quis falar.

P: Você disse que dentro da sala de aula, você não falaria normalmente... não? Se um professor falar?

I: Eu não... continuaria sem falar!

P: Você não se sente confortável nesse...

I: Não.

P: Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é?

I: Sim!

P: Você acha que quando você fala... quando você usa palavrão, isso tem algo a ver com a sua identidade?

I: Eu acho que sim. Porque... é coisa minha. E como eu trato o.... onde e como falar e o que falar... é meu! Não é alguma coisa... que não é.... pessoas que vão me influenciar, né? Porque tipo... eu ouvi palavrão.... Vou falar porque fulano falou.... Não! É meu! E os palavrões, também, que eu falo são porque eu quero falar eles.

P: Ok. Só isso.

I: Ok?

P: Muito obrigado!

I: Obrigada!

Entrevista 5

Sexo do falante (Informante 05): Feminino

Sexo dos ouvintes: Misturado

Relacionamento entre eles: Amigos/Colegas de classe

Tópico da conversa: Ficar sem cigarros

Tom de voz: Irritado

Enunciação: *“Aí é foda, velho! Ficar sem cigarros. Louca pra fumar, viado! Ai buceta!”*

Reação do ouvinte: Riso

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Sim.

P: Sim? E qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão?

I: Expressar indignação.

P: Indignação, hum? Qual é o seu relacionamento com a pessoa com quem você acabou de falar?

I: Amizade.

P: Amizade? Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para as outras pessoas?

I: Na frente da minha sogra.

P: Só a sua sogra?

I: (Risos) É.

P: (Risos). Não existe outra pessoa?

I: Não, é.... Em ambiente de trabalho, também né?

P: Ok. Ah, então você modifica a sua fala dependendo da situação? Das pessoas? Sim?

I: Modifico.

P: É? Então em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Com certeza.

P: Você poderia explicar algo sobre isso?

I: Eu acho que.... é.... quando você está entre amigos existe uma descontração e você se sente mais à vontade para não ter um filtro pra poder é.... utilizar as palavras e quando você.... Tá num ambiente de trabalho.... Você fica meio que se regrado.... Colocando filtro pra poder se.... manifestar.

P: Certo. De forma geral, você.... Como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia? Você acha que usa muito? Mais ou menos?

I: Eu uso mais ou menos. Mais ou menos.... Eu não acho que eu uso muito, não!

P: Você poderia me explicar, quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões? De uma forma geral? Não estamos falando desse momento agora, mas de uma forma geral. Porque algumas pessoas usam para insultar, chocar, intimidar o outro...

I: Acho que é....

P: ... abusar, ser engraçado...

I: Enfatizar e acho que liberar energia... alguma coisa do tipo.

P: Certo. Quando você fica irritada com alguém...

I: É.

P: Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Não.

P: Você considera, por exemplo, o sexo da pessoa, a idade, status social, relacionamento... essas coisas afetam?

I: Sim, a idade. Acho que a idade.... Principalmente a idade!

P: Você poderia explicar algo sobre isso?

I: Sim, acho que por exemplo, na frente de pessoas mais velhas.... Minha mãe ou minha sogra, minha avó... a gente procura... (Risos) diminuir um pouco.

P: Seria.... Na presença de uma criança afetaria o seu uso de palavrões?

I: Ah pra ser..... No meu caso não!

P: No seu caso não. Ok. Você se sente confortável ao falar palavrões... não desculpe! Você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar?

I: Me sinto em qualquer lugar dependendo da situação, sim!

P: Então o lugar não afetará o seu uso de palavrões?

I: Não!

P: Se você está, por exemplo, dentro de uma igreja?

I: Não. Não vai afetar.

P: O tópico da conversação influencia o seu de palavrões?

I: Com certeza.

P: Você poderia me explicar algo sobre isso?

I: Se você... deixa eu ver..... Se você está falando, por exemplo, sobre estudo eu acho que... geralmente você não vai ficar falando palavrão, a não ser se você esteja demonstrando alguma indignação... sobre isso.

P: Existem alguns assuntos que talvez.... Você acha que.... Você falaria mais palavrões do que outro assunto? Por exemplo sobre esportes, ou sobre sexo, ou sobre o sexo oposto, alguma coisa?

I: Sexo, com certeza. Sexo... Sexo.

P: O estado... seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

I: Com certeza. Quando eu tô mais irritada, eu utilizo mais palavrões.

P: Duas perguntas mais aqui, certo? Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?

I: Existe situações.

P: Você poderia explicar talvez uma ou duas situações que.... Você não iria falar mas se a outra pessoa falasse, você se sentiria mais à vontade talvez para falar?

I: Assim... por exemplo, é.... acho que num ambiente social o outro acaba influenciando a gente, né? Então há um... talvez a gente tá se.... segurando pra não falar um palavrão, mas... alguém solta e você se sente mais à vontade pra...

P: Por exemplo, se você estivesse em sala de aula.... Você evita falar palavrão na sala de aula?

I: Não.

P: Não? Então isso não iria influenciar em nada. Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é?

I: Considero. Considero. Eu acho que influencia bastante.

P: Você quer explicar algo o seu uso de palavrões e talvez sua identidade?

I: Não.... Não sei o que falar.... Mas acho que de certa forma influencia a sua figura é.... com relação a forma com que as pessoas lhe veem, porque algumas pessoas não gostam, né? E outras pessoas já não se importam..., mas eu realmente não me importo.

P: Ok. Muito obrigado!

I: Tá bom.

Entrevista 6

Sexo do falante (Informante 06): Masculino

Sexo dos ouvintes: Misturado

Relacionamento entre eles: Amigos/Colegas de classe

Tópico da conversa: Ver sua bunda em fotografias

Tom de voz: Engraçado

Enunciação: “*A minha bunda tá muito grande, porra! Eu vi umas fotos [...] e caralho!*”

Reação do ouvinte: Riso

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Falei, sim!

P: Sim? Qual foi o seu objetivo ao falar aquela palavra ou expressão?

I: É pra enfatizar o.... o sentimento do... do que tá sendo falado... do que tá sendo exposto.

P: Ok. E qual é o seu relacionamento.... Ah.... Com a pessoa com que você acabou de falar?

I: Amigo!

P: Existe em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Sim, existe sim. É.... no caso de um ambiente mais formal, a pessoa tem um maior cuidado com um determinado linguajar. Já no informal, você já se solta mais.... Já se sente mais à vontade, aí... libera mesmo.... Os palavrões!

P: Então você mesmo... modifica sua fala dependendo da pessoa, da situação? Você acha? No seu uso de palavrões você vai ficar....

I: Dependendo da pessoa não... acho que não! Mas agora, dependendo da situação.... Sim!

P: Então.... Em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Existe. Existe.

P: Ok. De forma geral, não somente esse momento agora, mas de uma forma geral.... Como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: Eu.... Eu falo bastante. Durante o dia, eu falo bastante. Acho que só quando eu tô dormindo, eu não falo! (Risos)

P: (Risos). Você poderia me explicar, quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões?

I: Ah, o principal objetivo é realmente, enfatizar! Porque é.... o aspecto do palavrão ele acaba.... Elevando o.... o sentimento da pessoa.... A descrição do sentimento e você... tem aquela exacerbação do.... Do vivido, né?

P: Ok. Mas, você usa por exemplo, para insultar, chocar, ou intimidar alguém?

I: Uso, também!

P: É?

I: Uso.

P: Todas aquelas situações?

I: Uso.

P: Para ser engraçado?

I: Também.

P: Contar uma piada?

I: Eu acho que.... pra ser engraçado é mais frequente, ainda.

P: Ainda, hã? Você se sente confortável para falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: De qualquer pessoa.

P: Idade? Status social?

I: Tranquilamente. Tranquilamente.

P: E sobre.... Você se sente confortável em qualquer lugar?

I: Não. Como eu já havia explicado.... Só em ambientes mais formais.... é.... eu evito. Eu tento evitar.

P: Poderia me dar alguns exemplos de situações formais?

I: Por exemplo, você tá numa reunião de trabalho, ou apresentação de algum trabalho na.... Na faculdade, também... evito.

P: Ok. O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões?

I: Influencia bastante.

P: E o seu estado emocional, influencia?

I: Também.

P: É?

I: Influencia.

P: Poderia explicar algo sobre....

I: Por exemplo, quando.... quando.... É exatamente aquilo que eu já falei.... Pra... é.... elevar o sentimento que você ta vivendo.... Vivendo, né? Vivenciando. Eu acho que o palavrão enfatiza muito mais.

P: Ok. Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?

I: Não. Não vejo que.... Com a possibilidade de eu.... Não falar o palavrão, se a outra pessoa não falar. Eu sou eu. A outra pessoa é a outra pessoa.

P: E.... realmente, você acha que isso não afeta você?

I: Não. Não afeta, não.

P: Ok. A última pergunta aqui.... Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou quem você é?

I: Com certeza!

P: Especialmente o seu uso de palavrões.

I: Com certeza. Porque.... Quem você é, tá refletindo no aspecto que você... se veste, na sua fala.... Tudo tá envolvido com quem você é. Não dá pra separar.

P: Certo. Ok. Só isso. Muito obrigado.

I: De nada!

P: Muito obrigado! Eu agradeço muito!

Entrevista 7

Sexo do falante (Informante 07): Feminino

Sexo do ouvinte: Masculino

Relacionamento entre eles: Amigo

Tópico da conversa: Se fosse requerido pagar por reposições de provas

Tom de voz: Engraçado

Enunciação: *“Se eu tivesse que pagar, eu estaria fudida! Tá ligado?”*

Reação do ouvinte: Riso

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não? Na sua própria opinião.

I: “Fuder”? Quando eu falei “Fuder”?

P: Você usou isso.... Sim!

I: Um palavrão no sentido ruim, não é não!

P: Mas você considera essa palavra que você utilizou um palavrão ou não?

I: Depende da situação.

P: Certo. Muito bem. Qual foi o seu objetivo ao falar tal palavra ou expressão? Você teve o objetivo de que?

I: De.... “Fuder”.... Tipo, “Seria muito ruim”! Tá ligado?

P: Mas você estava tentando insultar, chocar, intimidar, enfatizar, ser engraçada?

I: Eu tava.... Eu acho que eu ia me sentir, “Fudida” (Risos).

P: Mas você estava tentando enfatizar? Ou...

I: Isso!

P: Enfatizar como você estava se sentindo sobre isso?

I: Geral.

P: E..... Qual é o seu relacionamento com a pessoa com quem você acabou de falar?

I: Só tava trocando uma ideia.

P: Certo. Um conhecido?

I: Só trocando uma ideia.

P: Amigo?

I: É.

P: Certo. Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Sim! Nos momentos formais.

P: Formais?

I: Por exemplo, eu estudo... eu sou estudante de direito... Tá ligado? Aí... no ambiente jurídico, o caba tem que... manerar assim nas palavras.... Não pode falar qualquer coisa.

P: Certo. Então você modifica a sua fala dependendo da situação? Das pessoas, essas... é?

I: Geral.

P: Então.... Em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

I: Infelizmente sim!

P: Sim? Ok.

I: Infelizmente!

P: De forma geral, como você descreveria a frequência com que você usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: Vixe.... O tempo inteiro!

P: Inteiro, hã? E você poderia me explicar.... Quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões? De uma forma geral?

I: Falar no sentido de.... Falar normalmente! É como todo mundo fala. Todo mundo fala palavrão.... Tá ligado? Então.... Eu vou falar palavrão!

P: Tem pessoas, por exemplo, que utilizam palavrões para agredir alguém...

I: Não, eu não uso não!

P: Ou só para enfatizar... ou quando bate o dedo... para... O palavrão sai...

I: Agredir, ninguém.... Eu não uso para agredir, não!

P: Agredir, não?

I: Eu, não!

P: Você usa para ser engraçada, por exemplo?

I: Não! Eu uso porque tem que usar! É o jeito que eu falo... Tá ligado?

P: Certo. Então, em muitos tipos de situações, muitos casos....

I: É.... não tem isso não.... De agredir.... Nunca usei para agredir ninguém, não.

P: Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa? Considera, por exemplo, a idade?

I: Não, não.... Da minha família, não. Da minha família eu não considero, não.

P: Liga não? Em outras situações?

I: Sim. Todo mundo pode se “Fuder”.... Tá ligado? Mas a minha família.... Eu não falo palavrão, não!

P: O status social influencia sua decisão?

I: Eu tô nem aí, não.... Para o status social, não.

P: E a idade, por exemplo?

I: Também, não! Quer dizer....

P: Criança?

I: Se for uma criança.... Eu não falo, não!

P: Uma pessoa de 90 anos?

I: Também não falo, não!

P: Não?

I: São os pontos extremos.... Eu falo.... Pra uma galera que eu não possa influenciar.... Tá ligado? Porque quando é uma criança.... Eu não quero ter poder sobre o que ela tá escutando! Tá ligado?

P: Certo.

I: E se for um idoso, também! Quando o caba tá idoso.... É como se voltasse a ser criança.... Tá ligado? É outro processo.

P: Certo. E.... Você se sente confortável em falar palavrões em qualquer lugar?

I: Se fosse.... Sim, em qualquer lugar!

P: Qualquer lugar?

I: Qualquer lugar.

P: Dentro da sala de aula não tem problema?

I: De ter, tem! (Risos). Mas... eu não tô nem aí!

P: Ok. Certo. Mas você não tem problemas em falar dentro da sala de aula?

I: Não, tenho não.

P: Se você estivesse, por exemplo, dentro de uma igreja ou alguma coisa... mesmo....

I: Eu não frequento igreja, não! E justamente por isso!

P: Mas se você entrasse, por exemplo...

I: Eu acho que eu falava um monte de palavrão!

P: Certo.

I: Se fosse uma igreja.... Eu só falava palavrão! Entrava só pra falar palavrão!

P: Certo. O tópico da conversa.... Influencia o seu uso de palavrões?

I: O que?

P: O tópico da...

I: Da conversa?

P: Da conversação... desculpe. Da conversação.

I: Na maioria das vezes, sim!

P: É? Você poderia citar exemplos... sobre talvez.... alguns assuntos em que você iria falar mais palavrão do que outros tópicos, por exemplo?

I: Quando eu tô com raiva. Quando eu tô com raiva, eu falo muito palavrão.

P: Certo. Então.... Isso é mais um estado de....

I: De ódio!

P: ... emocional.

I: É.... isso.

P: Mas de... de tópico.... Por exemplo, falando sobre esportes, ou política...

I: Não, tem não! Eu falo....

P: Ou o sexo oposto, falando sobre sexo...

I: Falo palavrão o tempo inteiro.

P: O tempo inteiro.

I: Não tem isso, não!

P: Não tem nenhum assunto específico?

I: Não!

P: E seu estado emocional? Você disse agora que isso influencia, hã?

I: Influencia.

P: É? Por exemplo, se você está alegre.... Você tende a falar menos ou mais?

I: Falo mais! Aí é que eu falo!

P: Certo. E com raiva, irritada...

I: Falo também! Oxe.... Eu falo o tempo inteiro!

P: O tempo inteiro... Ok. (Risos). Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões, se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro? Então, você não se sentiria confortável até a outra pessoa falar. Se a outra pessoa falar, talvez você falaria?

I: Não. Não. Não existe isso não. É eu que tô falando! Eu falo do jeito que eu quiser!

P: Mas se você estiver falando com uma pessoa idosa... que você disse que normalmente não iria falar...

I: Sim.

P: Especialmente se você não conhece a pessoa, hã?

I: Não, fora essas exceções....

P: E a pessoa fala?

I: Fora essas exceções eu....

P: Mas essa pessoa... vamos dizer um... uma mulher de noventa anos falou [o palavrão] que você falou... talvez você vá falar?

I: Falo não. Falo não.

P: Não?

I: Falo não.

P: Por que?

I: Porque eu não quero ter poder sobre o que aquela pessoa tá escutando. Uma pessoa idosa é uma criança. É nesse sentido.... De idoso e criança... eu não falo, não!

P: Certo.

I: Mas se for uma pessoa de uma cabeça assim... de boa, livre... eu falo!

P: E a última pergunta aqui.... Você considera o seu linguajar... e nessa situação: uso de palavrões... um aspecto importante de sua identidade? Ou quem você é?

I: Sim!

P: É? Pode explicar isso?

I: Porque é uma linguagem popular... Tá ligado? Todo mundo fala palavrão e não tem isso de ficar se escondendo, não! Todo mundo tem que falar e ser sincero assim... Se que falar “porra”, “fudeu”... é falar “porra”, “fudeu”, mesmo!

P: Mas você acha que isso é importante para sua própria identidade? ... social.

I: Sim. Sim. Sim.

P: É? Isso mostra o que? De sua identidade? Você quer mostrar o que?

I: Não.... Mostro que eu sou sincera e que eu não ligo.... Não tô nem aí pra quem tá escutando... Tá ligado? Isso é uma coisa minha.

P: Ok. Muito obrigado!

Entrevista 8

Sexo do falante (Informante 08): Masculino

Sexo dos ouvintes: Masculino

Relacionamento entre eles: Amigos

Tópico da conversa: Homem e sexo

Tom de voz: Engraçado

Enunciação: *“Quem vê pensa que eu sou rapariga mesmo, né amiga?”*

Reação do ouvinte: Riso

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Ok, então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

I: Não.

P: Não? Pode explicar?

I: Porque...

P: Você falou “a rapariga”, não?

I: Isso!

P: Certo. Ok.

I: Eu não vejo esse palavrão... tipo.... Como dizem “rapariga”, como um ato de malícia ou como o pessoal fala, né? Palavrão é.... uma palavra simples, normal que...[.] Eu usei numa frase onde... eu me sinto... eu me enquadro nela. Tipo... sem tipo de... malícia alguma.

P: Certo. E qual foi o seu objetivo ao falar essa palavra?

I: Esclarecer que... (Risos) eu não sou “rapariga”. (Risos)

P: Certo. Então não foi para insultar, chocar... foi para o que? Enfatizar alguma coisa?

I: Só enfatizar, mesmo!

P: Enfatizar? E qual é o relacionamento entre você e as pessoas com quem você acabou de falar?

I: Tranquilo.... Eles.... São bem razoáveis com relação a isso...

P: Mas vocês são amigos?

I: Sim, amigos.

P: Estudam juntos?

I: Não.

P: Não? Certo.... Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões para outras pessoas?

I: Evito.

P: Sim?

I: Sim.

P: Então você modifica a sua fala dependendo da situação?

I: Isso!

P: Ou das pessoas... e isso...

I: Isso!

P: Ah.... Poderia explicar algo sobre isso?

I: Sim... é.... porque assim, às vezes eu posso usar uma palavra que... pra mim não pode ter nenhum tipo de malícia e nem é uma questão de ofensiva..., mas pra outra pessoa pode ser.... tipo até mesmo como um ato de... de agressividade.... Tipo.... “Ah eu falo isso e aquilo...” Tipo.... Como uma forma de.... De arrogância mesmo ou de.... “Ah, ele chama palavrão! Isso não é certo!”

P: Então, você liga pra isso?

I: Com certeza!

P: O que a outra pessoa vai achar.... Então em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões? Ou palavras ofensivas?

I: Com certeza! Acho que tem um contexto para isso.... Tem momentos certos.... É casos e há casos!

P: Certo. Ah... poderia me dá algum tipo de exemplo? Que você acha que você não iria falar, por exemplo?

I: Por exemplo, numa situação que...

P: Inapropriada talvez... e outra apropriada?

I: Inapro... deixa eu pensar aqui.... Tem tantas, né? Uma entrevista de empre... é..... Uma entrevista, por exemplo... eu não posso chamar palavrões ou usar palavras que a pessoa possa interpretar de... é.... de outra forma.... Como uma forma de agressividade.

P: Você usaria essa palavra que você falou agora, em uma entrevista?

I: Não.

P: Não?

I: Com certeza! não!

P: Ah.... De forma geral, como você descreveria a frequência com que você usa palavrões no seu dia-a-dia?

I: Diariamente. (Risos)

P: Mas muito? Mais ou menos?

I: Não... não muito... diariamente mesmo assim...

P: Ou só depende?

I: Depende mais da ocasião que eu esteja e com quem eu esteja.

P: Certo....

I: Por exemplo, se eu estiver com dois amigos que eu me sinto.... Que totalmente.... Meio que totalmente à vontade, eu vou ficar mais..., mais à vontade pra... que me expressar com as palavras.

P: Certo. E você poderia me explicar quais são os seus principais objetivos ao falar palavrões de uma forma geral?

I: Mo.... (Risos)

P: Porque existem muitos objetivos diferentes que as pessoas têm... para insultar, às vezes.... Ou como uma agressão ou ser engraçado... ou enfatizar...

I: Não. Não. É mais engraçado mesmo... assim... só pra rir, mesmo! Só que enfatizar... brincar, mesmo!

P: Você usa pra agredir alguém?

I: Não. Não.

P: Não?

I: Não uso.

P: Alguma coisa assim? Tem pessoas dirigindo... e fazem algo... e ele fala um palavrão....

I: Ah, não! Também, não!

P: Não? Ah... você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

I: Não! (Risos)

P: Poderia dar alguns exemplos que você não iria fazer ou...?

I: Na frente dos meus pais, por exemplo, eu não chamo palavrões.

P: Certo. Outros?

I: E nem de pessoas idosas, por exemplo.... Crianças.... É mais com amigos mais íntimos que eu me... como eu disse.... Me sinto mais à vontade para me expressar.

P: Dentro da sala de aula? Você iria falar palavrão?

I: Não.

P: Não? Por que?

I: Porque tem pessoas que podem interpretar... tipo... por mais que eu fale uma palavra que não seja maliciosa, as pessoas vão interpretar tipo... dessa outra forma... tipo.... De agressividade.... Como eu já tinha dito.... Mas, não!

P: Não? E.... você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar?

I: Também, não!

P: O.... o lugar... ah....

I: Acho que tem lugar pra isso... certo.... Por exemplo, numa roda de amigos... em casa, por exemplo... numa praça..., mas que seja... tipo.... Mas que esteja entre pessoas mais próximas.... Não... tipo... totalmente aberto... tipo.... Pra todo mundo ouvir.

P: No em... no trabalho? Se você se sente confortável com as pessoas...

I: Também, não!

P: Não? O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões? Você acha? Ou você usa com qualquer tópico?

I: Não.... Tem.... Tem restrições com.... é.... que... com relação a isso....

P: É?

I: Não é todo tipo de conversa que eu uso palavrões, não!

P: Qual tipo de conversa iria... incentiva-lo mais a usar palavrão? Você iria usar mais...

I: Putaria. Quando se....

P: É?

I: Quando se trata de putaria... Eu chamo bastante!

P: É? Outra coisa por exemplo... política ou falando sobre... qualquer outro... esportes e..... Não tem outros assuntos?

I: Não.... É mais nesse.... É mais nesse tópico, mesmo!

P: É? Ah... O estado... seu estado emocional influencia o seu uso de palavras?

I: Sim. Demais!

P: Poderia explicar?

I: Quando eu tô com muita raiva, por exemplo, eu chamo outros palavras... um pouco mais pesados... digamos assim... mais... é variado mesmo.... É mais de acordo com o meu senso de humor!

P: É? Ok. Só duas perguntas mais aqui... São rápidas. Ok.... Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavras, se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro? Pense sobre uma situação que você iria evitar... mas se a pessoa falou... você iria se sentir mais à vontade para fazer ou talvez falar palavra, mesmo.

I: Não, eu falo mesmo!

P: Então... por exemplo.... Na sala de aula que você disse que não falaria...

I: Não.

P: Se o professor falasse? Você talvez falaria?

I: Vai depender, tipo... do que está se tratando naquele momento... então, assim... se eu ver que o assunto tá... pode totalmente... tenho o livre-arbítrio... assim... pra se expressar com palavras... eu vou, sim!

P: Se o professor falar primeiro?

I: Sim!

P: E se o professor não falar primeiro?

I: Aí, não!

P: Então isso influência, hã?

I: É mais uma abertura mesmo... também... de espaço... também.

P: E finalmente.... Você considera o seu linguajar ou nesse caso, o seu uso de palavras, um aspecto importante da sua identidade ou quem você é?

I: Com certeza!

P: Como?

I: Porque é algo meu! Por... Tipo... é a forma como eu me expresso com outras pessoas.... Não só com outras pessoas, mas assim... de acordo com o lugar que eu esteja... Tipo... é apropriado para isso. Então, assim... é algo que faz parte de mim! É uma cultura!

P: Certo. Então... isso mostra algo sobre suas origens ou sobre suas crenças? Sua faixa etária...

I: Não, porque na verdade eu acho que... isso envolve... mais assim... de acordo com as pessoas com quem você... tipo... esteja com contato.... Eu acho que isso a.... a gente assimila! Pega manias... usa tipo... às vezes você pode usar uma palavra que você... tipo... falou, certo? Aí eu achei interessante.... Não só interessante, mas assim... passa outro... outro tipo de conversa... mostra outra coisa... aí assim... eu assimilo, sim e guardo pra mim! Até mais assim, pra mim usar depois aquela palavra.

P: Certo. Ok. Muito obrigado! Eu agradeço, muito!

I: Por nada!

Entrevista 9

Sexo do falante (Informante 09): Feminino

Sexo dos ouvintes: Feminino

Relacionamento entre eles: Amigas

Tópico da conversa: Um professor

Tom de voz: Irritado

Enunciação: *“Ele é um filho da puta!”*

Reação do ouvinte: Riso

I: = Informante

P: = Pesquisador

P: Primeiro... você falou... você falou sobre o professor?

E: Foi.

P: Ok. Então você falou...

E: “Filho da puta”.

P: “Ele é um filho da puta! ”

E: Foi! (Risos)

P: Então.... Em sua opinião, você acabou de falar um palavrão ou não?

E: Sim.... Um palavrão.

P: Um palavrão?

E: Aham!

P: E qual foi o seu objetivo ao falar tal palavrão ou expressão?

E: Eu acho que tem... certas coisas que a gente só consegue explicar dessa forma... colocando para fora desse jeito! Eu acho que é uma coisa diária... assim... é um modo de... de xingar... só... sai naturalmente! (Risos)

P: Certo. Então isso foi um xingamento?

E: Foi... foi um xingamento!

P: Certo... para insultar, chocar, intimidar, enfatizar ou ser engraçada?

E: Enfatizar! Acho que enfatizar...

P: Enfatizar, nesse caso?

E: Sim!

P: Qual é o relacionamento entre você e as pessoas com quem acabou de falar?

E: Professor e aluno.

P: Não... não nesse caso...

E: Ah... as minhas amigas!

P: As suas amigas! São colegas também?

E: São... são colegas de turma... algumas... menos uma que tá ali..., mas três... as outras duas são!

P: Mas, considera todas amigas, hã?

E: Sim!

P: Certo... E..... Existem momentos em que você evita falar certas palavras que possam ser consideradas ofensivas ou palavrões?

E: Sim! Em casa... na igreja, por exemplo... em alguns lugares... assim... que eu considero falta de respeito, de certa forma...

P: Então, você modifica a sua fala dependendo da situação?

E: Sim!

P: É? Ah.... Em sua opinião, existem momentos apropriados e inapropriados para o uso de palavrões?

E: Com cer... Acho que sim! Eu acho que... não é nem por mim..., mas eu acho que em alguns lugares a gente... com algumas pessoas que eu sei que... ofenderia... seria uma ofensa... eu evito falar para não causar confusão ou... intriga ou...Algun constrangimento.... Quando eu tô em algum lugar como aqui, eu sei que posso ficar à vontade, eu... consigo ser mais livre, né? (Risos). Em casa, por exemplo, eu sei que a minha mãe não gosta.... Então, eu não falo! (Risos)

P: Certo!

E: Eu tô na casa dela, né?

P: Tá bom.... De forma geral, como você descreveria a frequência com que usa palavrões no seu dia-a-dia?

E: Ai... muita! Eu falo muito!

P: Muito?

E: Constantemente. Sim!

P: Certo. Você poderia me explicar quais são seus principais objetivos ao falar palavrões? De uma forma geral...

E: Geral? É o que eu falei... eu acho que eu consigo... é um modo de expressar mais rápido alguma coisa... enfatizar... e.... sei lá... característica... eu acho... já... eu falo... já é a minha fala!

P: Por exemplo, você utiliza para insultar?

E: Sim!

P: Sim? Para chocar?

E: Eu utilizo para... palavrões para... pode ser para insultar... pode ser para... quando uma coisa é muito boa também, a gente fala... eu falo! E tem... dependendo muito do palavrão e do contexto que tá... serve para chocar, pra insultar, pra incomodar, né? (Risos). Depende muito...

P: Mas você usa para ser engraçada, por exemplo?

E: Não.... Acho que não!

P: Não? Nas piadas ou algo parecido?

E: Não... eu acho que não depende disso, não! De falar palavrão... eu acho que o palavrão não acrescenta muito, não... numa piada para ser engraçada.

P: Então, você utiliza para acrescentar algo... alguma coisa.

E: Sim! Pra dar mais... efeito! (Risos)

P: Mais efeito... Ok! Você se sente confortável ao falar palavrões na presença de qualquer pessoa?

E: Não!

P: Você já falou um pouco sobre isso...

E: É.... não... não na frente de qualquer pessoa... não me sinto confortável! Por exemplo, na frente da minha avó... não falaria! Não me sinto confortável... porque sei que causaria espanto ou... ela ficaria desconfortável...

P: Mas, nesse caso... porque ela é família ou por causa da idade dela?

E: Ambos.

P: Ambos, hã?

E: Ambos.... Ela já é uma senhora bem velhinha e eu sei que não tem contato com isso..., mas, por exemplo, se eu tiver na frente de... de determinado professor... às vezes eu não falo! Se eu tiver na igreja, como eu falei, eu não falo... eu evito! Então acho que é.... que é isso! Às vezes eu tô num.... num banco, por exemplo, com uma pessoa que eu considero que é acima de mim...

P: Hurum...

E: Eu evito falar! A não ser que eu esteja estressada! (Risos)

P: Certo... E crianças?

E: Crianças também, não!

P: Não?

E: Não. Eu também acho.... Não chegou o momento ainda de elas entrarem em contato com isso!

P: Certo. Ah.... Você se sente confortável ao falar palavrões em qualquer lugar?

E: Não.

P: O tópico da conversação influencia o seu uso de palavrões?

E: Sim.

P: É?

E: Tem con...

P: Pode explicar algo sobre isso?

E: Tem conversas, por exemplo... conversas que a gente... que é um tema polêmico... eu acho que... faz a gente falar mais ou quando é uma coisa que... como eu lhe falei... que eu tô muito à vontade, falando de alguma pessoa que eu não gosto ou.... De algum assunto que eu gosto muito... porque é como eu falei... eu uso também por as... com coisas boas... uma coisa que me deixa muito excitada... então eu acho que eu uso mais... palavrões! (Risos)

P: O seu estado emocional influencia o seu uso de palavrões?

E: Sim! (Risos)

P: Você explicou isso basicamente agora, hã? Existem momentos em que você provavelmente não falaria palavrões se a outra pessoa não usasse esse tipo de linguajar primeiro?

E: Sim.

P: Pode explicar isso?

E: É o que eu falei... tem lugares em que... com algumas pessoas que a gente se sente mais... que eu me sinto mais desconfortável para falar, mas se aí... que se a pessoa fala... talvez eu veja que eu tenha liberdade pra... pra conseguir isso.... Por exemplo, eu tô numa sala de aula... e algum professor vai e fala... me dá liberdade de achar que eu também posso!

P: Você realmente acha que falaria se o professor falasse primeiro?

E: É..... Se.... se.... por exemplo... como eu disse... se ele falar primeiro... talvez eu falasse antes..., mas já que...

P: Ou depois, hã?

E: Que ele não falou... eu não falo..., mas aí se.... se eu vejo que tá numa conversa... tranquila e agradável (Risos) ... Talvez eu me sinta melhor em falar, né? E não reprimir! (Risos).

P: Certo. Essa é a última pergunta aqui. Você considera o seu linguajar um aspecto importante de sua identidade ou que você é?

E: Com certeza!

P: Nesse caso, o seu uso de palavrões... acha que isso é uma parte de sua identidade?

E: Acho já é.... seria uma parte da minha identidade, já! Eu acho que eu não consiga..., eu já tentei parar de falar... e não consigo! Porque eu acho que é uma coisa que... que vem espontaneamente. Tem algumas situações que eu acho que só conseguiria explicar, falando... incluindo palavrão no meio, pra tornar a coisa mais forte. Então, eu acho que já é parte... e não considero uma coisa ruim!

P: Certo...

E: De forma alguma!

P: Eu agradeço muito! Muito obrigado!

E: Por nada!

APÊNDICE H

SEÇÃO 1 – QUESTÃO 1: GRAU DE OFENSIVIDADE
 (INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO – CLASSIFICAÇÕES INDIVIDUAIS)

Q-INF/	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
Caralho	5	5	2	4	5	5	1	10	3	6
Porra	5	5	4	4	5	5	1	4	2	6
Puta	9	9	9	9	5	10	10	2	8	10
Merda	4	4	2	1	1	3	1	1	2	3
Corno	6	7	8	5	1	5	10	3	1	9
Cu	2	4	4	9	5	1	9	5	5	7
Foda	2	4	4	6	3	1	9	1	4	4
Viado	9	9	8	8	5	5	10	2	7	10
Cacete	2	6	4	1	1	1	1	1	1	3
Rapariga	6	9	7	9	8	10	10	2	9	10
Buceta	4	8	4	7	5	1	10	4	6	6
Bosta	2	5	5	4	1	4	1	1	1	2
Fresco	3	8	5	5	1	1	10	1	3	8
Macaco	10	10	6	10	10	10	10	10	10	10
Piranha	10	9	6	10	5	10	10	2	8	10
Quenga	10	9	6	10	5	9	10	2	5	10
Q-INF/	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Caralho	5	6	4	1	5	9	3	3	4	8
Porra	4	4	5	1	3	9	3	1	5	5
Puta	6	9	10	8	8	10	8	7	5	9
Merda	1	2	4	1	2	1	3	2	4	7
Corno	6	9	10	6	10	10	9	2	6	9
Cu	8	5	6	6	3	7	3	4	9	10
Foda	8	2	4	3	1	1	2	4	3	9
Viado	9	10	10	9	10	10	6	4	6	10
Cacete	5	4	4	3	5	10	2	1	6	8
Rapariga	7	9	9	8	10	10	8	3	8	10
Buceta	4	4	1	3	5	*5	2	3	9	9
Bosta	1	2	2	1	5	5	3	1	3	3
Fresco	8	6	5	9	10	10	5	1	5	6
Macaco	10	9	10	9	10	10	10	10	4	10
Piranha	8	8	10	8	10	10	8	3	7	7
Quenga	7	8	9	8	10	10	9	3	9	5

APÊNDICE I

SEÇÃO 2 – QUESTÃO 3: FREQUENCIA DE USO
 (INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO – CLASSIFICAÇÕES INDIVIDUAIS)

1 = NUNCA 2 = QUASE NUNCA 3 = ÀS VEZES 4 = FREQUENTEMENTE

Q-INF/	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
Caralho	4	2	1	2	4	4	4	1	4	2
Porra	4	3	3	4	4	4	4	1	4	3
Puta	3	2	1	1	4	3	1	3	2	2
Merda	4	3	3	1	4	3	4	4	3	4
Corno	2	2	1	1	2	2	1	2	3	2
Cu	4	2	1	1	4	3	2	1	4	2
Foda	4	2	3	4	4	4	3	3	4	3
Viado	3	3	1	2	4	4	1	3	3	2
Cacete	3	1	3	1	4	2	3	4	3	3
Rapariga	2	1	1	3	3	2	1	3	1	2
Buceta	4	1	3	2	4	3	2	1	2	3
Bosta	3	3	1	1	4	3	3	4	4	4
Fresco	3	1	3	1	3	2	1	3	3	2
Macaco	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2
Piranha	1	1	1	2	1	1	1	3	1	1
Quenga	2	2	1	3	3	2	1	3	2	3
Q-INF/	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Caralho	3	3	3	3	3	3	4	4	2	3
Porra	4	4	4	3	3	3	4	4	3	3
Puta	2	2	2	2	3	1	2	3	2	2
Merda	1	4	4	2	3	3	3	2	2	3
Corno	1	1	2	3	3	1	2	2	1	1
Cu	1	3	3	2	2	2	4	3	1	1
Foda	2	4	4	3	3	4	4	4	3	2
Viado	2	4	2	2	3	4	2	4	1	1
Cacete	4	2	2	3	2	1	2	1	1	1
Rapariga	4	1	3	2	3	2	2	4	1	2
Buceta	4	4	4	2	*3	2	3	4	1	1
Bosta	3	4	4	1	3	3	2	3	3	3
Fresco	1	2	3	1	3	1	2	3	1	2
Macaco	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Piranha	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Quenga	2	1	2	1	3	1	2	2	1	3

APÊNDICE J

(INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO – CLASSIFICAÇÕES INDIVIDUAIS)

SEÇÃO 2 - QUESTÃO 11: Com quais objetivos e/ou estados emocionais você usa palavrões?

1 = NUNCA 2 = QUASE NUNCA 3 = ÀS VEZES 4 = FREQUENTEMENTE

Q-INF/	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
Desabafar	4	2	2	4	4	4	3	3	3	3
Insultar/Ofender	4	2	2	1	3	4	1	1	2	3
Alegria ou Surpresa	4	1	3	2	4	4	4	3	3	1
Fico assustado	4	1	3	3	4	4	3	3	1	4
Intimidar alguém	4	1	1	3	3	4	1	1	2	1
Ser engraçado	4	1	3	3	3	4	3	1	4	3
Sinto dor	4	1	3	2	4	4	2	3	3	4
Estimulação sexual	4	1	1	1	2	4	1	1	1	1
Incentivar/Animar	4	1	2	3	4	3	2	1	2	2
Impressionar/Atrair	4	1	1	1	4	3	2	2	2	1
Q-INF/	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Desabafar	3	3	3	4	1	2	4	2	2	3
Insultar/Ofender	3	4	3	4	3	3	3	3	3	1
Alegria ou Surpresa	3	4	3	4	3	1	4	4	2	3
Fico assustado	3	3	2	4	3	4	4	4	1	3
Intimidar alguém	2	2	2	2	3	1	4	3	1	1
Ser engraçado	2	2	2	1	1	1	4	4	1	1
Sinto dor	4	4	3	2	2	3	4	4	2	3
Estimulação sexual	2	2	4	3	2	4	1	1	1	3
Incentivar/Animar	2	3	3	1	2	2	4	3	1	1
Impressionar/Atrair	2	2	2	1	1	1	3	3	1	1

SEÇÃO 2 – QUESTÃO 12: Em quais tipos de conversa você usa palavrões?

1 = NUNCA 2 = QUASE NUNCA 3 = ÀS VEZES 4 = FREQUENTEMENTE

Q-INF/	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
sobre SEXO	4	1	1	1	4	4	3	2	2	2
sobre ESPORTES	4	1	1	2	4	2	4	1	1	1
sobre O SEXO OPOSTO	3	1	1	3	4	4	2	2	3	1
CONTO PIADAS, ETC.	4	1	1	2	4	4	3	2	4	2
sobre POLÍTICA	2	1	1	2	4	3	3	1	4	2
sobre RELIGIÃO	2	1	1	1	4	3	2	1	2	2
Q-INF/	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
sobre SEXO	2	2	4	3	2	3	4	3	1	1
sobre ESPORTES	1	1	4	1	2	1	4	1	1	1
sobre O SEXO OPOSTO	2	4	4	1	2	1	3	3	1	2
CONTO PIADAS, ETC.	3	3	3	1	2	2	4	4	1	2
sobre POLÍTICA	4	3	3	1	2	3	4	4	2	3
sobre RELIGIÃO	2	2	1	1	2	4	3	4	1	1

APÊNDICE J (CONT.)

(INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO – CLASSIFICAÇÕES INDIVIDUAIS)

1 = NÃO INFLUENCIA 2 = INFLUENCIA POUCO 3 = INFLUENCIA MAIS OU MENOS 4 = INFLUENCIA MUITO

[illegible]

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 7ª Reunião realizada no dia 20/08/2015, o Projeto de pesquisa intitulado: **“PALAVRÕES NO CCHLA NA UFPB: UMA ANÁLISE SINCRÔNICA DO SEU USO SOB A ÓTICA DA TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO”**, do pesquisador David Diniz Swingler. Prot.: 0222/15. CAAE: 44588215.7.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.

Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB